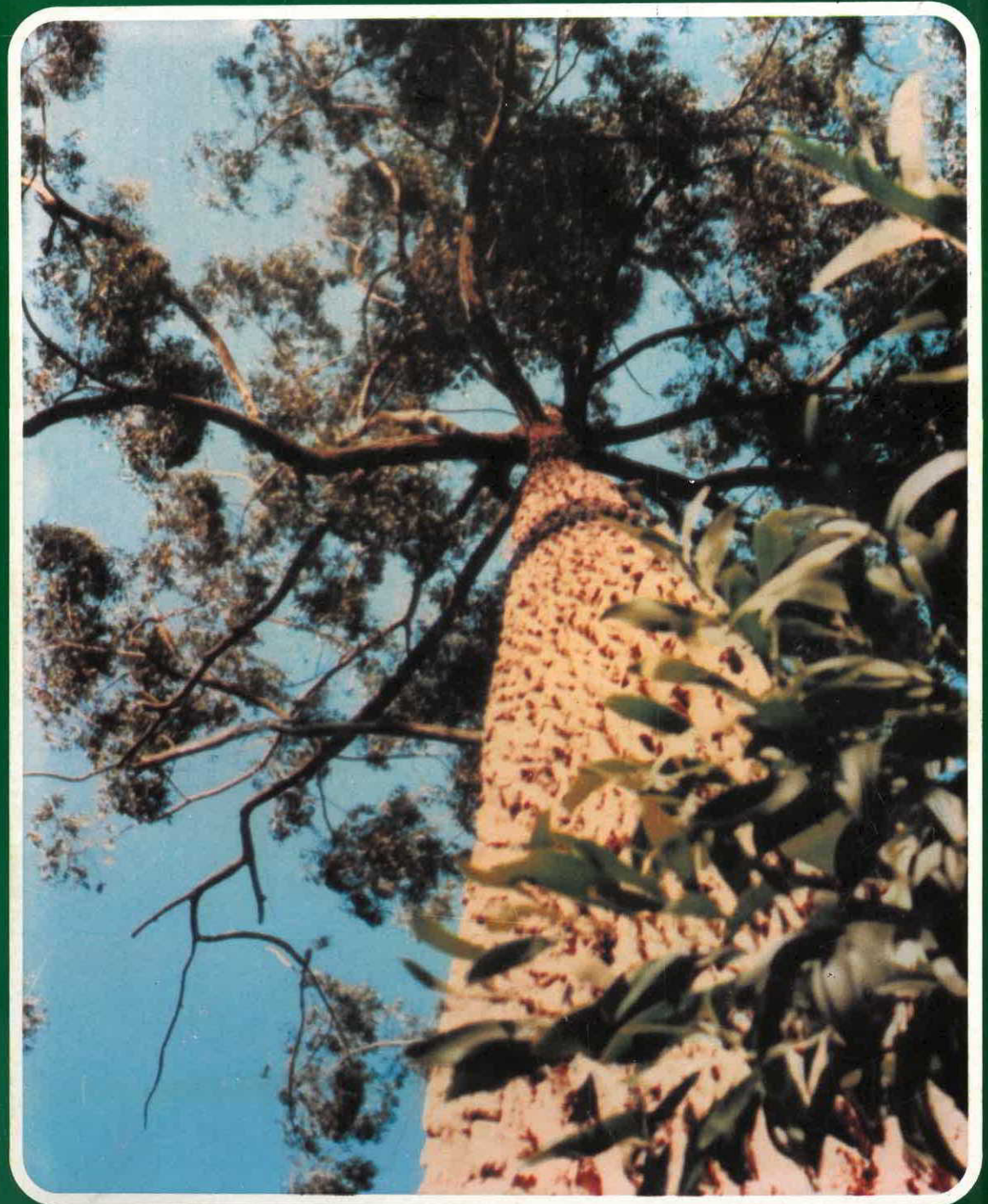


ÁRVORES MONUMENTAIS DE PORTUGAL



ERNESTO GOES
(ENGENHEIRO SILVICULTOR)

630(469)

ÁRVORES MONUMENTAIS DE

PORTUGAL

ERNESTO GOES
(ENGENHEIRO SILVICULTOR)

PUBLICAÇÃO DA PORTUCEL

1984

Cdi PORTUCEL SETUBAL

C. Registro 56496
CDU 630(469)
Cota
Data 07/11/2022

PREFÁCIO

Pelos produtos e matérias-primas que nos fornece, como meio de vida para os que nela trabalham, pelos animais e plantas que nela vivem, como elemento enriquecedor da paisagem e regulador do clima, pelos seus efeitos benéficos na protecção dos solos e pela beleza que proporciona, a floresta ocupa um lugar muito especial entre os recursos naturais postos à disposição do homem.

Portugal, pobre em recursos minerais e com área reduzida de terrenos aptos para a exploração agrícola, é natural que aproveite, de forma equilibrada e livre de fantasmas, as aptidões para a criação de uma floresta que, contemplando os seus múltiplos usos, não despreze a sua potencialidade como geradora de riqueza.

É natural que o aumento do património florestal, que ocupa já um lugar de relevo na economia nacional e oferece amplas possibilidades de expansão, constitua preocupação para os que se interessam pelo nosso futuro.

A Portucel, pela posição que ocupa no sector industrial ligado à floresta e pela acção que vem desenvolvendo na florestação de áreas até hoje incultas e inaptas para a exploração agrícola, tem em relação à floresta uma atitude responsável e realista.

A publicação deste livro, obra de um homem a quem a floresta nacional muito deve, é uma forma de exprimir o nosso empenhamento em contribuir, de forma positiva, para o enobrecimento da nossa riqueza florestal e, consequentemente, para o progresso da terra em que vivemos.

PORTUCEL

INTRODUÇÃO

Em Portugal existe um rico e incalculável património de árvores "Monumentais", muitas delas multiseculares ou mesmo milenárias, e outras de grande porte e altura, sendo mesmo as maiores da Europa.

Infelizmente que o inventário dessas árvores era ainda muito incompleto, pois aquelas que se encontram registadas oficialmente e que estão consideradas de interesse público, representam apenas uma parcela da sua existência real. Por outro lado as publicações existentes sobre a matéria ou são muito poucas e antigas — de Sousa Pimentel (33 e 34), Sousa Tavares (39, 40 e 41), Taborda de Moraes (22, 23, 24 e 25) e Baeta Neves (8 e 9) — ou são monografias de alguns Parques — de Azevedo Gomes e Brito Peres (7 e 11).

Também há a assinalar uma publicação sobre "Eucaliptos Gigantes", que representa um contributo restricto sobre este assunto (17).

Tratam-se de grandes lacunas, que agora se pretende, em parte, colmatar, dando a conhecer ao País o maior número possível dessas árvores excepcionais.

Por outro lado pretendemos com este trabalho mentalizar toda a gente pelo respeito pelas árvores, principalmente por aquelas que, pela sua idade e porte, deveriam ser rigorosamente protegidas.

Se bem que o Decreto n.º 28 468 de 15 de Fevereiro de 1938, proíba o corte e desrama de árvores classificadas de interesse público pela Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, sem prévia autorização, no entanto essa lei, tão importante, para salvaguarda das "árvores monumentais" do País, não deu os resultados esperados, por terem apenas protegido as árvores que os proprietários por sua livre vontade desejavam que fossem consideradas de interesse público.

Nestas circunstâncias o número de árvores classificadas de interesse público foi sempre diminuto, pois para ser completo dever-se-ia ter feito um verdadeiro inventário de "árvores monumentais", que pelo seu porte excepcional e idade avançada, deveriam ter sido protegidas.

Por outro lado, desde 1974, que nenhuma árvore foi considerada de interesse público, facto este, que adicionado ao desaparecimento de algumas árvores pelas intempéries e também pelo homem, veio empobrecer ainda mais a lista das árvores classificadas de interesse público.

Por todas estas razões, pretende-se que os Serviços Oficiais, talvez com uma nova legislação e fiscalização eficiente possam defender todos os exemplares considerados monumentais (estes que apresentamos e outros que venham a aparecer), de modo a não assistirmos indiferentes e como simples espectadores à destruição constante dessas árvores. Basta os estragos efectuados pelas intempéries, com principal destaque para o ciclone de Fevereiro de 1941, que provocou prejuízos incalculáveis, tendo derrubado inúmeras árvores, muitas delas as maiores e mais célebres do País. É o caso do *Pinheiro manso da*

estrada de Arganil para Folques; do *Pinheiro manso do Porto*, junto à Avenida da Boavista; do *Pinheiro manso de Ourique* (o maior do Baixo Alentejo), do *Pinheiro manso da Atalaia* (Montijo); do *Sobreiro de Vale da Casca* no concelho de Odemira, dos maiores do País; do *Freixo de Trancoso*, que já era monumental no tempo de D. Diniz; do *Pinheiro bravo do casal da Aveleira* na estrada da Sertã para Pedrogão Pequeno que era considerado de interesse público; das muitas árvores do *Parque da Pena e do Buçaco*, algumas delas das maiores e mais velhas dessas matas, etc..

Também muitas árvores seculares e monumentais foram posteriormente derrubadas por ciclone e vendavais, algumas delas, mesmo por vendavais muito recentes, é o caso do *Pinheiro bravo de Avô* (concelho de Oliveira do Hospital), um dos maiores do País e considerado de interesse público; do *Pinheiro manso da Cachoeira no concelho do Cartaxo* e do *Pinheiro manso de Cativelos no concelho de Gouveia*, também considerado de interesse público; dum *E. globulus* em *Vale de Canas*, próximo de Coimbra, que mediu no chão 70 m; dum *E. globulus* na *Ponte Nova na Mata de Leiria*, cuja madeira foi vendida por 50 contos; da *Azinheira do Carro, na Herdade de Pae Anes*, em Niza, que dera 32 toneladas de madeira; da *Azinheira da Herdade da Água do Peixe* em Alvito; do *majestoso e secular cerqueiro (híbrido de sobreiro e azinheira)*, da *Herdade de Monte Cerro*, na freguesia de S. Martinho das Amoreiras, no concelho de Odemira, que se avistava a grande distância, etc.

Também muitas árvores têm sido incendiadas por faíscas, que provocam a sua morte — é o caso do *Pinheiro manso da Covilhã*, considerado o mais célebre do País e um dos maiores da Europa, que estava considerado de interesse público (Fot. 1); do *Pinheiro bravo de Madrões*, na freguesia de Freamundes no concelho de Paços de Ferreira, que era um dos maiores do País, e igualmente considerado de interesse público; do famoso castanheiro de Alcongosta, com 18,0 m de P.A.P., etc....

No entanto o vandalismo ou a incúria humana, têm contribuído tanto ou mais do que as intempéries, para o empobrecimento deste nosso Património Florestal.

Neste aspecto não queremos deixar de referir os seguintes casos:

As irreparáveis devastações efectuadas na Quinta de S. Francisco, no Eixo, em Aveiro, em que por pouco não foi destruída a preciosa colecção de espécies de eucaliptos, conhecida em todo o Mundo e plantada pelo grande pensador e escritor Jaime Magalhães de Lima, se acaso a Portucel não tivesse adquirido esta Quinta, com o propósito de salvaguardar o que restava deste precioso arboreto florestal.

Corte de muitos castanheiros, carvalhos, nogueiras, pinheiros e eucaliptos, devido à grande valorização das madeiras, que tanto têm tentado os proprietários, alguns de fracos recursos económicos. É o caso do corte do majestoso *Eucalipto globulus* de *Fafe*, que mencionamos no livro "Os Eucaliptos Gigantes em Portugal" (17), e que tinha um tronco cilíndrico e muito direito com 7,35 m de P.A.P e um volume de madeira de 50 m³, e que julgávamos estar devidamente defendido da cobiça dos madeireiros, que tanto tentaram o antigo proprietário, e, por esse facto, na hora da sua morte, obrigou os seus herdeiros a jurar que nunca venderiam aquela árvore. Também é de referir o caso do *Pinheiro bravo* da Quinta do célebre Convento de Tibães, próximo de Braga, que é o mais grandioso exemplar desta espécie existente em Portugal, com 4,0 m de P.A.P. e 37,0 m de altura, que está em risco de ser cortado (ou já o foi), por oferecerem por esta árvore a quantia de 90 contos, o que é muito aliciante para os proprietários de fracos recursos económicos.

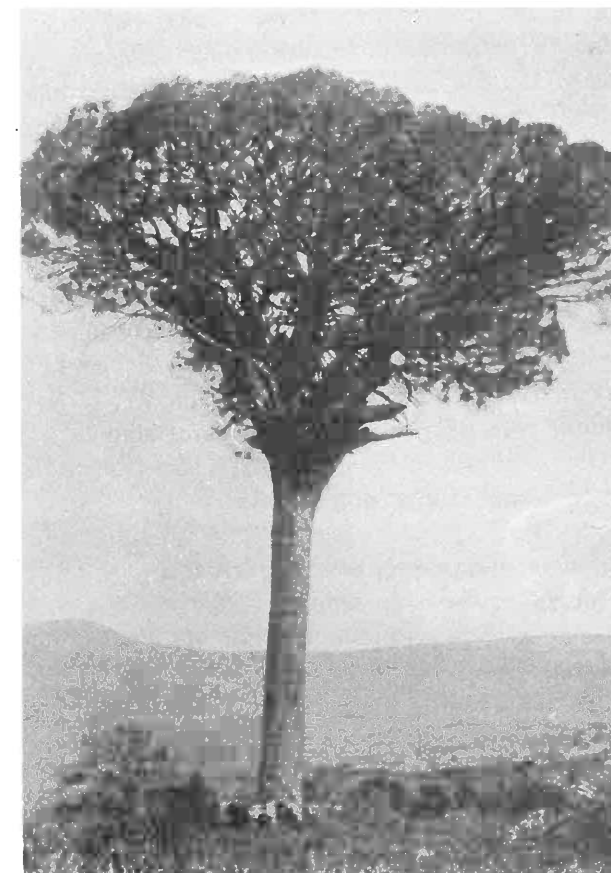
O corte de muitas árvores monumentais efectuado pela Junta Autónoma das Estradas, quando do alargamento destas, facto este que se poderia evitar sem grandes prejuízos, se acaso houvesse um pouco de sensibilidade e respeito por tão valioso Património Nacional.

O pouco respeito pelas árvores, mesmo por entidades oficiais, que é o caso da morte do *Pinheiro manso de St.º António dos Olivais em Coimbra*, que era de porte monumental e estava considerado de interesse público, devido a terem afectado as suas raízes quando se realizaram as obras de alargamento da via.

O corte de árvores classificadas de interesse público, o que consideramos quase inacreditável, mas que infelizmente é verdadeiro, como aconteceu há bem pouco tempo com o abate duma *Sequoia gigantea* em Tabuaço, que era a mais grossa do País, etc..

Também não queremos deixar de referir a decrepitude precoce de muitos sobreiros, que devido à prática do descortiçamento lhe encurtam a vida e, por esse facto, muitas árvores "monumentais" dos antigos tempos, estão a desaparecer sem que alguém a tempo lhes tivesse dado uma "reforma condigna" e, até, pelo contrário, quando elas deixam de dar cortiça, em vez de as protegerem, derrubam-nas para as transformar em carvão.

Sendo a incúria humana e as intempéries as principais causadoras do pro-



Fot. 1 — Pinheiro manso da Covilhã, que foi considerado um dos maiores da Europa, mas já desaparecido.

gressivo empobrecimento desta *Nossa Riqueza*, há que atenuá-lo na medida do possível e, por isso, torna-se necessário tomar medidas de protecção mais eficazes, e efectuar um completo inventário dessas "Árvores Monumentais", afim de que todos possamos conhecê-las, admirá-las e protegê-las.

Nestas condições, talvez esta nossa publicação (Árvores Monumentais de Portugal), seja um alerta para todos nós e um contributo válido para a realização dum inventário oficial actualizado de árvores de interesse público, afim de se protegerem todos esses exemplares.

Não queremos deixar de salientar que este trabalho apenas se refere a "árvores monumentais" de Portugal Continental, não incluindo as das Ilhas dos Açores e Madeira, por impossibilidades várias.

No entanto não deixaremos de lamentar esta falta pois, por aquilo que conhecemos directamente e também por elementos bibliográficos, a inventariação e descrição das árvores monumentais dos Açores e Madeira iriam valorizar bastante este trabalho.

Assim é de referir que na Ilha da Madeira existe a mais completa e espectacular mancha de vegetação natural (tipo climácica) das Regiões Atlânticas, com árvores e arbustos multiseculares ou mesmo milenárias, caso do til, da torga, vinhatico, etc.; que na Ilha de S. Miguel existem as maiores araucarias (*A. heterophylla*) do País, nas margens da Lagoa das Sete Cidades, assim como muitos exemplares gigantescos de espécies variadas, em alguns parques e jardins, principalmente no Jardim de José do Canto em Ponta Delgada, que foi citado no século passado por Edmundo Goeze, jardineiro chefe em Glifswald, "como o melhor jardim particular que conhecera na Europa" (26), e um *Eucalyptus globulus* próximo da Ribeira Grande com 10,80 m de P.A.P. e já citado no livro "Os Eucaliptos Gigantes de Portugal" (17); que na Ilha de S. Jorge há cedros (*Juniperus brevifolia*), de grande porte e multiseculares, etc..

Para elaboração deste trabalho socorremo-nos de todos os elementos bibliográficos disponíveis, tendo-se verificado que algumas árvores que já eram citadas como árvores monumentais por Sousa Pimentel em 1894 (33) ainda felizmente existem.

Também não queremos deixar de citar a "Monografia do Parque da Pena" do Prof. Azevedo Gomes (7) e a "Espécimes mais representativas da Mata do Bussaco, sobre resinosas", do Eng.º Brito Peres (11), publicações que serviram de base para uma mais fácil e rápida inventariação e descrição da "árvores monumentais" existentes nestes dois Parques.

Igualmente é de referir a importância que teve para este trabalho a consulta dos Arquivos da Direcção Geral das Florestas sobre árvores de interesse público.

Por fim, além do nosso conhecimento sobre a existência de inúmeras "árvores monumentais", que vinham sendo catalogadas desde longa data, há que referir a preciosa colaboração prestada por varios colegas na "descoberta destas árvores", em muitas zonas do País, em que citaremos os seguintes:

Eng.º Cabral Machado e Eng.º China Pereira, Eng.ºs técnicos agrários Rui Themudo, José David, Fonte dos Santos, Antas de Barros, José Bica e José Vaz e Srs. João Figueiredo e Armando Silva.

É de destacar contudo a colaboração tão valiosa do Eng.º Cabral Machado e do Sr. João Figueiredo, sem a qual não seria possível publicar este livro nos tempos mais próximos.

Igualmente é de mencionar a preciosa colaboração de D. Maria Helena Tavares de Barros.

ÁRVORES CÉLEBRES NO MUNDO

Antes de assinalarmos e descrever as árvores "Monumentais" que detectamos no nosso País, não queremos deixar de fazer uma pequena resenha sobre algumas árvores célebres no Mundo.

É de registar que as árvores mais velhas que existem à superfície do globo terrestre são sem dúvida a *Pinus aristata*, existindo alguns exemplares com mais de 5000 anos, que vegetam nas Montanhas Brancas da Califórnia (Estados Unidos da América do Norte) a cerca de 2700 m de altitude. É de referir que em 1964 foi derrubada uma árvore desta espécie para determinar exactamente a sua idade através dos anéis anuais de crescimento, verificando-se ter cerca de 4900 anos.

Outras resinosas também atingem idades muito avançadas, é o caso das *sequoias* da América do Norte (*Sequoia sempervirens* e *Sequoiadendron giganteum*), com 3000 anos ou mais, facto este resultante da sua casca ser muito espessa e praticamente invulnerável ao fogo e a doenças e insectos.

Também é de assinalar a idade avançada do célebre *Taxodium mucronatum* no México, do cemitério de Santa Maria de Tule em Oaxaca, que se julga ter mais de 3000 anos.

É curioso referir que um cientista, de nome Kuentz, tentou no século passado determinar a idade dessa árvore, tendo para isso concebido um grande trado, afim de perfurar o seu tronco até ao centro, para obter um delgado cilindro de madeira com todos os anéis de crescimento.

Para isso solicitou das entidades competentes a autorização necessária para efectuar essa operação, o que foi considerado um grande sacrilégio, por se tratar duma árvore sagrada. Por esse facto, para uma maior segurança desta árvore, passou a ser guardada por duas sentinelas (18). É notável o porte gigantesco desta árvore, com 34,0 m de perímetro do tronco (10,5 m de D.A.P.), 43,0 m de altura e 32,0 m de diâmetro de copa (Fot. 2).

Também é de citar o Zamang de Humbolt, na Venezuela, árvore gigante, das mais velhas do Mundo descoberta há 4 séculos, e que tem de circunferência de copa 561 pés, ou seja cerca de 56,0 m de diâmetro de copa (1).



Fot. 2 — *Taxodium mucronatum*, do cemitério de St.ª Maria de Tule em Oaxaca, que tem cerca de 3000 anos.

Igualmente o embondeiro de África, com o seu tronco bojudo de 3 a 10 m de diâmetro, atinge idades da ordem de 3000 a 5000 anos, sendo também considerada uma das árvores de maior longevidade (Fot. 3).

Na Europa são sem dúvida as oliveiras (e zambujeiros) as árvores que atingem uma idade mais avançada, da ordem de 2000 a 3000 anos.

São conhecidas as idades das oliveiras do Jardim de Gethsémani no Monte das Oliveiras em Jerusalém, com mais de 2100 anos, que existiam já no tempo de Jesus Cristo, como foi recentemente comprovado por um frade franciscano da Igreja de Todas as Nações, pela análise do lenho através do método do carbono 14 — é de notar que este frade é português e engenheiro químico, pertencente à família do Conde das Alcaçovas.

Também são notáveis muitas oliveiras milenárias em toda a Bacia Mediterrânica, destacando-se entre elas as da Ilha Maiorca do Arquipélago das Baleares, que foram referidas com muita admiração por George Sand em 1837/38, quando residiu naquela ilha com o célebre compositor e pianista Frederico Chopin (37). Também em Portugal há muitas oliveiras milenárias principalmente junto a algumas povoações, no sul do País.

Igualmente o castanheiro poderá atingir uma idade superior a um milénio, como seja o caso do célebre castanheiro do Etna, na Sicília, com 30 m de perímetro de tronco, e uma idade de 3000 anos.

Esta árvore conhecida em todo o Mundo pelo seu porte e idade, também ficou célebre por ter escondido debaixo dos seus ramos a rainha de Aragão com mais 100 cavaleiros da sua escolta.

Também não queremos deixar de referir que na Escola Especial de Engenheiros de Montes (Engenheiros Silvicultores) na Cidade Universitária de Madrid existe uma rodela dum tronco dum *Pinus laricio* milenário, abatido em 1880 na Serra de Cazola e Segura. Esta árvore nasceu no tempo do Rei Ricardo e atravessou toda a história de Espanha até aos fins do século passado, e por isso nos seus anéis anuais de crescimento foram marcadas as datas respectivas, referentes aos factos mais significativos da história daquele País (Fot. 4).

Ainda nesta serra espanhola se poderá encontrar exemplares de *Pinus laricio* multiseculares, um deles com cerca de 600 anos (15).

É igualmente de assinalar o núcleo de *Pinus laricio* em Fallistro na Calábria, no sul de Itália, com a idade de 350 contos, onde há exemplares de 1,5 a 2,0 m de D.A.P., com volumes de madeira da ordem de 50 a 60 m³.

As árvores mais altas do Mundo são sem dúvida as *Sequoias sempervirens*, atingindo algumas delas mais de 100 m.

No entanto até há relativamente poucos anos julgava-se que as árvores mais altas do Mundo eram os eucaliptos da Austrália e muitas publicações do fim do século passado indicavam algumas dessas árvores com mais de 150 m de altura.

Está provado não serem verdadeiros estes números "astronómicos", que resultaram de medições optimistas feitas por processos rudimentares.

Julga-se contudo que o eucalipto mais alto, medido já por processos algo rigorosos, foi um *Eucalipto regnans* abatido em 1872, que tinha 132 m.

Posteriormente o mais alto eucalipto medido com rigor foi um *Eucalipto regnans* no Estado de Victória, com 114 m. No entanto, presentemente, o mais alto tem 98 m e foi descoberto em 1958 (30) em Styx Valley na Tasmania, pois até essa data julgava-se que o mais alto era também um *Eucalipto regnans* em Marysville no Estado de Victória, na Austrália, com 92 m de altura (31).

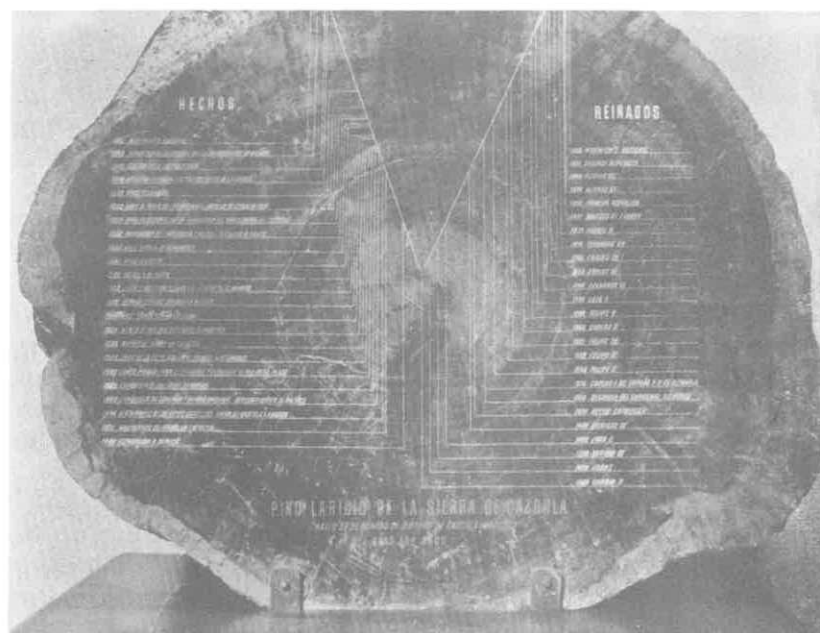
O quadro que a seguir se apresenta, de inventário efectuado em 1964, indica-nos as 10 árvores mais altas do Mundo (32).

	Espécie	Localização	Altura em metros
1-a	Sequoia sempervirens	Redwood Creek Grove, Califórnia, EUAN	112,08
2-a	Sequoia sempervirens	Redwood Creek Grove, Califórnia, EUAN	111,96
3-a	Sequoia sempervirens	Redwood Creek Grove, Califórnia, EUAN	111,02
4-a	Sequoia sempervirens	"Rockfeller Tree", Humbolt Redwood, Stable Park, Califórnia, EUAN	108,64
5-a	Sequoia sempervirens	"Founders Tree", no mesmo local	107,45
6-a	Sequoia sempervirens	Redwood Creek, Grove, Califórnia	107,36
7-a	Pseudotsuga menziesii	Ryderwood, Washington, EUAN	98,74
8-a	Eucaliptus regnans	Styx River Valley, Tasmânia	98,13
9-a	Eucaliptus regnans	Victória, Austrália	92,05
10-a	Sequoia giganteum	"Mac Kinley Tree" Sequoia National Park, Califórnia EUAN	88,68

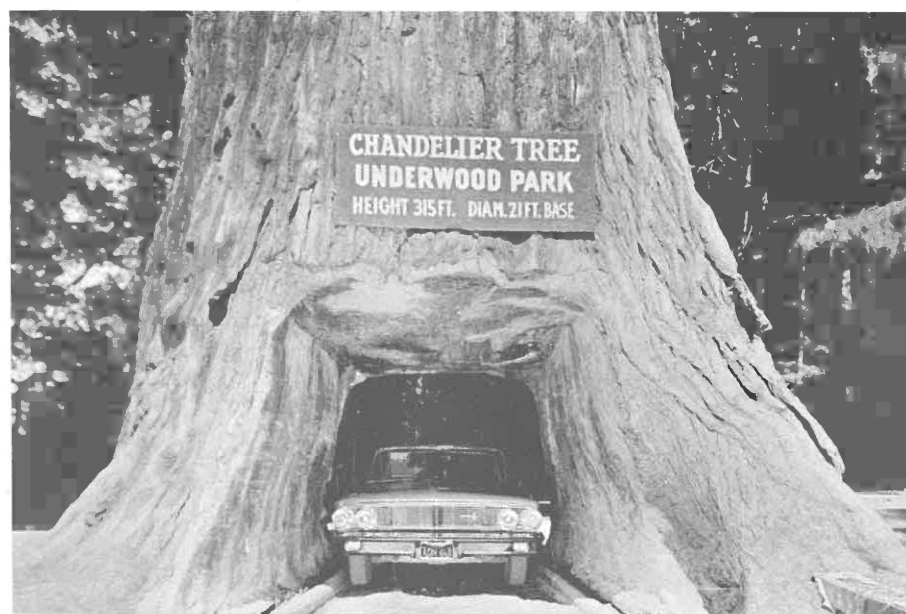


Fot. 3 — Embondeiro em Tete, em Angola, com cerca de 5 m de D.A.P.

É de notar que as seis árvores mais altas são *Sequoias sempervirens*, todas elas com mais de 100 m de altura que vivem no litoral da Califórnia, próximo da Cidade de S. Francisco. Estas árvores também são célebres pelo seu fuste rectilíneo e muito volumoso, como se poderá verificar na fot. n.º 5 em que no tronco foi escavado um tunel para passar uma estrada.



Fot. 4 — Rodela dum tronco de *Pinus lariceo* milenário, existente na Escola de Engenheiros de Montes de Madrid.



Fot. 5 — *Sequoia sempervirens* no Parque Underwood na Califórnia.

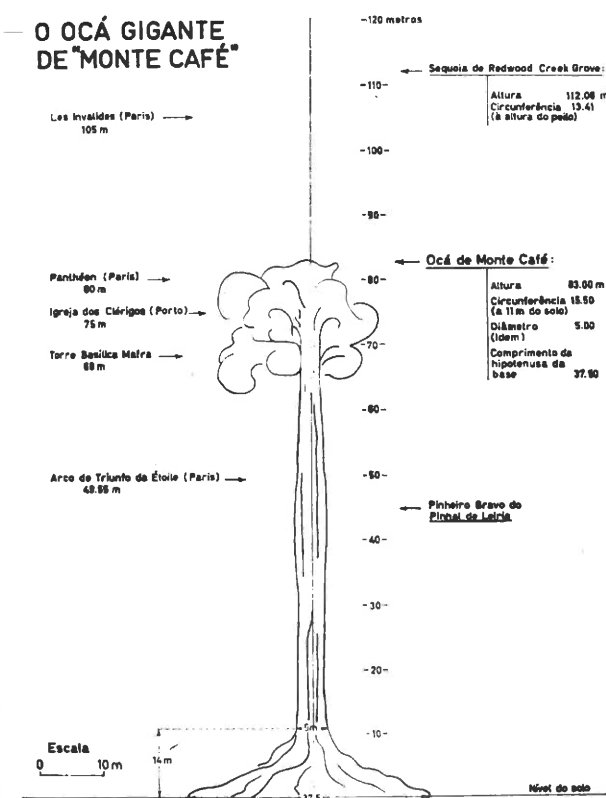
A seguir temos as *Pseudotsuga mensiensii*, onde as mais altas se situam no Quinault Lake Trail, no Estado de Washington, e os *E. regnans* da Austrália e Tasmânia, situando-se o mais alto em Styx River Valley na Tasmânia. É de notar que o *E. regnans* é a "folhosa" mais alta do Mundo, se bem que haja outras espécies de eucaliptos de grande porte, tais como o *E. delegatensis*, *E. diversicolor*, *E. viminalis*, *E. obliqua*, *E. globulus*, etc..

Por fim teremos as *Sequoiadendron giganteum*, que também atingem grande altura, da ordem de 80,0 m, no entanto elas são famosas principalmente pela grossura do seu tronco e volume da madeira.

Nas zonas tropicais e equatoriais onde se encontram extensas florestas quase impenetráveis e em que a acção dos homens ainda não provocou grandes devastações, também existem árvores de porte gigantesco. No entanto qualquer dessas árvores não atinge normalmente alturas superiores a 60,0 m.

Contudo não queremos deixar de citar 3 espécies, que fogem a esta regra, como sejam: a *Araucaria lunstenii* na Ilha de Nova Guiné, com cerca de 88,0 m de altura, de *Koompassi excelsa*, uma leguminosa da Malásia, com 84,0 m e a *Ceiba pentandra*, da floresta africana com mais de 80,0 m. Dentro deste grupo é de assinalar o exemplar de *Ceiba pentandra* existente na Ilha de S. Tomé (antiga colónia portuguesa), conhecido pelo "Oca do Monte Café", que deve ser o mais espectacular exemplar existente desta espécie, com 83,0 m de altura, e se acaso não tivesse sido afectada por um tornado que destruiu uma parte da sua copa, concerteza que teria cerca de 90,0 m de altura. Trata-se duma árvore muito corpulenta, da espécie *Ceiba pentandra* em que o tronco a 11,0 m de altura tem 15,5 m de perímetro, e na base 37,5 m de diâmetro (ou seja a hipotenusa da sapata que é triangular)—(Fot. 6) da publicação do Comandante José Marques Elpidio (12).

Fot. 6 — O OCA GIGANTE DE "MONTE CAFÉ"



Na Europa as mais altas árvores registadas têm 70 m de altura, e são eucaliptos plantados em Portugal — *E. diversicolor* e *E. globulus*, na Mata de Vale de Canas, próximo de Coimbra.

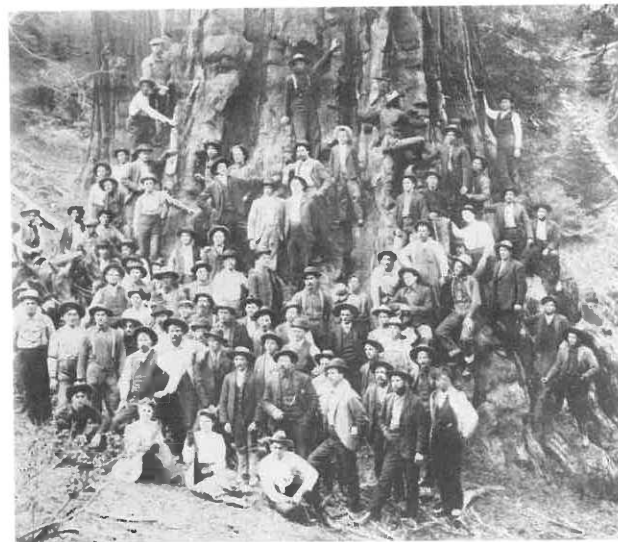
Se bem que as árvores mais altas do Mundo sejam as *Sequoias sempervirens*, no entanto as mais corpulentas com maior volume de madeira, devem ser as *Sequoiadendron giganteum*, que vivem na vertente Ocidental da Serra da Nevada (nos Estados Unidos da América) em altitudes de 1370 m a 2450 m, atingindo os troncos por vezes diâmetros da ordem de 10 m (D.A.P.).

As mais célebres são sem dúvida as Sequoias "General Grant" e "General Sherman", ambas com 81 m de altura, tendo a primeira 22,28 de P.A.P. e a segunda 24,00 m. É de assinalar, que qualquer destas duas Sequoias têm um volume de madeira, cujo peso é superior a 2100 toneladas (Fot. 7).

No entanto muitas gigantescas árvores foram abatidas, mas outras quase por milagre foram salvas — é o caso da árvore gigantesca (Fot. 8), denominada *Sequoia Boole*, em homenagem ao lenhador que evitou o seu abate (15).



Fot. 7 — *Sequoiadendron giganteum* (*Sequoia gigantea*) nos EUA, denominada "General Grant", com 22,28 m de P.A.P.



Fot. 8 — *Sequoia sempervirens*, na Califórnia denominada "Sequoia de Boole", em homenagem ao lenhador que evitou o seu abate.

Fora do seu País de origem as Sequoias não têm essas dimensões, por se tratarem ainda de autênticas crianças de 100 a 150 anos, no entanto já atingem fustes invulgares em relação a outras espécies, é o caso das *Sequoias sempervirens* no Parque da Pena e do Buçaco em Portugal, e das *Sequoiadendron giganteum* em Espanha nos Jardins do Palácio da Granja próximo de Segóvia e da Casa do Príncipe no Escorial.

Também a *Pseudotsuga* no País de origem atinge dimensões invulgares. Trata-se duma espécie florestal de muito rápido crescimento e que produz uma madeira muito valiosa, e por isso foi introduzida a sua cultura em muitos Países da Europa.

Em Portugal foi introduzida nos meados do século passado, existindo em muitos locais exemplares de porte excepcional, o que indica as boas condições ecológicas do País para a sua cultura.

Fora da América do Norte, onde se encontram as árvores mais altas e corpulentas do Mundo, também se poderão encontrar árvores de dimensões invulgares. É o caso da Austrália e Tasmânia, onde algumas espécies de eucaliptos poderão atingir alturas de 70 a 90 m, e diâmetros de tronco (D.A.P.) da ordem de 5 m ou mais. É de assinalar que o mais grosso eucalipto encontrado foi um *E. regnans* no Estado de Victória, que se denominou Rei Eduardo VII, que tinha a 2 m do solo 24 m de perímetro (7,6 m de D.A.P.).

É de mencionar que várias espécies de eucalipto foram introduzidas em muitos Países, cuja cultura rapidamente se generalizou, devido ao seu muito rápido crescimento e fácil adaptação às novas condições ecológicas.

Em Portugal a introdução do eucalipto deu-se em meados do século passado, existindo hoje eucaliptos que são as árvores mais volumosas do País, com 60 a 100 m³ de madeira.

Em África são bem conhecidos os velhos e bojudos embondeiros (*Andersonia digitata*), muitos deles milenários e com troncos de grossura invulgar da ordem de 5 a 10 m de diâmetro.

Em Angola tivemos oportunidade de medir alguns com mais de 5 m de diâmetro (Fot. 3), no entanto existem muitos com cerca de 10 m — caso do célebre embondeiro do Senegal.

São também notáveis pelas suas dimensões e altura, muitas árvores da floresta tropical de África, América Ásia e Oceânia, que abrange grandes manchas de florestas virgens, quase impenetráveis, onde a acção do homem ainda pouco incidiu, devido à adversidade do meio. É nesta zona do globo, que se extraem as madeiras preciosas, obtidas de árvores gigantes, que são muito procuradas nos Países considerados desenvolvidos, — no entanto, julgamos que a árvore maior da floresta pluvial deverá ser o Oca (*Ceiba pentandra*) do Monte do Café da Ilha de S. Tomé, cujas dimensões invulgares se indicam na Fot. n.º 6.

Também neste tipo de floresta não queríamos deixar de mencionar algumas espécies de *Ficus*, de copa densa de grande diâmetro e de troncos grossos, com inúmeras raízes adventícias, que se transformam em novos troncos. É o caso da *Ficus religiosa* na Ilha de Ceilão, que é considerada uma árvore sagrada, de *Ficus benghalensis* na Índia, (Fot. 9), da *Ficus microphylla* e da *Ficus virens* na China meridional, esta última muito utilizada na arborização das ruas, avenidas e parques da nossa cidade de Macau, atingindo porte invulgar.

Também é de referir a *Ficus macrophylla* (*Ficus elastica*), da Austrália, e tão divulgada no nosso País, onde atinge porte invulgar, conforme se indica em

capítulo próprio. No entanto o maior exemplar desta espécie, que temos referência, situa-se em Santa Barbara na Califórnia, dos Estados Unidos da América, tendo a copa 55 m de diâmetro.

Na China, não queremos deixar de citar uma árvore célebre, plantada em 1883 pelo Dr. Sun Yat Sen, 1.º presidente da República da China, junto à sua residência na aldeia de Culhery, a poucos quilómetros de Macau. Trata-se dum Tamarinde, espécie pertencente à família das leguminosas e de flores amarelas, proveniente de sementes trazidas pelo próprio Dr. Sun Yat Sen de Honolulu, onde viveu, sendo hoje uma árvore muito conhecida e venerada pelo povo chinês.

No Japão é de assinalar as inúmeras Cryptomerias de porte ínvulgar, com cerca de 350 anos ou mais, do Parque Nacional de Nikko principalmente junto ao célebre Templo Toshogu (Fot. 10).



Fot. 9 — *Ficus Benghalensis*, na Ilha de Ceilão.



Fot. 10 — *Cryptomeria*, com cerca de 350 anos, no Parque Nacional de Nikko, no Japão.

Por fim não queremos deixar de nos referir à bela e imponente avenida de palmeiras (*Roystonea regia*) do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, plantadas pelo Rei D. João VI, nos princípios do século XIX, no período em que transferira a corte portuguesa para o Brasil, devido às invasões francesas. Estas árvores eram provenientes de sementes do Jardim Gabrielle, na Ilha Mauricea, e foram trazidas por um naufrago goês, prisioneiro nessa Ilha, que as ofereceu ao Rei (Fot. 11).

No entanto a árvore mais estranha, e que se tornou célebre em todo o Mundo, é sem dúvida a *Metasequoia glyptostroboides*, que era considerada um fóssil, desaparecida há muitos milhões de anos, e que vivia no Pliocénico, sendo um antepassado das actuais *Sequoias*. Com grande espanto da ciência, foi descoberta na China em 1941, por um botânico da Universidade de Nankim, quando viu que estavam a abater algumas árvores dessa espécie, que julgava extinta há milhões de anos (10).

Por este facto, em 1946, foram enviadas com todos os cuidados sementes desta espécie para vários Jardins Botânicos, entre eles o de Kew em Inglaterra e de Arnold Arboretum de Boston, como uma grande preciosidade científica.

Rapidamente esta espécie se multiplicou, e presentemente já se encontra dessiminada em muitos Países.

Portugal foi um dos primeiros Países do Mundo a cultivar esta espécie, através do Duque de Palmela, que foi obsequiado pelo Rei Jorge VI com seis *Metasequoias* envasadas, quando deixou de ser Embaixador de Portugal em Inglaterra, o que foi considerado na altura uma grande prova de amizade e apreço, pois ambos eram excepcionais jardineiros.

Uma dessas *Metasequoias* foi plantada no jardim do seu Palácio da Rua da Escola Politécnica, em Lisboa, que teve um rápido desenvolvimento; as outras plantou-as na sua Herdade do Calhariz em Azeitão.



Fot. 11 — Avenida de palmeiras da espécie *Roystonea regia* no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

ÁRVORES MONUMENTAIS DE PORTUGAL

Antes de descrever as várias árvores monumentais, por espécies, detectadas no País, não queremos deixar de fazer algumas considerações prévias, de modo a ter-se uma ideia de conjunto sobre esta tão valiosa riqueza nacional, e que infelizmente poucos conhecem.

Há que referir que no País existem muitas e variadas árvores de porte invulgar e de idade muito avançada, algumas mesmo milenárias; que essas árvores poderão ser encontradas por todas as regiões do País tanto em parques e jardins de renome Mundial (Parque da Pena e Quinta de Monserrate em Sintra, Mata do Buçaco, Jardins Botânicos de Lisboa e Coimbra, Quinta de S. Francisco no Eixo em Aveiro, etc.) como em zonas o mais isoladas e inóspitas que se poderão imaginar.

Poderemos encontrar exemplares de porte excepcional e de idade multiseccular, em muitas espécies indígenas tais como: carvalhos, sobreiros, azinheiras, ulmeiros, freixos, oliveiras, pinheiros mansos, pinheiros bravos, teixos, etc..

Também em espécies introduzidas no País, poderemos encontrar verdadeiros gigantes da floresta, como sejam: eucaliptos, sequoias, tulipeiros, plátanos, araucárias, pseudotsugas, pinheiros insignes, pinheiros larícios, pinheiro Montsuma, taxodios, árvore da borracha, etc..

Em publicação anterior (17), afirmámos que em Portugal há eucaliptos que são as árvores mais altas da Europa, e talvez as mais volumosas. Esses eucaliptos mais altos situam-se na Mata Nacional de Vale de Canas, próximo de Coimbra, e têm cerca de 70 m de altura.

Esta nossa afirmação, "que em Portugal se encontram as árvores mais altas da Europa", dita no Congresso de eucaliptos realizado pela FAO em Lisboa em 1960, caiu como uma "bomba" em tão selecta reunião, e só foi aceite como verdadeira, quando os congressistas, na excursão de estudo realizada posteriormente, tiveram a oportunidade de admirar essas maravilhosas árvores.

Sobre este assunto, mais tarde (em 1965) o Prof. J. Pardé, Director da Estação de Silvicultura e Produção do Centro Nacional de Investigação Florestal de Nancy (França) e autor de vários livros lidos mundialmente por todos os técnicos florestais, escreveu-nos uma carta, que em parte reproduzimos:

"Eu recebi recentemente um livro "Os eucaliptos em Portugal" e que apreciei com muito interesse.

Preparando do meu lado um pequeno livro sobre a floresta, eu consagro um pequeno parágrafo às árvores mais altas do Mundo e da Europa. Eu julgava, antes da leitura do vosso livro que o campeão era uma *Picea romena*, mas li na página 115 (*Eucaliptos diversicolor*), que existia um exemplar com 65 m de altura na Mata de Vale de Canas. Nestas circunstâncias, então será a árvore mais alta da Europa."

Em resposta confirmei, que esse eucalipto tinha sido medido com todo o rigor e que tinha 64,70 m de altura.

Em 1974, em Vale de Canas foi medido esse eucalipto, assim como alguns *E. globulus*, cujas as alturas a seguir se apresentam:

<i>E. diversicolor</i>	69,50 m
<i>E. globulus</i>	66,50 m
<i>E. globulus</i>	66,00 m

Presentemente estes eucaliptos foram outra vez medidos, tendo uma altura um pouco superior.

Também julgamos serem os eucaliptos em Portugal as árvores mais volumosas da Europa, pois existem muitos exemplares com mais de 70 m³ de madeira, alguns mesmo com cerca de 110 m³; é o caso da *E. globulus* junto à estrada de Ponte de Lima-Braga, a 11 Km desta cidade, em que o tronco tem 9,75 m de P.A.P. (ou seja 3,10 m de D.A.P.) e um volume de madeira de 75,7 m³.

Sobre as dimensões invulgares dos eucaliptos, quando seculares, não queremos deixar de mencionar a profecia, que se confirmou, de Sousa Pimentel no seu livro "Árvores Giganteas de Portugal", publicado em 1894, e que a seguir se transcreve: "terminando este estudo, não devo deixar de mencionar os eucaliptos, que tendo apenas 20 anos de idade apresentam alturas de mais de 30 m e circunferências de 3 m no tronco. Pode afirmar-se quando estas árvores forem seculares o seu desenvolvimento será extraordinariamente gigantesco e excederá muito em altura e volume as maiores indígenas".

Para se ter uma ideia perfeita do volume destes eucaliptos, há que compará-los com o volume de exemplares excepcionais de outras espécies, por exemplo com o pinheiro bravo.

Enquanto em eucaliptos é vulgar encontrarem-se exemplares, cujo o tronco tem um volume de 50 a 65 m³, no pinheiro bravo, o máximo atingido até agora foram 21 m³, obtidos do célebre Pinheiro do Facho, do Pinhal de Leiria, que era considerado o maior do Mundo e que infelizmente foi derrubado há anos por um vendaval (5).

Também não queremos deixar de mencionar, que estes eucaliptos, que ainda poderemos considerar na sua juventude, com cerca de 100 a 130 anos, não deixaram de crescer (pelo menos de engrossar), como tivemos ocasião de verificar por medições feitas por nós ao longo de 30 anos, verificando-se assim que o ritmo de engrossamento dessas árvores gigantes ainda era elevado, da ordem de 1,0 a 1,5 cm por ano.

Se bem que haja eucaliptos com 9 a 11 m de P.A.P., contudo não são as árvores mais grossas do País, pois existem muitos castanheiros com troncos tão grossos ou mais.

É de salientar, que em Alcantaral havia até há poucos anos um castanheiro com 18 m de perímetro do tronco e que presentemente ainda existem alguns com 10 a 12 m — caso dos castanheiros a 5,5 Km a norte da aldeia de Leomil, próximo da estrada de Moimenta da Beira — Lamego, e o da Quinta da Boa-vista em Vila da Rua na Moimenta da Beira.

Também no século passado havia um sobreiro, na Quinta da Torre em Azeitão, que tinha 18 m e um outro com 9 m, infelizmente já desaparecidos. Contudo ainda há um no País, na Quinta dos Buxos, no concelho de Chaves, com 10 m de P.A.P.

Igualmente os carvalhos (carvalho roble), podem atingir grande grossura de tronco, como comprova a "Carvalha do Presépio" em Castro d'Aire com 10,40 m de P.A.P.

Há que referir também à dimensão das copas de muitas árvores, pois são elas que em grande parte lhes dão a beleza e grandiosidade, e que proporcionam sombras agradáveis.

Na realidade, em muitas espécies indígenas e mesmo exóticas, poderemos encontrar árvores de copas muito frondosas, com 25 a 35 m de diâmetro tais como — carvalhos roble, castanheiros, sobreiros, azinheiras, plátanos, árvore da borracha, etc..

No que respeita à idade das árvores, ela varia com a espécie, pois um Pinheiro bravo com 200 anos é já muito velho, enquanto que um castanheiro ou uma oliveira com essa idade se poderá considerar um jovem.

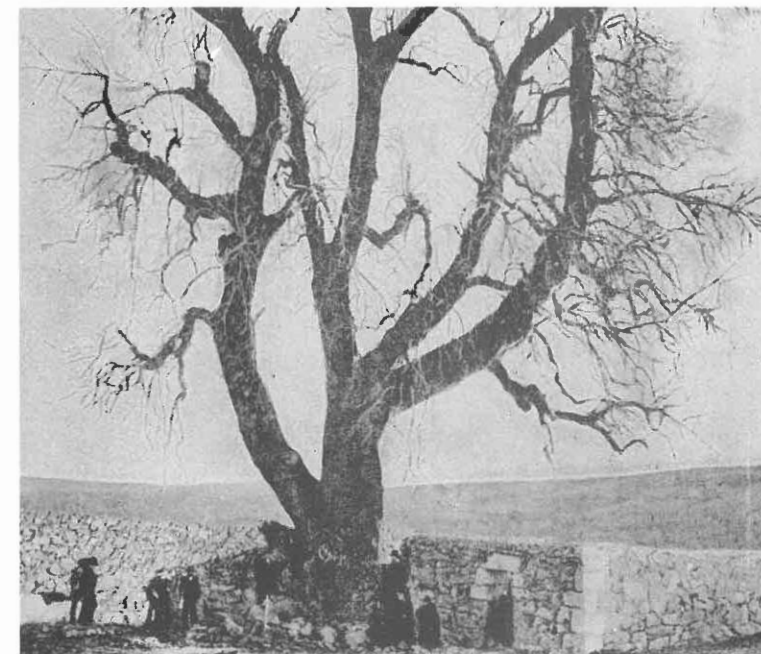
Julgamos serem as oliveiras as árvores que atingem maior longevidade, talvez mais dum milénio, como se verificou nas oliveiras de Jerusalém, nos Jardins de Gethsémane, que tem presentemente 2100 anos, que foi determinada pelo processo de carbono 14.

Ora no nosso País existem muitas oliveiras, que pelo seu porte e perímetro do seu tronco, não devem ter idades inferiores, facto este que deveria também ser comprovado pelo mesmo tipo de análise.

Igualmente existem muitos castanheiros, o caso do Castanheiro próximo da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios e o da Quinta da Boavista na Vila Rua em Moimenta da Beira, que devem ser multiseculares, talvez mais velhos do que a nossa nacionalidade, assim como a "Carvalha do Presépio" em Castro d'Aire, que é coeva dos Templários.

Há que referir igualmente que muitas árvores, algumas infelizmente já desaparecidas, ficaram célebres não só pelas dimensões consideradas excepcionais, como também pela sua própria história.

É o caso do pinheiro da Covilhã, que morreu devido a uma faísca há cerca de 20 anos, e que era considerado um dos maiores da Europa, com um tronco cilíndrico com 5,75 m de perímetro e 15 de altura de fuste, conforme se poderá ver na fot. n.º 1; do célebre freixo de Trancoso, derrubado pelo ciclone de 1941, e que em 1282 já era de grande corpulência, onde à sua sombra o Rei D. Diniz assentou arraiais para receber a sua futura mulher (Rainha S. Isabel), vinda de Aragão (Fot. 12); o pinheiro de Castelo Novo no Distrito de Castelo Branco, em que 7 homens não o abraçavam (com 8,40 m de P.A.P.) que deveria ser talvez o mais grosso do País e que fôra derrubado em 1898 por um vendaval; do pinheiro bravo de Avô, que deveria ser um dos mais volumosos, e que foi derrubado por um vendaval há cerca de 25 anos; da tão afamada videira do Almofter (no antigo Jardim do Claustro do Convento de Santa Maria (Fot. 13), que se secou não há muitos anos, e que tinha 350 anos e um tronco com 3,30 de perímetro; da sobreira d'El Rei na Herdade de Palma, que ainda existe e que foi bastante danificada com o ciclone de 31 de Dezembro de 1982, cuja história indica que à sua sombra descansara o Rei D. João II, quando no fim da sua vida se deslocou ao Algarve, para se curar dos seus males nas Termas de Monchique; do pinheiro manso de S. António na estrada da Cruz da Légua com o tronco já corcomido na base, em que a lenda indica que à sua sombra descansou Sto. António, numa das suas viagens a Lisboa, e por esse facto foi construído junto a essa árvore uma capelinha; da árvore da forca, no Jardim da Cordoaria, que é um ulmeiro com 370 anos e talvez o mais grosso do País, onde barbaramente foram enforcados muitos paladinos do liberalismo da Cidade Invicta; do cedro do Buçaco (Cupressus lusitânica) próximo da Capelinha de S. José na Mata do Buçaco que foi plantado em 1644, sendo talvez a árvore desta espécie mais velha do País; do E. oblíqua do Parque da Pena, plantado em 1 de Junho de 1868, no dia do casamento do Rei D. Fernando II com a Condessa de Edla, sendo hoje a árvore mais corpulenta deste Parque; do Sobreiro junto à Capelinha de Santo Amaro próximo de Tondela, também multiseular e que infelizmente foi cortado recentemente; do Sobreiro da Herdade de Pai Anes, no concelho de Niza todo revestido de cortiça virgem com 7,20 m de P.A.P. e que já há cem anos tinha essas dimensões; do Sobreiro da Herdade das Antas, no concelho de Grândola, com mais de 400 e todo revestido de cortiça virgem, que se mantém ainda imponente, sem mutilações provocadas pelo tempo; do Plátano da Quinta do Foja, no Vale do Mondego, próximo da Figueira da Foz, que deve ser dos primeiros introduzidos em Portugal em fins do século XVII, com 8,0 m de P.A.P. e 30,0 m de diâmetro de copa, etc..



Fot. 12 — Freixo de Trancoso, multiseular, que foi derrubado pelo ciclone de 1941.



Fot. 13 — Videira do Convento de St.ª Maria de Almofter, que tinha 350 anos, quando secou há cerca de 10 anos.

Também é de considerar, se bem que genericamente, o caso dos arbustos ou pequenas árvores, que em condições ecológicas excepcionais e idade avançada, atingem por vezes dimensões invulgares. É o caso do medronheiro (*Arbutus Unedo*), em muitas zonas da Serra de Monchique, na Herdade do Reguengo Pequeno em Odemira, na Mata do Solitário da Serra da Arrábida, no Parque Municipal do Bombarral, etc.; do carrasqueiro (*Quercus coccifera*), também na Herdade do Reguengo Pequeno em Odemira, Mata do Solitário na Serra da Arrábida e Parque do Bombarral; da aroeira (*Pistacea lentiscus*), que atinge por vezes as dimensões de grande árvore, como se verifica num exemplar na Herdade da Pata, na freguesia da Póvoa, no concelho de Moura, que está considerada de interesse público; da murta (*Myrtus communis*), nos Jardins da Água do Peixe no concelho de Cuba e no Solar dos Planos, na Sobreda, no concelho de Almada, com exemplares multiseculares e de porte arbóreo; da *Phillyrea latifolia* (aderno), do Jardim Botânico de Lisboa; do enorme pilriteiro (*Crataegus monogyna*) na Serra do Gerez e já citado por Tude de Sousa (42); dos dois azevinhos da Quinta da Cerca em Leomil, no concelho de Moimenta da Beira, com 1,5 m de P.A.P. e 10 m de altura (Fot. 14), que são considerados de interesse público, assim como na Mata do Ramiscal, no Parque da Peneda-Gerez, onde existem muitos exemplares de porte arbóreo, sendo talvez a única formação vegetal do Mundo, com tantos azevinhos de porte arbóreo; dos buxos arbóreos, existentes em muitos jardins, destacando-se entre eles os da Alameda da Quinta da Cerca, no Ferrenho, no concelho de Trancoso, que estão considerados de interesse público por decreto publicado no Diário do Governo; das cameleiras (japoneiras) centenárias das terras de Basto, em que se destacam as da Quinta do Nicolau, em Cabeceiras de Basto, com 1,5 m de P.A.P., 10 m de altura e 10 m de diâmetro de copa (Fot. 15); da sabina das praias (*Juniperus phoenicea*) na Mata dos Medos a sul da Costa da Caparica, mandada plantar por D. João V, em que esta espécie aparece consociada ao pinheiro manso, constituindo uma formação vegetal de rara beleza paisagística; das várias glicíneas de grande grossura de tronco, que se ramifica em grande extensão, cobrindo na primavera vastas áreas de flores lilazes, como se verifica no claustro do Convento de S. Paulo na Serra d'Ossa (hoje residência particular), nos pátios interiores das Casas dos Herdeiros do Eng.º Martins Pereira em Reguengos e do Dr. Matos Silva no Sardoal, na Fábrica Alimentícia Lda. em Alcobaça e no átrio da Escola Primária na freguesia de Turquel do concelho de Alcobaça, estas duas consideradas de interesse público, etc.; da bougainvillea já secular da Estação de Caminho de Ferro de Vila Franca das Naves, que cobre todo o alpendre da Estação, etc.

Por fim não queremos deixar de referir o *Rhododendrom ponticum* Subsp. *baeticum* (aloendro ou adelfeira), espécie rara no Mundo que apenas foi encontrada espontânea numa pequena área da Serra do Caramulo (próximo de Vouzela), nas Serras de Monchique e Mesquita no Algarve e no concelho de Odemira e depois somente no Cáucaso. Trata-se duma espécie de Terciário, que praticamente fôra extinta pela glaciação, tendo apenas subsistido nos reductos atrás mencionados. É uma espécie arbustiva, que por vezes atinge porte arbóreo, de rara beleza devido às suas flores grandes e de cor lilaz, e por isso hoje bastante cultivada em parques e jardins.



Fot. 14 — Azevinhos arbóreos, em Leomil.



Fot. 15 — Cameleira da Quinta do Nicolau em Cabeceiras de Basto, que é uma das maiores do País.

Na Serra do Caramulo foi criada a Reserva Natural do Cambarinho, de protecção a esta espécie e, pena é, que o mesmo não tivesse acontecido nas Serras de Monchique e Mesquita, onde ainda existem núcleos significativos desta espécie.

Apresentadas estas considerações gerais, sobre as "Árvores Monumentais de Portugal" iremos descrevê-las, agrupando-as por espécies e por ordem alfabética.

ACÁCIAS

Pertencem à Família das Leguminosas, Sub-Família das Mimosoideas.

Foram introduzidas no País, nos meados do século passado, muitas espécies de Acácias, quase todas oriundas da Austrália.

Grande parte são de porte médio, destacando-se pela beleza das suas flores amareladas e riqueza das cascas em tanino (*Acácia mollissima*, *A. decurrens*, *A. dealbata*, *A. picnantha* e *A. cyanophylla*, etc.).

A de maior porte é sem dúvida a *Acácia melanoxylon*, também muito difundida no País, e que produz uma madeira muito apreciada para marcenaria.

Apenas há a destacar exemplares de grande porte de *Acácia melanoxylon* e alguns de *Acácia dealbata*.

Acácia melanoxylon (*Acácia austrália*)

Os mais antigos exemplares que se conhecem de *Acácia melanoxylon*, situam-se ao longo da estrada de Falperra a Bom Jesus de Braga, e Quinta da Eira junto ao Convento de Tibães, a norte de Braga.

Na estrada de Falperra a Bom Jesus de Braga há vários exemplares com 3,30 m a 3,60 m de P.A.P. e 25 a 30 m de altura.

Na Quinta da Eira há 2 exemplares, respectivamente com 3,85 e 3,55 m de P.A.P. e 39 m de altura.

Na Mata do Buçaco e no Parque da Pena em Sintra, também há exemplares de porte excepcional, com 2,5 a 3 m de P.A.P. e 30 a 40 m de altura.

Igualmente é de assinalar alguns exemplares de grande porte na Quinta de S. Francisco, no Eixo (Aveiro), assim como próximo de Monchique, junto à estrada para Sabóia.

Por fim não queremos deixar de mencionar a espectacular mata de *Acácias melanoxylon*, na Mata Nacional do Camaride próximo de Caminha, que infelizmente, em grande parte, foi destruída pela nova derivante da estrada nacional de Viana do Castelo-Caminha.

Acácia dealbata

Trata-se duma acácia mimosa muito difundida no País, de folhas compostas e de cor glauca, e de flores amarelas muito abundantes. Esta acácia floresce no fim do Inverno, embelezando bastante as estradas, parques, jardins, etc. e por isso, na altura da sua floração, já se efectuam alguns festejos em homenagem a esta árvore.

O maior exemplar que se conhece desta espécie situa-se na Mata do Buçaco, com 2,5 m de P.A.P. e 35 m de altura.

AGATES (*Agathis*)

Pertence à Família das Araucariaceas.

Trata-se duma resinosa, pertencente à Sub-Família das Araucarioides, assim como as Araucarias.

A única espécie deste género que merece referência é a *Agathis robusta*, por existir um exemplar de dimensões excepcionais, na Quinta de Monserrate, em Sintra.

Esta espécie é oriunda do Estado de Queenslândia, da Austrália, que no seu País de origem tem grande interesse económico devido à qualidade da sua madeira.

O exemplar existente em Monserrate, fica próximo do Palácio, tendo sido plantada nos meados do século passado, pelo inglês Francis Cook, proprietário desta quinta (Fot. 16).

Esta árvore tem as seguintes dimensões:

Perímetro do tronco a 1,30 m do solo	5,50 m
Altura total	27,00 m



Fot. 16 — *Agathis robusta*, na Quinta de Monserrate em Sintra, que tem 5,5 m de P.A.P.

NOTA:

Também próximo desta árvore, existem mais duas da mesma espécie, merecendo igualmente menção uma delas com 3,8 m de P.A.P. e 35 m de altura.

Na Quinta do Monserrate, além de existirem inúmeras espécies exóticas, constituindo um dos mais completos arboretos do País, de fama Mundial, também é de assinalar que muitas árvores de várias espécies atingem aqui dimensões invulgares, superiores a quaisquer outras existentes no País, as quais iremos descrevê-las na altura própria. Esta quinta foi adquirida em 1856 pelo inglês Francis Cook (posteriormente Visconde de Monserrate), que plantou em poucos anos este tão rico e variado arboreto, de sementes obtidas de todas as partes do Mundo.

ALFARROBEIRA (*Ceratonia siliqua*)

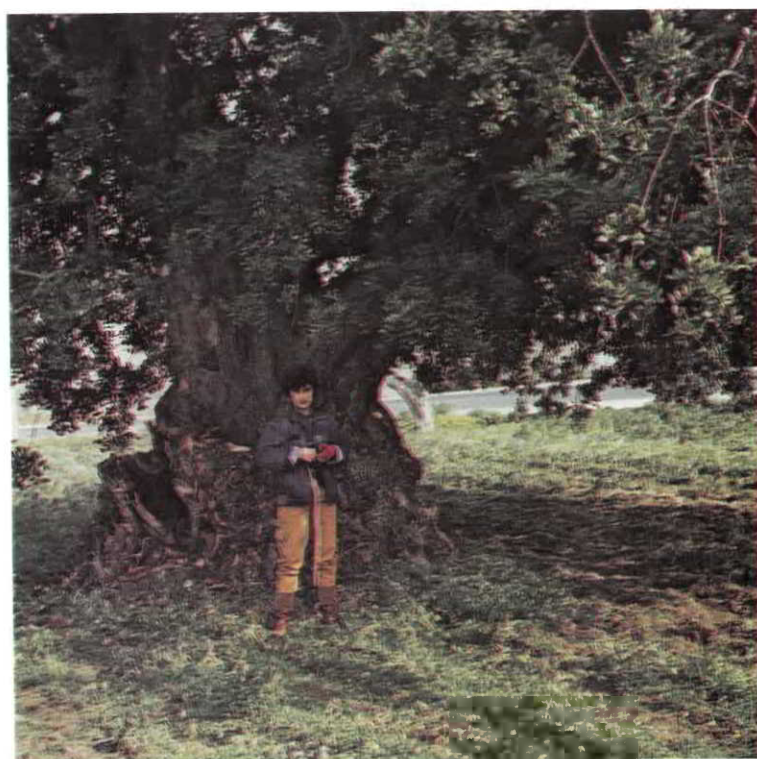
É uma Leguminosa da Sub-Família das Cesalpinoideas, originária da Síria, tendo-se difundido já há muitos séculos por toda a Bacia do Mediterrâneo.

Em Portugal a sua área de cultura limita-se apenas à faixa litoral do barrocal algarvio, abrangendo uma área total de 56 000 ha.

É uma espécie dioica, isto é, há árvores apenas com flores masculinas (chamadas alfarrobões) e outras com flores femininas. São cultivadas algumas variedades (mulata, burro, canela e galhosa), com predominância da mulata.

É cultivada para a produção do fruto, tendo muito valor tanto a polpa como a grainha.

Atinge idade muito avançada, mais de 300 anos, existindo no Algarve, principalmente no Barlavento, entre Loulé e Tavira, muitos exemplares de grande porte, com 6 a 8 m de P.A.P. e 20 a 30 m de diâmetro de copa, e produzindo cerca de 1000 Kg de alfarroba, como se poderá verificar no exemplar da Fot. 17.



Fot. 17 — Alfarrobeira multiseccular com 7 m de P.A.P., junto à estrada entre Olhão e Tavira.

ARAUCARIAS

Pertence à Família das Araucariaceas

Em Portugal foram introduzidas várias espécies de *Araucarias*, da Austrália e América do Sul.

Aqueles que merecem maior destaque, pelo porte de alguns exemplares são: *Araucaria excelsa* (presentemente *Araucaria heterophylla*), *A. Bidwillii*, *A. angustifolia*, *A. Cunninghamii* e *A. columnaris*.

Araucaria excelsa (= *E. heterophylla*)

É originária da pequena Ilha de Norfolk, próximo da Costa da Austrália. É a mais difundida em Portugal, sendo altamente resistente ao vento e à salinidade do mar — por esse facto é vulgar ver-se junto da Costa.

Igualmente é a que atinge maior porte, assinalado-se vários exemplares com dimensões verdadeiramente excepcionais.

— O maior exemplar que conhecemos desta espécie situa-se no Parque de Monserrate, em Sintra, próximo do Palácio, que tem 6,25 m de P.A.P., 44 m de altura e 22 m de diâmetro de copa.

Esta árvore deve ter sido plantada nos meados do século passado, pelo primitivo proprietário desta Quinta, Sr. Francis Cook, de nacionalidade inglesa (Fot. 18).



Fot. 18 — *Araucaria heterophylla*, na Quinta de Monserrate, em Sintra, que é a maior do País.

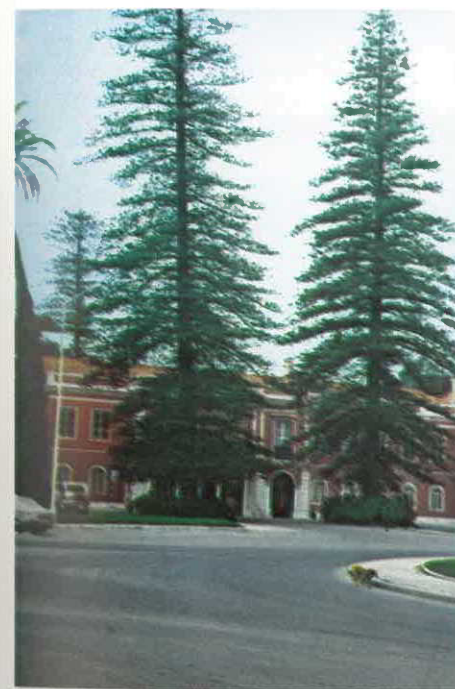
Também não queremos deixar de referir que em muitas quintas e parques em volta de Sintra existem belos exemplares desta espécie, que merecem ser citados, pelo seu conjunto, o que indica as excepcionais condições ecológicas deste local para o desenvolvimento desta araucaria.

- O segundo exemplar em grossura de tronco situa-se no Jardim do Monteiro Mor (Jardim do Museu do Traje) no Lumiar em Lisboa. Trata-se da *Araucaria* mais antiga do País, plantada por Jacome Raton no final do século XVII (1), e também a 1.^a plantada na Europa ao ar livre (4). Tem presentemente 5,93 m de perímetro (P.A.P.), 43,5 m de altura e 20,2 m de diâmetro de copa (Fot. 19). Se acaso não tivesse sido cortada a flecha em 1977, por se ter secado devido a um fungo, que se presume ser *Criptospora longispora*, a altura real seria de 48,5 m. É de salientar que este fungo foi detectado em Abril de 1977, provocando em dois meses a morte de 5 m de flecha, que foi cortada devido à acção pronta do Eng.^o Filipe Sousa Lara, técnico deste parque, tendo mobilizado para esse fim os bombeiros para cortar a parte afectada, a qual foi removida de helicóptero pelas Forças Aéreas da Ota. Deste modo evitou-se a propagação da doença, salvando-se assim esta árvore monumental.

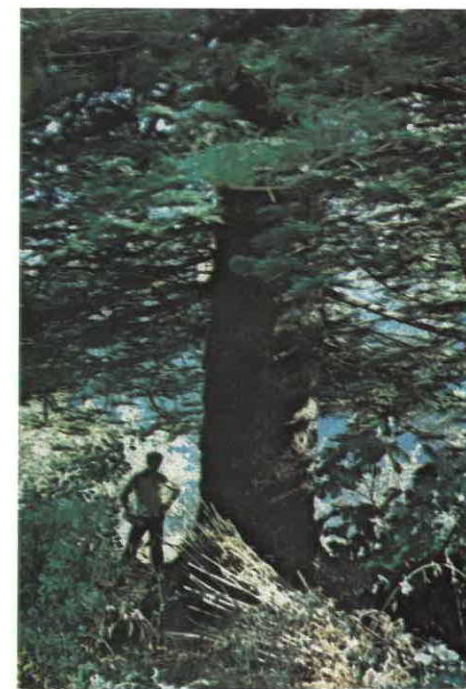


Fot. 19 — *Araucaria heterophylla*, no Parque de Monteiro Mor, no Lumiar, em Lisboa, que é a mais velha do País.

- No Jardim do Palácio dos Marquesses de Pombal em Oeiras, há a mencionar 2 exemplares, não só pelo seu porte e idade (mais de 100 anos), mas também pelo seu enquadramento dentro de tão belo conjunto arquitectónico. Estas duas árvores têm praticamente as mesmas dimensões — 4,0 m de P.A.P. e 32,5 m de altura.
- No Alfeite são de assinalar 2 grandes exemplares, plantados no tempo do Rei D. Pedro V, em frente ao Palácio construído nessa altura e junto ao rio Tejo. Estas árvores têm respectivamente 3,70 e 3,40 m de P.A.P. e cerca de 40 m de altura (Fot. 20).
- Na Vila de Monchique também há 2 exemplares, uma na Quinta do Eng.^o Reis Moreira, com 3,90 m de P.A.P., 35,5 m de altura e 19 m de diâmetro de copa, e outra na Quinta do João Chula, com 4,35 m de P.A.P., e 34 m de altura e 15 m de perímetro de copa. É de referir que as flechas destas duas árvores foram partidas com o ciclone de Fevereiro de 1941, tendo presentemente uma segunda flecha, como é normal nestes casos (Fot. 21).
- No Jardim Municipal de Aveiro há um exemplar, considerado de interesse público por decreto publicado em Diário do Governo, que tem 4,6 m de P.A.P. e 19 m de diâmetro de copa. Pena é que a flecha tivesse sido partida com um vendaval, em 16 de Janeiro de 1922.



Fot. 20 — *Araucarias heterophylla*, junto ao Palácio do Alfeite, plantadas no tempo de D. Pedro V.



Fot. 21 — *Araucaria heterophylla*, na vila de Monchique.

Araucaria Bidwillii

É uma espécie originária da Austrália (Estado de Queenslândia).

O maior exemplar que conhecemos fica no Parque de Monserrate em Sintra, próximo do Palácio, tendo 5,90 m de P.A.P., 34 m de altura e 20 m de diâmetro de copa. Também neste Parque existe um outro com 4,80 m de P.A.P., mas que se encontra algo decrépito. Estas duas árvores deverão ter sido plantadas em meados do século passado, pelo seu antigo proprietário, o Sr. Francis Cook (Fot. 22).

— Na Mata do Buçaco, próximo do Hotel, há um exemplar com 4,40 m de P.A.P. e 35 m de altura, que foi plantado em 1866. Em 1964, segundo Brito Peres (11), tinha 3,94 m de P.A.P., tendo engrossado em diâmetro 14 cm, em 19 anos.

— Em Vale de Canas próximo de Coimbra, no fundo do vale, há um grande exemplar desta espécie, que se julga ter sido plantado em 1873, ou seja quando foi plantada esta mata de eucaliptos. Esta árvore tem 3 m de P.A.P. e 50 m de altura.

— No Parque do Colégio da Companhia de Jesus em Cernache de Coimbra, há um grande exemplar, com 4 m de P.A.P., 20 de diâmetro de copa e cerca de 30 m de altura.

Também merece referência um exemplar do Jardim Botânico de Lisboa, possivelmente plantado por Daveau (célebre jardineiro e botânico, que dirigiu este jardim desde 1879 a 1892) e que tem 2,74 m de P.A.P. e 32 m de altura, assim como um outro no Jardim Botânico de Coimbra.



Fot. 22 — *Araucaria Bidwillii*, na Quinta de Monserrate, em Sintra, que é a maior do País.

Araucaria Cunninghamii

Também é originária da Austrália (das regiões costeiras do Norte de Nova Gales do Sul e Sul da Queenslândia) e das montanhas norte-oeste da Nova Guiné.

É de referenciar um exemplar do Jardim Botânico de Lisboa, com 2,75 m de P.A.P. e 35 m de altura.

Araucaria columnaris (= *A. Cookii*)

É originária da Ilha de Nova Caledónia, sendo uma árvore de tronco contorcido e copa estreita e colunar. O seu porte característico, fez lembrar ao capitão Cook e seus companheiros na segunda viagem de circum-navegação, ao aproximarem-se da ponta Sul da Nova Caledónia, enormes colunas de basalto em vez de autênticas árvores (4).

É de registar os seguintes exemplares em Lisboa — no Jardim do Príncipe Real (Jardim França Borges) considerado de interesse público por decreto publicado em Diário do Governo, nos Jardins Botânicos de Lisboa e Coimbra e no Parque de Monteiro Mor no Lumiar, etc.

Qualquer destas árvores tem hoje mais de 100 anos.

Araucaria angustifolia (= *A. brasiliensis*)

Trata-se do Pino do Pará ou seja duma espécie do Sul do Brasil e Argentina.

Por este facto, muitos emigrantes regressados daqueles Países, por saudosismo tem plantado um ou vários exemplares nas suas quintas, principalmente nas províncias do Minho e Alto Douro.

O maior e mais belo exemplar que conhecemos (Fot. 23), fica numa Quinta junto à estrada de St.º Tirso-Guimarães ao Km-33-3 (a 11,5 Km de Guimarães). Esta árvore tem as seguintes dimensões:

Perímetro do tronco a 1,30 m do solo (P.A.P.)	2,95 m
Altura do tronco, limpo de ramos	20,00 m
Altura total	30,00 m



Fot. 23 — *Araucaria angustifolia*, junto à estrada de St.º Tirso-Guimarães.

ÁRVORE DA BORRACHA

Pertence à Família das Moraceas e ao Género dos Ficus.

É de assinalar que o Género *Ficus* engloba cerca de 600 espécies, entre elas a figueira comum (*Ficus caria*) e inúmeras espécies de Países quentes, tipo tropical e equatorial (da Índia, Ceilão, Sul da China, Java, Austrália, etc.).

Estas espécies além de exsudarem por incisão do tronco um líquido leitoso, como as euphorbiaceas, têm, em grande parte, a particularidade de emitirem raízes aéreas, que se transformam em troncos subsidiários.

Ficus macrophylla

A *Ficus macrophylla* (*Ficus elastica*), que em Portugal é conhecida por *Árvore da Borracha*, é oriunda das regiões Indo-Malasicas e Austrália e foi inicialmente explorada na Ilha de Java para obtenção de borracha, como o foram posteriormente várias espécies de *Hevea* (da família das Euphorbiaceas) no Brasil.

A *Ficus macrophylla* (a árvore da borracha), está muito difundida no nosso País, em parques e jardins onde atinge um grande porte, sendo igualmente muito cultivada como planta ornamental para interior de casas.

É de assinalar no País os seguintes exemplares de porte excepcional:

No *Jardim Botânico de Coimbra*, assinalou-se o maior exemplar existente no País com 11,5 m de P.A.P. e 32 m de diâmetro de copa (Fot. 24).

No *Jardim da Estrela em Lisboa*, existem 3 exemplares com as seguintes dimensões:

- a) — 7,00 m de P.A.P., 28 m de diâmetro de copa.
- b) — 7,10 m de P.A.P., 28 m de diâmetro de copa.
- c) — 8,60 m de P.A.P., com troncos complementares a partir das pernas.



Fot. 24 — Árvore da Borracha (*Ficus macrophylla*), no Jardim Botânico de Coimbra, com 11,5 m de P.A.P., sendo a maior do País.

Estas árvores devem ter sido plantadas em 1850/51, altura em que foi criado este jardim, inicialmente com o nome de Passeio Público da Estrela (Fot. 25).

— No *Jardim Botânico de Lisboa*, existem 2 grandes exemplares, tendo o maior 5,65 m de P.A.P. e 4 troncos complementares a partir de pernas.

— No *Jardim do Monteiro Mor, no Lumiar*, existem 2 exemplares, em que o maior tem 7,20 m de P.A.P., e 29,5 m de diâmetro de copa e 30,5 m de altura.

É uma árvore muito imponente e grandiosa, cujo tronco se bifurca a 2,5 m, em dois troncos paralelos e rectilíneos, os quais se ramificam em grandes pernas a 15 m do solo, formando uma copa densa e ampla (Fot. 26).



Fot. 25 — Árvore da Borracha (*Ficus macrophylla*) do Jardim da Estrela em Lisboa, com 8,60 m de P.A.P.



Fot. 26 — Árvore da Borracha (*Ficus macrophylla*), no Jardim do Monteiro Mor, no Lumiar, em Lisboa, com 7,20 m de P.A.P.

- No *Largo Hintze Ribeiro* em Lisboa, há 4 exemplares, cujas copas cobrem quase por completo esta praça, ou seja uma área de 40x40 m.
- No *Jardim do Ultramar em Lisboa*, há dois exemplares de grande porte, tendo o maior 6,5 m de P.A.P. e 30 m de diâmetro de copa. Esta última árvore, além das suas grandes dimensões, é notável pela sua copa muito ampla e arredondada (Fot. 27).
- No *Alfeite (Comando Naval de Lisboa)* é de assinalar no *Jardim do Palácio* um grande exemplar, plantado no tempo de D. Pedro V (possivelmente 1860), que tem 8,2 m de P.A.P. e cerca de 32 m de diâmetro de copa. É de notar a existência de vários troncos complementares, resultante de raízes nascidas de ramos laterais.



Fot. 27 — Espectacular exemplar da Árvore da Borracha (*Ficus macrophylla*), no Jardim do Ultramar, em Lisboa.

Ficus rubiginosa

É uma espécie originária da Ásia meridional, como aliás muitas outras espécies deste género.

Em Portugal é de assinalar um exemplar de porte excepcional no Jardim Botânico da Ajuda, que deve ter cerca de 200 anos, e que tem 4,70 m de P.A.P., 24,0 m de altura e 25,0 m de diâmetro de copa.

AZINHEIRAS (*Quercus illex*)

Pertence à Família das Fagaceas.

É uma espécie com grande dispersão pela Bacia do Mediterrâneo, desde Portugal até ao Cáucaso, constituindo inúmeras variedades ou subespécies, algo diferentes umas das outras.

Na Península Ibérica domina a *Quercus illex subsp. rotundifolia*, ou seja a azinheira de bolota doce, que até há poucos anos constituía uma grande riqueza para a engorda de porcos de montanha.

Em Portugal ocupa uma área de 550 000 ha, que se concentra praticamente nas regiões interiores do Alentejo. No entanto é de notar que esta espécie tem uma grande dispersão no País, desde o litoral algarvio até às montanhas de Trás-os-Montes, a altitudes elevadas (caso da Serra de Montesinho).

Foram célebres muitas azinheiras de grande porte, algumas infelizmente desaparecidas recentemente. É o caso da *Azinheira do Carro*, na Herdade de Pai-Anes no Concelho de Niza, que deu 32 toneladas de lenha e da *Azinheira da Herdade da Água do Peixe* próximo do "Monte" no concelho do Alvito.

Também não queremos deixar de assinalar a existência duma grande azinheira, a mais grossa que temos notícia, com 6,20 m de P.A.P., e que secou há cerca de 30 anos. Essa árvore situava-se na Herdade de Pessanha, na freguesia de Monte Trigo no Concelho de Portel, e o seu proprietário (Eng.º Ricardo Correia Girão), querendo perpetuá-la, transplantou-a (tronco e base das pernas das mestras) para a frente do "Monte", construindo em volta um edifício ou seja um verdadeiro "Mausoleu", afim de que esta árvore continuasse a ser admirada.

Também foi célebre a azinheira da Herdade de Gaspar Cam, junto a Santo António da Terrugem, no concelho de Elvas, conhecida pela *Rachadinha*, em virtude de rachar a casca das bolotas.

Esta árvore foi citada por Sousa Pimentel no seu livro *Árvores Giganteas de Portugal*, publicado em 1894 tendo, nessa altura, o tronco cerca de 4 m de perímetro e a copa 31 m de diâmetro e produzia em média 1000 litros de bolota.

Ainda hoje esta árvore é recordada, tendo infelizmente desaparecido devido a um vendaval.

No entanto ainda existem muitas azinheiras notáveis, pelo seu porte invulgar, que iremos descrever:

— *Azinheira de Alportel* — fica próximo da estrada nacional de Faro-Barranco Velho a norte da Vila de Alportel, e tem as seguintes dimensões: 4,10 m de P.A.P. 25 m de diâmetro de copa e 15 m de altura (Fot. 28). É uma das mais imponentes azinheiras do País e está considerada de interesse público por decreto publicado no Diário do Governo.

— *Azinheira de Baião* — fica próximo de S. Marcos da Serra, no lugar de Baião, na Várzea da ribeira de Odelouca, tendo 3,10 m de P.A.P. e 28,5 m de diâmetro de copa (Fot. 29).

É uma das mais belas azinheiras do País, em virtude da sua copa ser muito ampla, e está considerada de interesse público por decreto publicado no Diário do Governo.

— *Azinheira da Herdade do Alamo* — na freguesia de Sobral da Adiça, no concelho de Moura. Fica próximo do "Monte da Herdade", a cerca de 50 m da estrada que segue para Pias e próximo do cruzamento com a estrada de Sobral da Adiça-Moura.



Fot. 28 — Azinheira de Alportel, no Algarve, uma das mais imponentes do País.



Fot. 29 — Azinheira do lugar de Baião, em S. Marcos da Serra, no Algarve, também de porte invulgar.

Esta árvore está isolada e implantada em solos fundos, de coluviais de xisto, no entanto encontra-se decrépita, como se poderá verificar na Fot. 30, devido a lavouras profundas que têm danificado as raízes.

É uma azinheira de porte excepcional, com 4,35 m de P.A.P., 16 m de altura e 27 m de diâmetro da copa.

Está considerada de interesse por decreto publicado no Diário do Governo.

— *Azinheira da Herdade de Entre Matas* — fica a 5 Km a sul da Aldeia de Alcáçovas, do concelho de Viana do Alentejo, tendo as seguintes dimensões: tronco com 3,7 m de P.A.P., 27 m de diâmetro de copa e 16 m de altura. É notável pela sua copa, tendo 4 pernadas, cada uma com cerca de 2,4 m de perímetro na base.

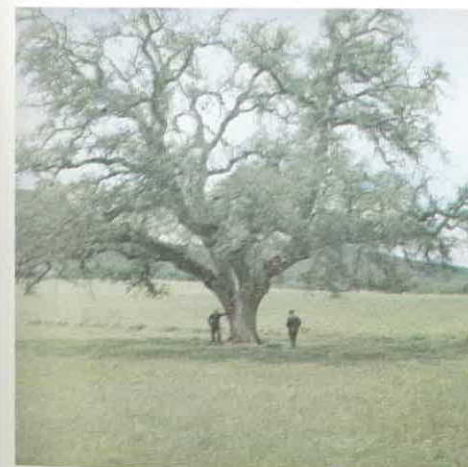
— *Azinheira da Herdade do Vale da Rebola* — pertencente à Casa de Bragança, fica na freguesia e concelho de Portel, a 3 Km desta vila, próximo da estrada de Oriela-Portel. Esta árvore situa-se junto a uma linha de água próximo do "Monte", tendo as seguintes dimensões: 4,3 m de P.A.P., 24 m de diâmetro de copa e 25 m de altura.

— *Azinheira da Herdade da Perna Seca*, no concelho de Estremoz, próximo da povoação de S. Estevão.

Tem as seguintes dimensões: 3,30 m de P.A.P., 13 m de altura e 26 m de diâmetro de copa.

— *Azinheira da Herdade do Outeiro*, na freguesia de Glória do concelho de Estremoz, ficando do lado direito da estrada para Glória, a seguir ao cruzamento, próximo dos Carvalhos.

É uma árvore com as seguintes dimensões: 5,40 m de P.A.P., 13 m de altura e 19 m de copa (Fot. 31).



Fot. 30 — Azinheira da Herdade do Álamo, de grande porte, mas afectada pelas lavouras junto às raízes.



Fot. 31 — Azinheira da Herdade do Outeiro, na freguesia de Glória, no concelho de Estremoz, que é uma das mais grossas do País.

Deve ser das azinheiras mais grossas do País, e se acaso não tivesse sido derrubada uma das suas pernas reais, pelo ciclone, o diâmetro da copa deveria ser da ordem dos 26 m. Esta árvore é conhecida pela *azinheira da cabreira* porque antigamente à sua volta, aproveitando a sombra da sua copa, abrigava-se grande número de cabras.

- *Azinheira da Herdade da Candieira*, na freguesia da Aldeia da Serra no concelho do Redondo, ficando do lado direito da estrada do Redondo-Aldeia da Serra, a cerca de 1,5 Km desta povoação.

É uma árvore com as seguintes dimensões: 4,80 m de P.A.P., 13 m de altura e 26 m de diâmetro de copa.

É uma azinheira muito imponente e vigorosa, pena é que tivesse sido podada intensamente há relativamente pouco tempo (Fot. 32).

- *Azinheira de Bragança*, que fica no ramal da estrada n.º 23, junto à Igreja de St.ª Cruz.

É uma árvore ainda muito vigorosa, tendo 5 m de P.A.P., 14 m de altura e 24 m de diâmetro de copa (Fot. 33).

Está considerada de interesse público por decreto publicado no Diário do Governo.

- *Azinheira de Fátima*, no local da Aparição de Nossa Senhora de Fátima, na Cova de Santa Iria, resta apenas uma azinheira, a *Azinheira Grande*, onde os pastorinhos, debaixo da sua copa, aguardavam a aparição de Nossa Senhora, sobre uma azinheira próxima, e que ficava no local onde se situa hoje a imagem de Nossa Senhora, junto à entrada da Capelinha das Aparições.

Esta azinheira deve ser hoje a mais conhecida e fotografada do Mundo (Fot. 33 a).



Fot. 32 — Azinheira da Herdade da Candieira, na Serra d'Ossa, de grande porte e grande vigor vegetativo.



Fot. 33 — Azinheira de Bragança, junto à Igreja de St.ª Cruz.



Fot. 33 a — Azinheira de Fátima, próximo da Capelinha das Aparições.



Fot. 34 — Bela Sombra (*Phytolacca dioica*), no Jardim dos Anjos em Lisboa, que deve ser a mais espectacular do País.

BELA SOMBRA (*Phytolacca dioica*)

Pertence à Família das Fitolacaceas.

É uma espécie oriunda da Argentina, Chile e Sul do Brasil, existindo nos Parques e Jardins de Lisboa alguns exemplares de porte notável — Parque Eduardo VII, em frente à Estufa Fria, Campo de Santana, na Graça (em frente à Igreja do Monte), junto à antiga Cadeia do Limoeiro e Jardim dos Anjos.

A característica mais notável desta espécie, é sem dúvida o extraordinário desenvolvimento da base do tronco, que engrossa consideravelmente, formando um pedestal de forma irregular, donde saem troncos secundários de grossura diferente, assim como na parte superior das raízes principais, caprichosamente expandidas na superfície do solo.

- Os exemplares mais notáveis são sem dúvida os do Jardim dos Anjos (Jardim António Feijó), ou sejam 2 exemplares, em que no maior, o tronco tem na base uma sapata quase rectangular, com 4x5 m (Fot. 34).

Estas duas árvores estão consideradas de interesses público por decreto publicado em Diário do Governo.

CANFOREIRA (*Cinnamomum camphora*)

Pertence à família das Lauraceas.

É uma árvore de folha persistente, originária da Ásia Oriental, e da destilação da sua madeira e casca obtém-se a cânfora.

A sua madeira é muito apreciada em marcenaria, principalmente para fazer as célebres arcas de cânfora.

O exemplar mais notável que se conhece no País, situa-se na Quinta de Bencantha (Antiga Escola de Regentes Agrícolas) em Coimbra, que tem 7,10 m de P.A.P., 25 m de altura e 38 m de diâmetro de copa (Fot. 35).

Na Quinta das Lágrimas em Coimbra, também existe um exemplar que merece ser citado, e que tem 4,15 m de P.A.P. e 23 m de diâmetro de copa.



Fot. 35 — Canforeira na Quinta de Bencantha (Ex-Escola Agrícola de Coimbra), que é a maior do País.

CARVALHOS

Pertencem à Família das Fagaceas, e estão englobados no *Genero Quercus*, que se encontra altamente representado no País por 8 espécies — *Quercus suber* (sobreiro), *Quercus illex* (azinheira), *Quercus robur* (carvalho alvarinho ou carvalho roble), *Quercus pyrenaica* (carvalho negral ou das Beiras), *Quercus faginea* (carvalho português ou carvalho cerquinho), *Quercus canariensis*, *Quercus coccifera* (carrasco) e *Quercus frusticosa* (carvalhiça) todas de porte arboreo, exceptuando as duas últimas indicadas.

Além destas espécies há a considerar ainda alguns *Quercus exóticos* introduzidos no País.

Dos carvalhos indígenas, há a referir vários exemplares excepcionais de carvalho roble (*Quercus robur*) e de carvalho cerquinho (*Quercus faginea*).

Carvalho cerquinho (*Quercus faginea*)

É um carvalho quase circunscrito à Península Ibérica, que em Portugal vegeta fundamentalmente na faixa litoral desde o Algarve até ao rio Mondego.

Carvalho da Herdade do Reguengo Pequeno, no concelho de Odemira — fica a 10 Kms a norte desta vila e a 1,5 Km da estrada nacional, que segue para o Cercal do Alentejo. Tem um tronco curto, com 5,75 m de P.A.P. (perímetro a 1,30 m do solo) e uma copa algo assimétrica, por ter caído com o ciclone de 1941 uma grande pernada, cuja ferida já cicatrizou. A copa tem 28 m de diâmetro e se acaso não tivesse caído a pernada atrás citada, deveria ter cerca de 36 m. É uma árvore multiseccular, talvez com 500 anos ou mais, que julgamos ser o maior exemplar desta espécie no País. No tempo da engorda de porcos de montanha, este carvalho só por si, engordava um porco (Fot. 36).

Também nesta herdade existe um outro carvalho, de porte excepcional, mas muito mais novo, e ainda em pleno desenvolvimento, que tem 3,5 m de P.A.P. e uma copa ampla e bem formada, com 27 m de diâmetro.



Fot. 36 — Carvalho cerquinho (*Quercus faginea*) na Herdade do Reguengo Pequeno, no concelho de Odemira, que é o maior que se conhece.

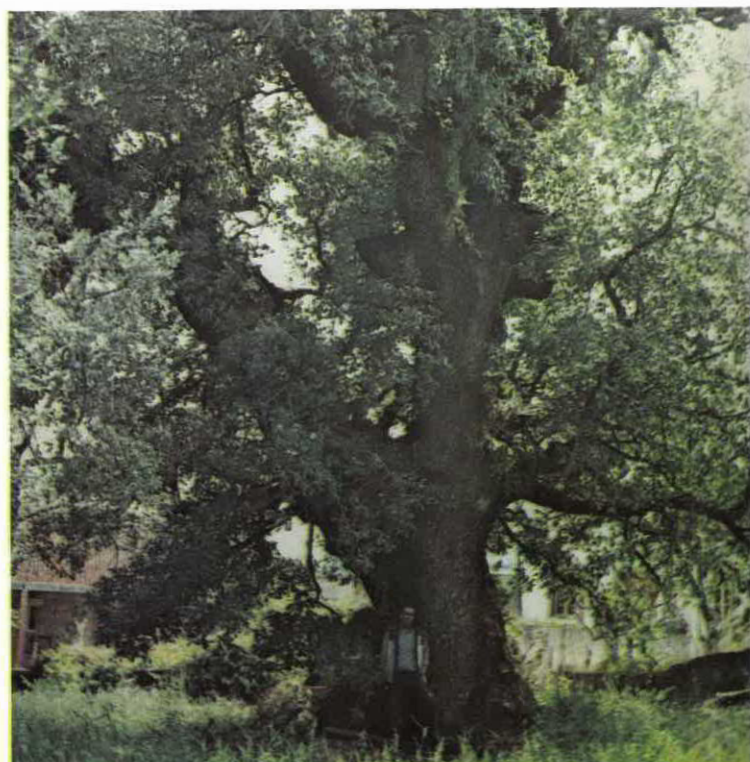
Carvalho da Herdade do Reguengo Grande, na freguesia de Relíquias do concelho de Odemira — fica próximo do "Monte", numa várzea, tendo 3,25 m de P.A.P. e uma copa muito ampla e densa com 27 m de diâmetro. Trata-se de uma árvore de grande beleza e de grande vigor vegetativo.

Carvalho do Casal do Rosário, junto à estrada de Torres Vedras para o Bombarral, a 3 Km desta vila, com 3,9 m de P.A.P. e 25 m de diâmetro de copa. É de assinalar que a copa desta árvore fôra muito mais ampla, tendo sido cortada em grande parte, do lado sul, por cobrir terreno de cultura. Igualmente é de referir que o tronco desta árvore, na base, tinha uma grande concavidade onde se abrigava ainda há 25 anos um cão de guarda, tendo cicatrizado por completo.

Carvalhos dos Vales, próximo de Alcadaria da Serra, no concelho de Porto de Mós. O maior, que fica junto à antiga estrada romana, que ligava Tomar à Nazaré, tem 5,25 m de P.A.P. e 25 m de diâmetro de copa. É uma árvore multiseular, muito conhecida na região, que fôra outrora muito mais frondosa, tendo caído por velhice e pelos temporais, algumas pernas reais.

A outra árvore fica muito próximo desta, sendo muito mais nova, e tem 3,15 m de P.A.P., 15,5 m de altura e 24 m de diâmetro de copa.

Carvalho da Aldeia de Bruscos, na freguesia e concelho de Condeixa-a-Nova, é multiseular, tendo 5,4 m de P.A.P. e 3 pernas muito grossas, já secas nas pontas, que partem do tronco a cerca de 2,5 m de altura. Está considerada de interesse público por decreto no "Diário do Governo" (Fot. 37).



Fot. 37 — Carvalho cerquinho (*Quercus faginea*) na Aldeia de Brusco, na freguesia e concelho de Condeixa-a-Nova, multiseular e de porte invulgar.

Carvalho alvarinho ou roble (*Quercus robur*)

É uma espécie que vegeta na parte noroeste do País, principalmente nas províncias do Minho, Beira Litoral e Beira Alta.

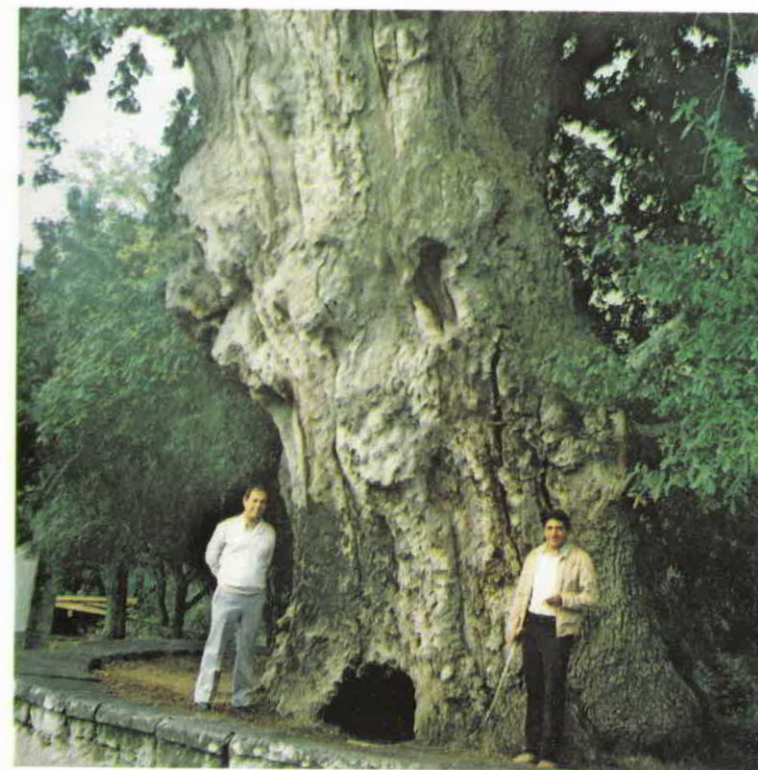
Este carvalho é bem conhecido pelo seu porte majestoso, idade muito avançada e qualidade da sua madeira.

A árvore mais célebre e que se julga ter cerca de 900 anos é a *Carvalha do Presépio*, que fica junto à Capela de Nossa Senhora do Presépio, em Castro d'Aire no Distrito de Viseu, estando protegida por um muro à volta.

Trata-se do carvalho roble mais conhecido do País, e talvez o mais velho, que os naturais diziam coevo dos Templários, cujo hospício ficava perto. Este hospício tinha uma cerca em cuja área se encontrava o carvalho a que nos referimos.

Por medições efectuadas há bastantes anos, atribuíram-lhe cerca de 22 m de altura e 13,2 m de contorno (18). O seu tronco que se encontra corcomido poderá albergar cerca de 30 pessoas, tendo servido de curral de cabras durante muitos anos.

Por medições recentes o tronco tem 10,40 m de P.A.P. (ou seja, 3,3 m de diâmetro) que em grande parte está sêco e ôco, estando cintado com um cabo de aço para melhor protecção (Fot. 38).



Fot. 38 — Carvalho alvarinho (*Quercus robur*), conhecido por "Carvalha do Presépio", em Castro d'Aire, com 10,4 m de P.A.P., sendo o mais célebre do País.

É de referir que há anos uma das principais pernas foi derrubada por um temporal, tendo dado 12 carradas de lenha. Para melhor rebentação da copa o tronco fora cortado a 7,5 m de altura, tendo presentemente esta árvore cerca de 20 m de altura e 19 m de diâmetro de copa.

Esta árvore está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

Também no concelho de Castro d'Aire é de assinalar o *carvalho do Recinto público da Aldeia dos Rebolhos*, estando igualmente protegido por um muro à volta. Tem 5 m de P.A.P., 22 m de altura e 25 m de diâmetro de copa. É uma árvore majestosa ainda com grande vigor vegetativo, que deve ser multiseccular (Fot. 39).

Está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário de Governo".

Na cidade de Viseu e arredores há a considerar vários exemplares de grande porte, em que se destacam os seguintes:

Carvalhos do Parque Municipal, com as seguintes dimensões:

- a) — 4,8 m de P.A.P., 33 m de altura e 23 m de copa
- b) — 4,4 m de P.A.P., 30 m de altura e 25 m de copa



Fot. 39 — Carvalho alvarinho (*Quercus robur*) na povoação de Rebolho, multiseccular e de grande porte.

Carvalho do Largo das traseiras do Cemitério, pertencente à Câmara Municipal, com 3,6 m de P.A.P., 29,7 m de altura e 25 m de diâmetro de copa.

Está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

Carvalho do Largo da Feira de S. Mateus (Monumento de Viriato), com 5,40 m de P.A.P., 27,70 m de altura e 21 m de diâmetro de copa.

Carvalho dentro do recinto de transmissões dos CTT, junto ao Quartel, com 5 m de P.A.P., 29 m de altura e 25 m de diâmetro de copa. É uma árvore majestosa, ainda relativamente nova e com grande vigor vegetativo (Fot. 40).

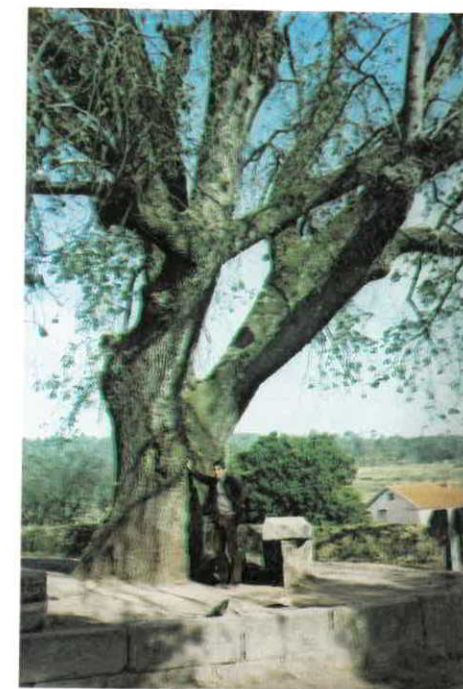
Carvalhos do Parque do Fontelo, existem bastantes exemplares multisecculares, alguns com 4,6 m de P.A.P.

Carvalho do releixo de uma tanoaria, na freguesia de S. Cipriano, com 4,2 m de P.A.P., 24 m de altura e 20 m de diâmetro de copa (Fot. 41). Está considerado de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

Carvalho da Casa do Caritel, na freguesia de Vouzela, que tem 3,4 m de P.A.P., 20 m de altura e 22 m de diâmetro de copa. É uma árvore de tronco curto, mas com inúmeras pernas e ramos, formando uma copa densa, alta e larga.



Fot. 40 — Carvalho alvarinho (*Quercus robur*) em Viseu, dentro do recinto de transmissões dos CTT, de grande porte e grande vigor vegetativo.



Fot. 41 — Carvalho alvarinho (*Quercus robur*) em Viseu, no releixo de uma tanoaria, multiseccular e de grande porte.

No distrito de Aveiro há a assinalar dois grandes carvalhos roble ambos classificados de interesse público, por decreto publicado em "Diário do Governo".

Um deles situa-se no *Largo da Feira, em Oliveira de Azeméis*. É uma árvore imponente, muito vigorosa, que tem 3,30 m de P.A.P., 20 m de altura e 20 m de diâmetro de copa (Fot. 42).

O outro situa-se na *propriedade do Lameirão no lugar de Fermentões, na freguesia de Valongo do Vouga, do concelho de Águeda*, tendo 3,95 m de P.A.P., 23 m de altura e 28 m de diâmetro de copa. É uma árvore multiseccular, de copa muito ampla e aberta.

No distrito da Guarda há a assinalar também dois carvalhos monumentais:

— No *lugar da Senhora dos Verdes, na freguesia de S. Pedro, no concelho de Manteigas*, com 4,68 m de P.A.P., 24 m de altura e 28 m de diâmetro de copa (Fot. 43). É de assinalar que esta árvore em 1939, tinha 4,36 m de P.A.P.

Está considerado de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

— No *lugar das Aldeias, próximo de Gouveia*, um exemplar com 4,70 m de P.A.P., 21 m de altura e 30 m de diâmetro de copa. É o carvalho roble com maior volume de copa que se conhece, conforme se poderá verificar na fotografia n.º 44.



Fot. 42 — Carvalho alvarinho (*Quercus robur*), no Largo da Feira em Oliveira de Azeméis, de copa com sombra muito aprazível.



Fot. 43 — Carvalho alvarinho (*Quercus robur*) no lugar da Senhora dos Verdes, na freguesia de S. Pedro, no concelho de Manteigas, de grande porte e imponência.



Fot. 44 — Carvalho alvarinho (*Quercus robur*) no lugar das Aldeias, próximo de Gouveia, de grande porte e copa invulgar.



Fot. 45 — Carvalho alvarinho (*Quercus robur*) no Jardim de Paços de Ferreira, de copa com sombra muito aprazível.

No distrito do Porto, há vários carvalhos robles, de grande porte e multisecculares, em que se destacam os seguintes:

O de *Paços de Ferreira*, que fica no jardim anexo aos Paços do Concelho. É uma árvore muito frondosa, que proporciona no Verão uma sombra acolhedora aos habitantes desta vila. Tem 3,53 m de P.A.P., 18 m de altura e 27 m de diâmetro de copa (Fot. 45). Está considerado de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

Os da *Casa da Companhia, em Paços de Sousa*, no concelho de Penafiel que são considerados de interesse público por decreto publicado no "Diário do Governo". Apenas é de assinalar o maior exemplar, que tem 5,60 m de P.A.P. e 24 m de altura. Trata-se duma árvore muito velha, multiseccular, com o tronco coberto de hera, e com muitas pernas reais partidas, mantendo contudo ainda um aspecto majestoso e bastante vigor vegetativo.

O que fica junto à *Igreja Paroquial de Lustrosa*, no concelho de Lousada. Trata-se dum carvalho multiseccular, com um tronco muito grosso, com 6,67 m de P.A.P., bifurcando a 4 m de altura. É de referir que uma das pernas reais, a menos grossa, partiu-se com um vendaval.

No distrito de Braga há também vários carvalhos de grande porte, em que se destacam os seguintes:

Carvalho do lugar do Zebreal, na freguesia de Ruivães, no concelho de Vieira do Minho, com 6,67 m de P.A.P., 23,5 m de altura e 25 m de diâmetro de copa. Está considerado de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

Carvalho na propriedade de Manuel José Rodrigues "Romana", em Braga, com 5,40 m de P.A.P., 13,5 m de altura e 21 m de diâmetro de copa.

É uma árvore muito velha, algo decrépita, com um tronco curto e bastante corcomido, que se ramifica a 2 m de altura em 4 pernas reais, as quais, já foram decepadas, para uma melhor rebentação.

No Parque da Peneda-Gerez, além de várias manchas de carvalho, tipo climáce, com exemplares multiseculares, há a assinalar alguns exemplares de porte gigantesco, o maior de todos o do *Curral de Leonte de Baixo* com cerca de 6,80 m de P.A.P., e citado por Tude de Sousa (42).

Também não queremos deixar de nos referir aos belos e majestosos carvalhos do *Salto*, que constituem um núcleo de rara beleza e monumentalidade, os quais foram adquiridos pelo Estado e estão considerados de interesse público.

No distrito de Viana do Castelo, há a destacar o *Carvalho da Quinta da Torre*, em Vila Nova de Cerveira com 6,45 m de P.A.P., 20 m de altura e 22 m de diâmetro de copa. É uma árvore muito velha, algo decrépita, em que foram derrubadas e cortadas algumas pernas reais (Fot. 46). Está considerada de interesse público por decreto publicado no "Diário do Governo".

No que se refere a carvalhos exóticos existentes no nosso País, não queremos deixar de nos referir a um belo e majestoso exemplar de *Quercus Libani*, originário da Síria e Ásia Menor, próximo do edifício da Estação Meteorológica do Jardim Botânico de Lisboa, que deverá ter sido plantado em meados do século passado.



Fot. 46 — Carvalho alvarinho (*Quercus robur*) na Quinta da Torre em Vila Nova de Cerveira, multiseccular, e de diâmetro de tronco invulgar.

CASTANHEIRO (*Castanea sativa*)

Pertence à Família das Fagaceas.

É uma espécie originária do Sul da Europa, oeste da Ásia e norte de África, tendo sido introduzida no País pelos romanos, pois a castanha fazia parte das rações dos soldados.

Ocupa no País uma área de 30 000 ha, que se concentra principalmente nas províncias de Trás-os-Montes, Beira Alta, Beira Baixa e Minho.

A área desta espécie foi muito reduzida devido ao ataque dum fungo, denominado *Phytophthora cambivora*, que ataca as raízes dos castanheiros, e que provocou grande mortalidade a partir dos fins do século passado.

Nos últimos anos foi introduzida na Europa um outro fungo (*Endothia parasita*), que tem provocado grandes devastações em muitos países europeus, principalmente em Itália, mas que felizmente ainda não foi detectado em Portugal.

No entanto são ainda de assinalar muitos soutos multiseculares, e algumas árvores de idade muito avançada (talvez próximas do milénio) e de porte verdadeiramente excepcional.

Assim, teremos:

Castanheiros da Lameira Longa — são 3 grandes castanheiros que ficam próximos da estrada de Moimenta da Beira/Lamego, a 5,5 Km a norte da aldeia de Leomil.

O maior tem 10,6 m de perímetro de tronco a 1,30 m do solo, sendo um dos maiores castanheiros que conhecemos. O fuste bifurca em duas grossas pernas, que formam a base da copa, a qual tem 25 m de diâmetro (Fot. 47).

Próximo deste castanheiro existem mais dois de grande porte, tendo um 7,30 m de P.A.P. e o outro 7 m.



Fot. 47 — Castanheiro da Lameira Longa, próximo de Leomil, um dos maiores e imponentes castanheiros do País, tendo 10,6 m de P.A.P.

Castanheiros do Parque de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego. Trata-se de dois castanheiros multiseculares, decrépitos, tendo o maior 9 m de P.A.P. (Fot. 48), que segundo Taborda de Moraes (23), deve ter cerca de 900 anos, sendo um dos mais velhos do País. Esta árvore está considerada de interesse público, por decreto publicado em "Diário do Governo".

Foi assinalado por Sousa Pimentel no seu livro *Árvores Giganteas de Portugal*, publicado em 1894, tendo já nessa altura 9 m de P.A.P. (33).

Este castanheiro pertence à Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios.

Castanheiro da Quinta da Boavista, em Vila Rua, no concelho de Moimenta da Beira, deve ser um dos mais velhos castanheiros do País, estando em grande decrepitude, como se pode verificar na fotografia n.º 49.

Também deve ser um dos mais grossos do País, pois o tronco tem 11,85 m de P.A.P. e 18 m de perímetro na base.



Fot. 48 — Castanheiro do Parque de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego, um dos mais antigos e conhecidos do País.



Fot. 49 — Castanheiro da Quinta da Boa Vista, em Vila Rua, no concelho de Moimenta da Beira, um dos mais velhos do País e com 11,5 m de P.A.P.

Castanheiro de Guilhafonso, próximo da povoação do mesmo nome, a 200 m do lado esquerdo da estrada da Guarda a Pinhel, e a 20,5 Km desta última cidade.

É um castanheiro muito frondoso, com 8 m de P.A.P. e 26 m de diâmetro de copa.

Trata-se de uma árvore com grande vigor vegetativo, sem qualquer "cárie" no tronco, o que o torna mais imponente (Fot. 50).

Está considerado de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

Castanheiro da Arrifana, próximo da Guarda, que tem 13,20 m de P.A.P. e 32 m de diâmetro de copa, sendo o mais grosso e corpulento castanheiro que conhecemos, e segundo informações locais, deverá ter mais de 500 anos (Fot. 51).



Fot. 50 — Castanheiro de Guilhafonso, próximo da estrada da Guarda para Pinhel, um dos mais frondosos do País.



Fot. 51 — Castanheiro de Arrifana, próximo da Guarda, de porte invulgar, com 13,20 m de P.A.P.

Castanheiro da Quinta da Comenda, na freguesia de Travancinha, no concelho de Seia — é uma árvore multiseular, com 8,8 m de P.A.P.

Castanheiro de Trancoso, que fica no antigo Rossio desta Vila, tendo 7,25 m de P.A.P. É uma árvore multiseular, bastante decrépita, muito conhecida e já referida por Sousa Pimentel (33).

Castanheiro da Paradela de Guiães, no concelho de Sabrosa, que tem 9,55 m de P.A.P. e 20 m de altura. Também é um castanheiro multiseular e muito conhecido na região.

Castanheiro do lugar da Derruida na freguesia de Gabelin, do concelho de Alfândega da Fé, tem 10,8 m de P.A.P. e 18 m de altura (Fot. 52).

É também uma árvore muito velha, multiseular, algo decrépita, e considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário de Governo".

Castanheiro da Quinta do Castanheiro, na freguesia de S. Martinho, no concelho de Sintra, é notável a grossura deste castanheiro que tem 10 m de P.A.P. estando considerado de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo". É uma árvore muito velha, multiseular, que se encontra junto ao muro da Quinta e próximo da residência dos proprietários.

Castanheiro da Herdade dos Castelos na Serra d'Ossa, (concelho de Borba), é multiseular e o maior da região, tendo sido muito danificado pelo último ciclone (31 de Dezembro de 1981).

Também não queremos deixar de indicar uma toça de castanheiro bravo, com 12 m de perímetro de base, junto a Figueiró dos Vinhos, no Casal de S. João, que infelizmente foi cortado recentemente, e que tinha 12 rebentos, um deles com 1,15 m de diâmetro e vários com 0,80 a 0,95 m.

Pena é, que uma árvore destas, tão frondosa, que deveria ter sido única no País, tivesse sido cortada.

Por fim não queremos deixar de nos referir a alguns castanheiros citados em publicações antigas e que infelizmente já desapareceram.

É o caso do célebre castanheiro de Alcongosta (Fundão), cujo tronco tinha 18 m de P.A.P. (33), o qual estava por dentro todo corcomido, onde se poderiam albergar cerca de 53 pessoas (40) e que morreu em 1920, devido a uma faísca (22). Também era muito conhecido o castanheiro entre Vidoal de Cima e Vidoal de Baixo, no concelho de Pampilhosa da Serra, descrito por Sousa Pimentel em 1894 (33), em que o tronco tinha 9 m de P.A.P. e que morreu há cerca de 30 anos. Segundo informações obtidas localmente, na concavidade do seu tronco cabia uma junta de bois.



Fot. 52 — Castanheiro do lugar da Derruida, na freguesia de Gabelin, do concelho de Alfândega da Fé, muito velho e com 10,80 m de P.A.P.

CASUARINAS

Pertencem à Família das Casuarinaceas.

Foram introduzidas no nosso País várias espécies de Casuarinas da Austrália, no entanto a mais vulgar e que atinge maior porte é a *Casuarina Cunninghamiana*.

São de assinalar os seguintes exemplares:

Na *Ex-Escola Agrícola de Coimbra*, há dois exemplares respectivamente com 3,10 m e 2,9 m de P.A.P., 25 m de altura e copas amplas e bem formadas.

Um exemplar na *Quinta do General em Borba*, com 3,3 m de P.A.P. e 30 m de altura, e outro no *Jardim Botânico de Lisboa*, também de grande porte (Fot. 53).

CEDROS (*Cedrus*)

Pertencem à Família das Pinaceas.

No género *Cedrus* há a considerar no País 3 espécies, que atingem dimensões assinaláveis e que são: *Cedrus Atlantica*, *Cedrus deodora* e *Cedrus Libani*.

Qualquer destas espécies têm sido bastante plantadas em parques e jardins e mesmo em arborizações de perímetros florestais do Estado.

As madeiras destas espécies são muito apreciadas para construção e marcenaria.



Fot. 53 — *Casuarina Cunninghamiana*, na Quinta do General, em Borba, que é a maior que se conhece.

Cedrus deodora

É oriunda da Ásia, das montanhas do Himalaia e Afeganistão, sendo de considerar os seguintes exemplares de porte excepcional.

No Jardim Botânico de Lisboa, com 3,20 m de P.A.P., 35 m de altura, fuste direito e copa frondosa.

No Parque do Colégio da Companhia de Jesus em Cernache de Coimbra, há um exemplar com 35 m de altura, em que o tronco tem 3,80 m de P.A.P. e está despido de ramos até 8,5 m de altura (Fot. 54).

No Jardim Botânico de Coimbra, há um exemplar com 3,40 m de P.A.P. e 30 m de altura.

Na Mata do Buçaco, há inúmeros exemplares com 3 m de P.A.P. e 35 m de altura.

O mais grosso com 3,20 m de P.A.P. fica próximo da Casa do Guarda da Lapa e foi plantado em 1878. Por comparação com medições efectuadas por Brito Peres em 1964 (11), verificou-se que esta árvore engrossou cerca de 13 cm em 19 anos.

Na Quinta do Paço, em Moledos, no concelho de Tondela, com 4,02 m de P.A.P., 30 m de altura e 20 m de diâmetro de copa.



Fot. 54 — *Cedrus deodara*, no Parque do Colégio de Jesus, em Cernache de Coimbra, com tronco cilíndrico limpo de ramos até 8,5 m de altura.

Na Quinta do Prado, em Briteandes, no concelho de Lamego, há um exemplar com 5,0 m de P.A.P., 23 m de altura e 32 m de diâmetro de copa, sendo o maior que se conhece no País. Nesta Quinta ainda há dois exemplares, que também merecem ser assinalados, respectivamente com 4 e 3,97 m de P.A.P. (Fot. 55).

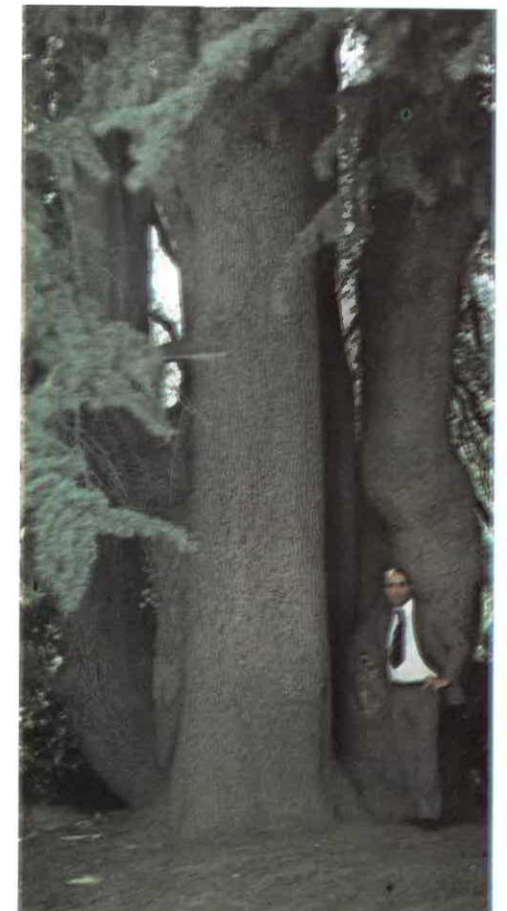
No Parque das Termas de S. Vicente, no concelho de Penafiel, um exemplar em que o tronco tem 3,4 m de P.A.P., e está limpo de ramos até 9 m de altura.

Na Quinta do Convento de Tibães, há dois exemplares junto ao lago, que têm respectivamente 3,26 m e 3,16 m de P.A.P. e 37 m de altura.

No Parque do Solar dos Mateus em Vila Real, um exemplar plantado em 1870, que é constituído por uma rebentação de toíça, com 6 rebentos, cada um com 0,80 a 1 m de diâmetro na base (Fot. 56).



Fot. 55 — *Cedrus deodara*, na Quinta do Prado, em Briteandes no concelho de Lamego, de porte invulgar.



Fot. 56 — *Cedrus deodara*, no Solar de Mateus, em Vila Real, constituído por 6 rebentos de toíça, de grande grossura.

Cedrus Atlantica

É oriunda das montanhas dos Atlas, no Norte de África, sendo de destacar os seguintes exemplares:

No Parque do Hotel Grão Vasco, em Viseu, em que o tronco tem 6,35 m de P.A.P., o qual a 2 m de altura se ramifica em 9 pernadas, sendo a central a mais grossa, que em parte substitui o antigo fuste. É uma árvore muito imponente, que tem 27 m de altura (Fot. 57).

Está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

Na Mata do Buçaco há vários exemplares de grande porte, tendo o maior 3 m de P.A.P. e 30 m de altura. Fica próximo da Casa do Guarda das Portas de Serpa e foi plantada em 1878.

Na Quinta do Prado, freguesia de Briteandes, no concelho de Lamego, há a considerar dois exemplares, respectivamente com 3,75 e 3,53 m de P.A.P.

Cedrus Libani

É oriundo do Médio Oriente.

Não queremos deixar de referir, que a cruz que Cristo transportou e onde foi crucificado era de madeira de Cedro do Líbano.

No Jardim Botânico do Porto, há dois exemplares, tendo o maior 3,95 m de P.A.P. e 30 m de altura.

No Jardim do Palácio de Cristal da Cidade do Porto, há dois exemplares com 4,75 e 4,02 m de P.A.P.



Fot. 57 — *Cedrus Atlântica*, no Jardim do Hotel Grão Vasco em Viseu, que deve ser o maior do País.

CHOUPOS

Pertencem à Família das Salicaceas.

Em Portugal existem muitas espécies, variedades e híbridos de choupos — uns indígenas e outros introduzidos.

Das espécies indígenas (*Populus nigra*, *Populus alba* e *Populus canescens*), existem inúmeros exemplares de grande porte principalmente ao longo das estradas.

Também das espécies introduzidas, principalmente da América do Norte e Canadá (*Populus deltoide*, *Populus canadensis*, etc...) também existem belos exemplares em parques e ao longo de estradas.

Dos choupos indígenas há a destacar 3 exemplares de *P. nigra*, junto a Cernache de Coimbra, nas estrada para Condeixa-a-Nova, respectivamente com 4, 3,6 e 3,5 m de P.A.P. e um existente no Parque da Vila de Soure com 4,65 m de P.A.P. (Fot. 58).

Dos choupos exóticos (*P. deltoides*) há a assinalar um, existente junto à estrada Coimbra-Porto, na povoação de Avelãs de Cima, no concelho de Anadia, que tem 4,45 m de P.A.P. e 21 m de altura; é de notar que o tronco desta árvore a 2,5 m se bifurca em duas grossas pernadas (Fot. 59).



Fot. 58 — *Populus nigra*, no Parque da Vila de Soure, de grande porte.



Fot. 59 — *Populus deltoides* na povoação de Avelãs de Cima, no concelho de Anadia, junto à estrada nacional, com 4,65 m de P.A.P.

Há a destacar dois em Lisboa, um no Jardim do Príncipe Real, tão citado por poetas e escritores, e considerado de interesse público por decreto publicado, no Diário do Governo, cuja copa se espalha sobre uma armação de ferro, cobrindo uma área com cerca de 500 m² (Fot. 62); o outro situa-se no pátio do Restaurante Castanheira Moura, ao Lumiar, também cobrindo uma grande área, sobre armação de ferro.

O mais imponente é sem dúvida o de Runa, concelho de Torres Vedras, que deve ter cerca de 190 anos; fica no Parque do Asilo dos Inválidos Militares, mandado construir pela princesa D. Maria Francisca Benedita, irmã de D. Maria I, no fim do século XVIII, e por isso julga-se que esta árvore fosse plantada nessa altura, (Fot. 63).

Também a sua copa se estende sobre uma armação de ferro, tendo esta árvore 5,8 m de P.A.P. e 26,5 m de diâmetro de copa. Está considerada de interesse público, por decreto publicado no Diário do Governo.

Também é notável o exemplar da Quinta anexa à Igreja de Sanfins de Ferreira no concelho de Paços de Ferreira, pelas suas enormes dimensões e idade, em que o tronco tem 5,42 m de P.A.P., o qual a cerca de 4 m se ramifica em vários ramos, 2 deles de grossura invulgares, que se estende ao longo dum muro, formando um enorme caramanchão (Fot. 64).

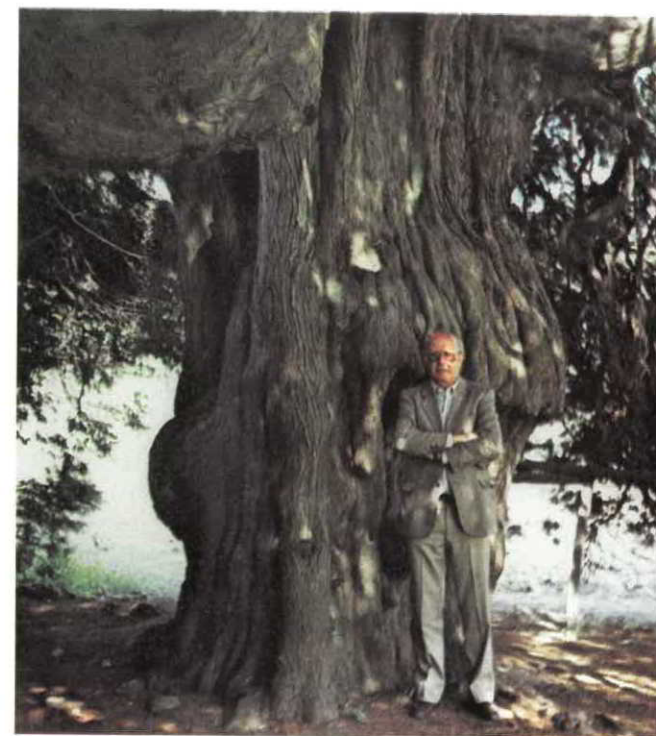
Esta árvore está considerada de interesse público por decreto publicado em Diário do Governo.



Fot. 62 — *Cupressus lusitanica* do Jardim do Príncipe Real em Lisboa, que forma um grande caramanchão.



Fot. 63 — *Cupressus lusitanica* no Parque do Asilo dos Inválidos Militares em Runa, que forma um grande caramanchão.



Fot. 64 — *Cupressus lusitanica* próximo da Igreja de Sanfins de Ferreira, de tronco invulgar, e que forma um grande caramanchão.

Cupressus macrocarpa

É uma espécie originária da Califórnia, da zona litoral de Monte Rei.

No nosso País existem vários exemplares de grande porte, que merecem ser citados. Os maiores situam-se no Parque da Pena, existindo pelo menos dois exemplares que se destacam dos outros.

O maior situa-se próximo da Fonte dos Passarinhos, junto ao 1.º lago, tendo 6,70 m de P.A.P. e 32 m de altura e um tronco direito, despido de ramos até 17 m de altura (Fot. 65).

Tem 110 anos, e foi medido em 1950 pelo Prof. Azevedo Gomes (7), verificando-se que em 23 anos, apenas engrossou 6 cm.

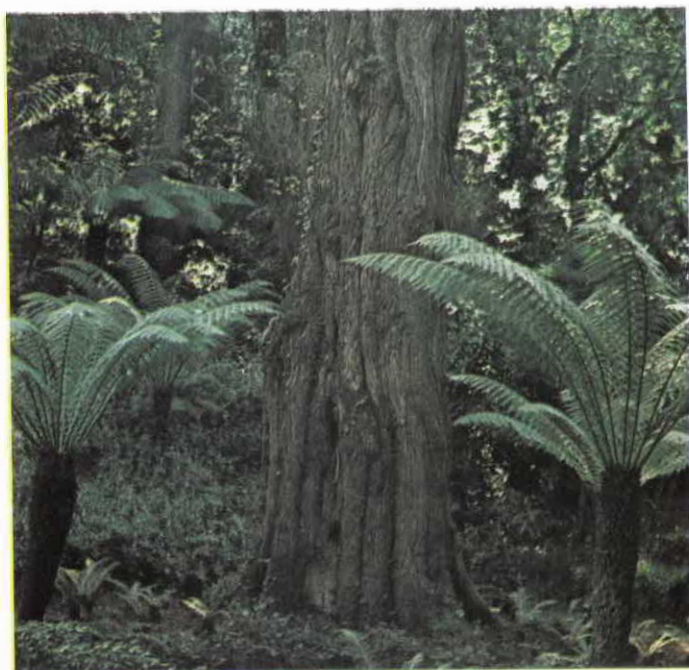
O outro fica cerca do antigo campo de ténis, próximo do Palácio, tendo 6,57 m de P.A.P.

Também é de destacar, pela sua grossura, com 6,55 m de P.A.P., um exemplar existente no Parque Municipal de Aveiro (Fot. 66).

Outros exemplares existentes no País, igualmente merecem ser citados, tais como:

Exemplar existente na Quinta de Vale de Lobos, próximo da estrada entre Santarém e Torres Novas, plantado pelo escritor Alexandre Herculano, possivelmente em 1867, com 4,65 m de P.A.P.

Dois exemplares na Quinta de S. Francisco, no Eixo, concelho de Aveiro, respectivamente com 4,60 e 4,40 m de P.A.P. e cerca de 30,0 m de altura.



Fot. 65 — *Cupressus macrocarpa* junto à Fonte dos Passarinhos no Parque da Pena, em Sintra, que deve ser o maior do País.



Fot. 66 — *Cupressus macrocarpa* no Jardim Municipal de Aveiro, imponente pela sua grossura de tronco.

Cupressus sempervirens

É conhecido por cipreste dos cemitérios.

É uma espécie originária do Médio Oriente, muito ornamental, com copa esguia, tipo piramidal, que em Portugal tem sido plantada principalmente nos cemitérios, e, por esse facto, há muita relutância em plantá-la noutros locais, por ser considerada uma árvore funesta.

Trata-se duma crença sem qualquer fundamento, pois em qualquer País é plantada como árvore ornamental, estando difundida em parques, jardins e arruamentos, assim como em cortinas de abrigo de culturas agrícolas.

No entanto, não queremos deixar de assinalar, que antigamente o cipreste era considerado um símbolo de nobreza, aparecendo ainda junto a muitas Casas Solarengas, principalmente no vale do Rio Douro, na zona demarcada do Vinho do Porto.

É de assinalar os dois ciprestes que ficavam à entrada da Vila de Avô, próximo do rio e junto à Casa de Braz Garcia de Mascarenhas, curiosa figura de poeta e guerreiro da época da restauração e autor do livro "O Viriato trágico". Um deles secou-se em 1975, possivelmente devido à malfadada doença, que tem vindo a dizimar os *cupressos*, e o outro que tem 2,60 m de P.A.P. e 30 m de altura, já apresenta um aspecto vegetativo algo precário.

Também é de salientar a plantação desta espécie na zona calcária de Torres Novas, não só ao longo das estradas, mas também dispersa entre as plantações de oliveiras e figueiras, dando à paisagem uma beleza extraordinária.

DACRYDIUM CUPRESSINUM

É uma espécie pertencente à Família das Podocarpaceas, originária da Nova Zelândia, lembrando um *Cupressus* de ramos muito pendentes.

No Parque da Pena, em Sintra, junto ao Chalet da Condessa, existe um exemplar monumental com 3,05 m de P.A.P., assim como um outro no Parque de Monserrate, próximo do Palácio, de rara beleza.

É de assinalar que Pardé (28) se refere a estes exemplares, como sendo dos maiores que ele encontrou na Europa.

DRAGOEIRO (*Dracaena draco*)

É uma espécie da Família das Liliaceas, originária das Ilhas Canárias e Madeira.

No Jardim Botânico da Ajuda, o mais antigo de Portugal, criado em 1772, graças à influência do Marquês d'Angeja, existe um enorme dragoeiro, que deve ter cerca de 200 anos, tendo sido plantado por Domingos Vandelli, professor jubilado da Universidade de Coimbra, e 1.º Director deste Jardim Botânico.

Este dragoeiro, que deve ser o mais velho em Portugal, tem dimensões invulgares.

É formado por um tronco curto e grosso, de onde partem inúmeros braços, constituindo uma copa densa e arredondada com 13 m de diâmetro (Fot. 67).

Também neste Jardim existem mais dois exemplares de grande porte.

É de notar que esta espécie pode atingir grande longevidade, que é o caso do célebre dragoeiro de Oratava próximo do pico de Tenerife, nas Ilhas Canárias, infelizmente já desaparecido por uma intempérie, e que no ano de 1402, quando foram descobertas estas Ilhas, já tinha as dimensões de datas recentes.



Fot. 67 — Dragoeiro no Jardim Botânico da Ajuda, com cerca de 200 anos.

EUCALIPTOS

Pertencem à Família das Myrtaceas.

Existem no Mundo cerca de 700 espécies, quase todas oriundas da Austrália e Tasmânia, exceptuando apenas seis, das quais duas naturais de Timor.

Em Portugal os eucaliptos foram introduzidos em meados do século passado, possivelmente em 1852.

A espécie que mais se difundiu foi sem dúvida a *E. globulus*, constituindo a base da cultura dos eucaliptos no País. Também existem plantações da *E. camaldulensis* e da *E. Maidenii*, que apenas ocupam alguns milhares de hectares. As restantes espécies encontram-se praticamente circunscritas a parques, jardins e arboretos, ou por vezes a pequenas plantações.

Não queremos deixar de referir que em livro anterior "Os Eucaliptos Gigantes de Portugal", já indicamos os exemplares que mereciam referência especial.

Neste caso apenas apresentaremos um resumo daquele outro trabalho, apresentando contudo algumas actualizações resultantes da "descoberta" de novos exemplares que merecem ser conhecidos.

Os exemplares de porte excepcional que iremos citar, pertencem às seguintes espécies:

E. globulus, *E. obliqua*, *E. botryoides*, *E. Trabutii*, *E. viminalis*, *E. Smithii*, *E. saligna*, *E. camaldulensis*, *E. linearis*, *E. signata*, *E. regnans*, *E. ovata*, *E. diversicolor*, *E. amygdalina*, *E. cornuta*, *E. bicostata*, *E. tereticornis* e *E. sideroxylon*.

Uma grande parte destas árvores gigantes situam-se ao longo das estradas, outras em arboretos e parques — Mata Nacional de Vale de Canas, Choupal e Jardim Botânico em Coimbra, Mata do Buçaco, Quinta de S. Francisco no Eixo em Aveiro, Quinta de Fiães, Quinta da Formiga em Vila Nova de Gaia, Parque da Pena em Sintra, Mata de Leiria, etc.

Os eucaliptos mais altos, com cerca de 70 m, que são as árvores mais altas da Europa, foram assinaladas na Mata Nacional de Vale de Canas em Coimbra — um *E. diversicolor* e alguns *E. globulus*.

No que respeita aos mais grossos, foram assinalados 6 com P.A.P. (perímetro do tronco a 1,30 m do solo) superior a mais de 9 m e 28 com mais de 7 m. Os mais grossos encontrados foram:

- *E. globulus* da Gandarela (cruzamento da estrada de Fafe — Baulhe, com a de Celorico de Basto, com 11,93 m de perímetro (P.A.P.).
- *E. globulus* do Sardoal (estrada de Codes) com 9,55 m de P.A.P.
- *E. globulus* na estrada de Celorico da Beira para Trancoso com 9,55 m de P.A.P.
- *E. globulus* no lugar do Mouro, na estrada de Ponte de Lima a Braga, com 9,75 m de P.A.P.
- *E. globulus* no lugar do Eucalipto, na estrada de Sátão-Viseu, com 9,52 m de P.A.P.
- *E. globulus* de Rio de Moinhos (no concelho de Sátão), com 9,25 m de P.A.P.

Também não queremos deixar de mencionar o volume de tronco destas árvores, pois grande parte ultrapassam 20 m³, existindo cerca de 30 com mais de 40 m³ e algumas com valores da ordem de 60 a 75 m³. No caso de considerar o volume das pernadas e rama o volume total da madeira poderá chegar a valores superiores a 100 m³.

Igualmente é de assinalar alguns eucaliptos que se destacam não só pelo seu porte, mas também pelo seu tronco rectilíneo e cilíndrico, completamente despido de rama até grande altura, que é o caso do *E. globulus* de Fafe com um volume de madeira de 45 m³, do *E. regnans* do Bussaco com 50 m³, do *E. globulus* da Arreigada em Paços de Ferreira com 50 m³, do *E. diversicolor* em Vale de Canas com 45 m³, do *E. obliqua* da Quinta de Fiães em Avintes com 63 m³, etc.

Como é óbvio não iremos descrever todos os eucaliptos considerados "notáveis", por ser impraticável e fastidioso, e também porque muitas dessas árvores somente poderão interessar pelo seu conjunto, em povoamento, como é o caso de Vale de Canas, Choupal e Mata de Leiria (Ponte Nova). Isto não invalida que em qualquer destes povoamentos de eucaliptos, não sejam referenciadas as árvores maiores, de porte excepcional.

Estes eucaliptos notáveis irão ser agrupados por espécies, para uma melhor descrição.

E. amygdalina

Foi-lhe dado este nome botânico em virtude das folhas se parecerem com as da amendoeira.

É natural da Tasmânia, sendo conhecido no seu País de origem por "Black pipermint", por ter uma casca algo escura e folhas com cheiro a hortelã pimenta.

Existem em Portugal alguns exemplares em arboretos, no entanto o único exemplar de porte notável fica na Quinta de Fiães, em Avintes.

E. bicostata

Foi-lhe dado este nome em virtude dos frutos serem bicostados. É uma espécie oriunda da Austrália (dos Estados de Nova Gales do Sul e de Victória), e algo semelhante à *E. globulus*, sendo por muitos botânicos considerada uma sub-espécie (*E. globulus* var. *bicostata* Evert.).

É considerada também a *E. globulus* da Austrália, vegetando em altitudes mais elevadas.

Em Portugal há a assinalar um grande exemplar que fica ao Km 22,7 da estrada de Salvaterra de Magos-Coruche e que tem 5,95 m de P.A.P. e um outro na mata de Valverde (Alcácer do Sal) que foi cortado durante a guerra (em 1943), tendo a toça 2 m de D.A.P. (diâmetro), e 5 rebentos, dois deles com mais de 2 m de perímetro.

E. botryoides

É oriundo da Austrália (dos Estados de Victória e Nova Gales do Sul) vegetando próximo do litoral, em terrenos por vezes pantanosos.

A madeira lembra o mogno e por isso é conhecida por "Bangalay" ou "Southern mahogany".

Em Portugal vegeta em boas condições mesmo em climas secos e pobres, com crescimentos excepcionais (caso da Comporta em Alcácer do Sal e Mata do Escaroupim em Salvaterra de Magos).

Existem exemplares de grande porte, com cerca de 1 m de D.A.P. e 50 m de altura, na Mata Nacional do Choupal e Quinta de S. Francisco no Eixo, em Aveiro (Fot. 68 e 69).

São árvores duma beleza excepcional não só pelo colorido das suas folhas e densidade da copa, como também pelo seu tronco rectilíneo e cilíndrico, com casca espessa, feltrada e de cor castanha.



Fot. 68 — *Eucalyptus botryoides*, na Mata do Choupal em Coimbra.



Fot. 69 — *Eucalyptus botryoides*, na Quinta de S. Francisco, no Eixo, concelho de Aveiro.

E. camaldulensis

Esta espécie é também conhecida por *E. rostrata* em virtude do seu opérculo floral ter a configuração dum rostrum (rosto), no entanto posteriormente os botânicos optaram pela designação de *E. camaldulensis*, por ser a primeira denominação, dada em 1809 por Tenore, em homenagem ao duque de Camaldoni, que nos seus jardins de Nápoles plantou uma notável colecção de eucaliptos.

É oriundo da Austrália, tendo uma grande dispersão por todo este País.

Esta espécie é muito cultivada no Mundo, tanto na Bacia do Mediterrâneo (Espanha, Marrocos, Tunísia, Líbia, Itália, Israel, etc.) como em climas tropicais e sub-tropicais (Angola, Madagascar, Brasil, Argentina, etc.).

Em Portugal esta espécie teve uma certa expansão no sul do País, principalmente nas zonas interiores do Alentejo, no entanto a sua área de cultura não é superior a 3000 ha.

Os exemplares mais notáveis existentes no País situam-se:

- 1 — Choupal em Coimbra, com exemplares de 1 m a 1,2 m de D.A.P. e 50 m de altura, sendo os mais altos exemplares desta espécie existentes em Portugal.
- 2 — No troço da estrada entre Chamusca e Benavente (estrada nacional n.º 218), é de considerar um conjunto de exemplares de grande porte junto a Benfica do Ribatejo, em que os maiores têm mais de 5 m de P.A.P., um outro próximo de Almeirim com 5,20 m de P.A.P. e outros dois já perto da Chamusca, tendo o maior 6,60 m de P.A.P., sendo o mais grosso do País.
- 3 — No troço da estrada entre Salvaterra de Magos e Coruche (ao Km 16,4 e 14,8) existem 3 exemplares de grande porte, de troncos muito direitos e grossura superior a 5 m de perímetro (P.A.P.).
- 4 — No troço da estrada de Alcácer do Sal a Santa Suzana, existem também alguns exemplares de grande porte, tendo o maior 5,3 m de P.A.P.

E. cornuta

O nome resulta do formato do opérculo dos botões florais:

É oriunda da zona litoral do sul da Austrália Ocidental, vegetando em climas nitidamente mediterrâneos.

É uma espécie muito dessiminada nos jardins e parques de Lisboa, principalmente no Campo Grande, Parque Eduardo VII e Parque do Monsanto, vegetando muito bem em terrenos calcários.

O maior exemplar existente no País, situa-se no Jardim Botânico de Coimbra, tendo 4,20 m de P.A.P. e 37 m de altura.

E. diversicolor

Foi-lhe dado este nome em virtude das folhas serem muito claras na página inferior.

Na sua área natural vegeta na zona litoral do Sudoeste da Austrália Ocidental, onde atinge um porte excepcional, de 70 a 90 m de altura.

Em Portugal está algo dessiminada, constituindo pequenos bosquetes em parques e matas nacionais. O maior exemplar situa-se na Mata Nacional de Vale de Canas, sendo a árvore mais alta do País e da Europa, tendo as seguintes dimensões:

Altura	70,00 m
P.A.P.	5,15 m

O tronco é cilíndrico e rectilíneo, despido de ramos até 30 m de altura (Fot. 70). Esta árvore está situada no fundo do vale.



Fot. 70 — *Eucalyptus diversicolor*, na Mata de Vale de Canas, que é a árvore mais alta da Europa, com 70 m de altura.

E. globulus

Foi dado este nome em virtude dos seus frutos lembrarem os antigos botões do vestuário.

É natural da Tasmânia, sendo a espécie que mais rapidamente se difundiu em Portugal, constituindo hoje a base de toda a cultura do eucalipto do País.

Por este facto, e também devido às condições ecológicas excepcionais para a sua cultura, existem inúmeros exemplares de grande porte, sendo as árvores maiores do País.

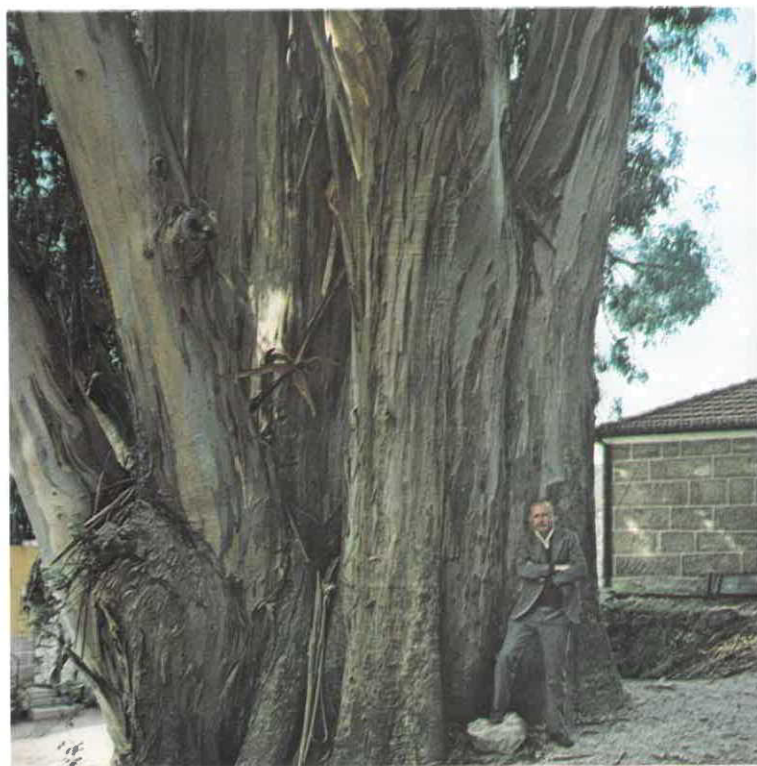
As mais grossas, em que o perímetro do tronco à altura de peito (P.A.P.) é superior a 9 m são:

— *Eucalipto da Gandarela*, junto à estrada nacional 206, ao Km 71,36, ou seja no cruzamento da estrada de Fafe para Baulhe com a de Mondim de Basto, sendo o mais grosso eucalipto do País.

Trata-se dum eucalipto cujo tronco tem o perímetro à altura de peito (P.A.P.) 11,93 m, o que representa teoricamente 3,8 m de D.A.P. (Fot. 71).

O tronco bifurca a 1,5 m em forma bizarra, mais parecendo uma re-bentação de toíça, ou uma ligação de 2 eucaliptos.

É de salientar a grossura de cada pernada e a largura da copa, com 38 m de diâmetro.



Fot. 71 — *Eucalyptus globulus*, de Gandarela, que tem 11,93 m de P.A.P. e 38 m de diâmetro de copa.

Este eucalipto é por decreto considerado de interesse público, e foi devido a este facto que não foi abatido.

É de louvar a atitude do seu proprietário, que se opôs ao seu derrube, quando um vizinho o exigia, com a argumentação que lhe prejudicava a sua casa, que ficava próxima, o que na realidade não se verificava.

— *Eucalipto do Sardoal*, que fica na estrada de Codes, tem 9,55 m P.A.P. e 42 m de altura (Fot. 72).

— *Eucalipto da estrada de Ponte de Lima-Braga*, situa-se no lugar de Mouro a 11 Km da cidade de Braga. É dos eucaliptos mais grandiosos e conhecidos do País, tendo as seguintes dimensões:

Perímetro do tronco (P.A.P.) 9,75 m, altura total 44 m, altura do tronco até à 1.ª bifurcação 10,5 m, diâmetro do tronco na bifurcação 2,2 m. O volume de madeira foi calculado em 76 m³ e se considerarmos as pernas e ramos, o volume total deverá ser da ordem de 110 m³ (Fot. 73).

Esta árvore deverá ter cerca de 120 anos.



Fot. 72 — *Eucalyptus globulus*, do Sardoal, com 9,55 m de P.A.P. e 42 m de altura.



Fot. 73 — *Eucalyptus globulus* na estrada entre Ponte de Lima-Braga, com 9,75 m de P.A.P. e 44 m de altura.

— *Eucalipto do Satão*, fica no cruzamento da estrada nacional n.º 229 de Viseu a Satão, com a que vai para o Ladario. Este local é conhecido por *lugar do eucalipto*, devido à grande fama desta árvore. Tem 50 m de altura, o tronco 9,52 m de perímetro à altura do peito (Fot. 74) e 29,5 m de diâmetro de copa.

— *Eucalipto de Rio de Moinhos*, fica junto à povoação de Rio de Moinhos (Concelho de Satão), na estrada n.º 329.

Trata-se de dois eucaliptos, de grande porte, tendo um deles 9,25 m de P.A.P. e o outro 8,20 m (Fot. 75); estes eucaliptos estão considerados de interesse público por decreto publicado em 1963.

Segundo elementos colhidos pelos proprietários foram plantados em 1878.



Fot. 74 — *Eucalyptus globulus* de Satão, com 9,52 m de P.A.P. e 50 m de altura.



Fot. 75 — *Eucalyptus globulus* em Rio de Moinhos, com 9,25 m de P.A.P.

— *Eucalipto da estrada de Celorico da Beira para Trancoso*, a 10 Km desta vila, tem 9,55 m de P.A.P.

É de salientar que todos estes eucaliptos, se localizam junto às estradas nacionais e, por isso, fáceis de detectar, para poderem ser admirados.

Também não queremos deixar de assinalar outros eucaliptos, que pelo seu grande porte e grossura do tronco (entre 9 m e 6,5 m de perímetro a 1,30 m do solo), devem ser considerados excepcionais, tais como:

— *Eucalipto da estrada n.º 201*, entre S. Pedro da Torre e S. Bento, no Concelho de Valença com 6,60 m de P.A.P., e um volume de madeira do tronco de 46 m³.

— *Eucalipto da estrada n.º 202*, entre Arcos de Valdevez e Ponte de Lima, a 11 Km desta vila, com 6,61 m de P.A.P.

— *Eucaliptos de Ponte de Lima*, próximo desta vila na estrada para Arcos de Valdevez, há dois eucaliptos um com 7,13 m de P.A.P. e outro com 6,10 m.

— *Eucalipto do lugar de Pereiras*, na estrada n.º 207, entre Caide e Felgueiras, tendo 7,32 m de P.A.P.

— *Eucalipto da Arreigada*, que fica no lugar de Arreigada na freguesia de Lordelo, do Concelho de Paços de Ferreira.

É um eucalipto majestoso que tem as seguintes dimensões:

Altura	52,00 m
Perímetro do tronco (P.A.P.)	7,10 m
Altura do tronco até às 1. ^{as} pernas	13,50 m
Volume do tronco	40,30 m ³

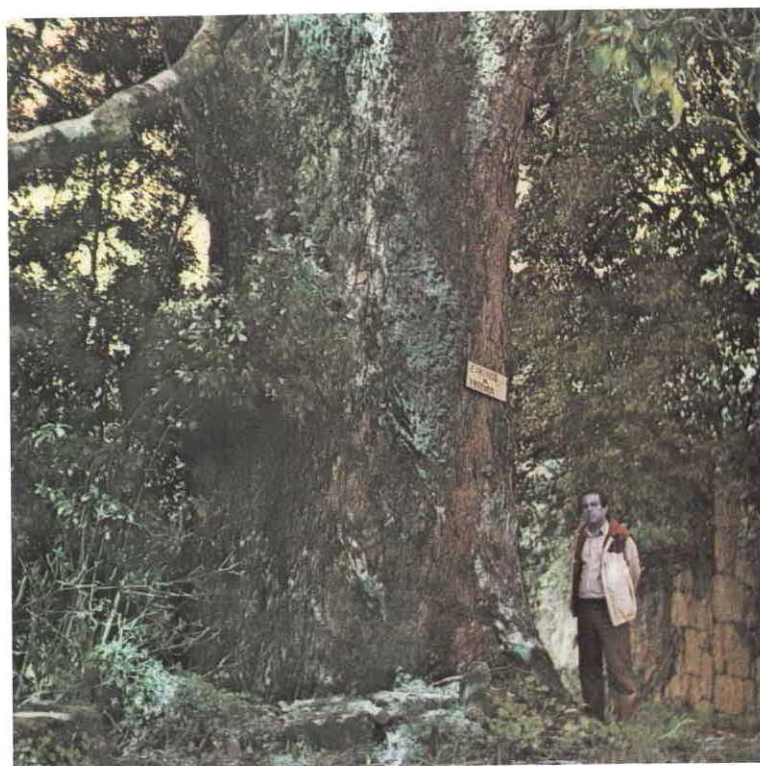
— *Eucalipto da Quinta do Valbom em Paços de Ferreira*, com 6,5 m de P.A.P. e 40 m de altura.

— *Eucalipto da Quinta da Aveleda*, próximo de Penafiel, que tem 6,50 m de P.A.P. e 44 m de altura.

— *Eucaliptos do parque Municipal de Lamego* — neste parque há dois *E. globulus* de grande porte tendo o maior 7,90 m de P.A.P. e 50 m de altura, o qual a cerca de 5 m de altura se bifurca em duas pernas muito grossas, constituindo uma copa muito ampla e de grande altura. O segundo tem 6,60 m de P.A.P., sendo o tronco muito cilíndrico, o qual também a cerca de 5 m, se bifurca em três grandes pernas, constituindo também uma copa muito ampla e majestosa.

— *Eucalipto da estrada de Santa Cruz de Trapa a S. Pedro do Sul*, com 7,14 m de P.A.P., com uma copa bizarra, constituída por vários andares de pernas.

— *Eucalipto da Ribeira de Fraguas*, no concelho de Albergaria a Velha, que tem 48 m de altura e um tronco com 6,50 m de P.A.P. e um volume de madeira de 47 m³.



Fot. 76 — *Eucalyptus globulus* da Quinta da Cruz, em Campo de Besteiros, no concelho de Tondela, com 8,60 m de P.A.P. e 38 m de diâmetro de copa.

- *Eucalipto da Quinta da Cruz*, em Campo de Besteiros, que tem 8,60 m de P.A.P., cujo o tronco se ramifica a 6 m de altura formando uma copa muito ampla, com 38 m de diâmetro (Fot. 76).
 - *Fila de 16 eucaliptos*, na Quinta do Paço, em Moledos, a 3 Km de Tondela, a caminho de Campo de Besteiros, alguns com porte excepcional, tendo os maiores as seguintes dimensões: 9 m de P.A.P., 8 m de P.A.P. e 7,50 m de P.A.P. Também nesta Quinta existe um outro exemplar isolado que tem 7 m de P.A.P. e 45 m de altura.
 - *Eucaliptos de Covelo*, no Concelho de Tábua, no Rocio daquela povoação existem 4 eucaliptos de grande porte conforme se poderá verificar na Fot. n.º 77, que tem cerca de 50 m de altura e troncos com D.A.P. entre 1,70 e 2,15 m.
- Segundo informações obtidas estes eucaliptos foram plantadas em 1852, sendo dos mais velhos do País. Estão considerados de interesse público por decreto de 1954.
- *Eucalipto de Lagares da Beira*, fica junto à estrada de Oliveira do Hospital-Lagares da Beira próximo desta povoação. O tronco tem 7 m de perímetro (P.A.P.) e a cerca de 2 m de altura bifurca-se várias pernas muito grossas, que torna a copa muito frondosa. Esta árvore tem de altura cerca de 40 m.



Fot. 77 — *Eucalyptus globulus* monumentais no Rocio da povoação de Covelo no concelho de Tábua.

- *Eucalipto na estrada de Alcaria a Pero Viseu*, no Concelho do Fundão, com 8,20 m de P.A.P. e 40 m de altura (Fot. 78).
 - *Eucalipto na estrada nacional n.º 18, entre Alpedrinha e Castelo Branco*, próximo de Castelo Novo, com 8,6 m de P.A.P. Este eucalipto foi muito danificado há alguns anos por uma faísca.
 - *Eucalipto na estrada n.º 238 entre Tomar e a Sertã*, a 3 Km desta vila com 7,7 m de P.A.P. e 45 m de altura (Fot. 79).
- Trata-se de um dos maiores eucaliptos do País, com tronco despido de rama até 10 m de solo, o qual se ramifica depois em inúmeras pernas como se fôra uma rebentação de toíça, dando a esta árvore um aspecto monumental e invulgar. O volume do tronco é da ordem de 60 m³, considerando a copa o volume total será da ordem de 100 m³.
- *Eucalipto do antigo viveiro do Tremelgo, na Mata de Leiria*, com 8,35 m de P.A.P., 46 m de altura e 27 m de diâmetro de copa.
- A copa é muito ampla com inúmeras ramificações ao longo do tronco. No mesmo local há vários *Eucaliptos globulus* de grande porte, tendo um deles 6,5 m de P.A.P.
- *Eucalipto do Parque da Pena*, próximo ao Chale da Condessa, com 6,60 m de P.A.P. e 40 m de altura.
 - *Eucalipto da Fundação Gulbenkian*, em Lisboa, com 7,30 m de P.A.P.
- É de salientar que este eucalipto foi respeitado na altura da construção do edifício da Fundação, tendo este sido concebido de modo a não ser sacrificada esta árvore.
- *Eucaliptos da Herdade do Leão, no Concelho de Montforte* — ladeando a estrada do "Monte" há vários eucaliptos de grande porte, com 5 a 7 m de P.A.P.
 - *Eucalipto da Herdade do Monte das Flores próximo de Évora*, com 8,20 m de P.A.P. e 40 m de altura.



Fot. 78 — *Eucalyptus globulus* na estrada de Alcaria a Pero Viseu, no concelho do Fundão, com 8,20 m de P.A.P. e 40 m de altura.



Fot. 79 — *Eucalyptus globulus* próximo da Sertã, na estrada para Tomar, com 7,7 m de P.A.P. e copa muito frondosa.

Este eucalipto além do seu suporte majestoso, é célebre por albergar cerca de 50 ninhos de cegonha, e por esse facto as suas folhas e tronco apresentam uma coloração esbranquiçada devido aos excrementos destas aves (Fot. 80).

— *Eucalipto da Herdade da Gramacha*, fica na freguesia de Nossa Senhora de Machede, no Concelho de Évora, e tem 7,15 m de P.A.P.

Trata-se dum dos maiores eucaliptos do Alentejo e foi plantado em 1870.

— *Eucalipto da estrada de Santiago do Cacém a Sines*, ao Km 2,7 com 8,44 m de P.A.P. e 32 m de diâmetro de copa (Fot. 81).



Fot. 80 — *Eucalyptus globulus* na Herdade do Monte das Flores em Évora, com 8,20 m. de P.A.P. e copa com cerca de 50 ninhos de cegonhas.



Fot. 81 — *Eucalyptus globulus*, na estrada de Santiago do Cacém-Sines, com 8,44 m de P.A.P. e copa frondosa, com 32 m de diâmetro.

E. linearis

Foi-lhe dado este nome botânico em virtude das folhas serem muito estreitas (lineares).

O nome vulgar no seu País de origem é "White Peppermint", por ter um tronco liso e branco e folhas com cheiro a hortelã pimenta.

É natural da Tasmânia, em zona muito restrita próxima de Hobart (capital da Tasmânia).

No nosso país existem alguns exemplares de grande porte na Mata Nacional de Vale de Canas, em Coimbra, na Quinta de S. Francisco, no Eixo, próximo de Aveiro e na Quinta de Fiães, em Avintes (Con. de Vila Nova de Gaia).

E. obliqua

O nome botânico resulta do formato das suas folhas, que são acentuadamente oblíquas. É originária da Tasmânia e Austrália (dos Estados da Austrália do Sul, Victória e Nova Gales do Sul).

É uma espécie algo difundida no País em Parques e Jardins, atingindo por vezes dimensões invulgares. Por outro lado é uma árvore muito bonita não só por ter um tronco cilíndrico e muito direito e despido de ramos até grande altura, com casca fibrosa castanha clara, como também por ter uma copa densa de folhagem de cor verde escura.

É de destacar os seguintes exemplares desta espécie:

- *Eucalyptus da Quinta da Formiga, em Vila Nova de Gaia*, onde se situa o eucalipto mais grosso desta espécie com 8,45 m de P.A.P. o que corresponde a 2,70 m de D.A.P. É de referir que este eucalipto em 25 anos engrossou 0,30 m. (Fot. 82).



Fot. 82 — *Eucalyptus obliqua* na Quinta da Formiga, em Vila Nova de Gaia, o mais grosso do País, com 8,45 m de P.A.P.

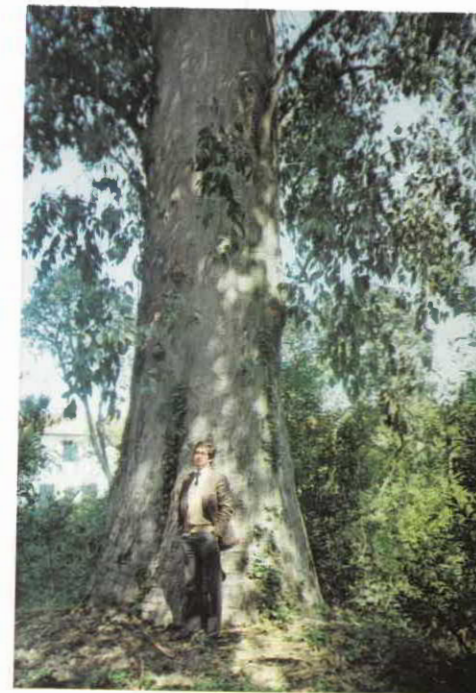
Também nesta Quinta é de assinalar a existência de 4 exemplares de grande porte, com as seguintes dimensões: cerca de 45 m de altura, e troncos com 1 m a 1,30 m de D.A.P., muito direitos, despidos de ramos até 15 a 25 m de altura. Estas árvores foram plantadas em 1870.

- *Eucalyptus da Quinta de Fiães, em Avintes* — há a assinalar o maior eucalipto desta espécie, com 45 m de altura, e um tronco com 7,10 m de P.A.P., completamente despido de ramos até 16 m de altura, com um volume de madeira de 63 m³.

Ainda há a referir um outro *E. obliqua* de grande porte. Julga-se que estas árvores foram plantadas em 1912, de sementes provenientes da Austrália (Fot. 83).

- *Eucalyptus da Quinta de S. Francisco, no Eixo, em Aveiro*. Existem vários exemplares de porte excepcional, de troncos muito cilíndricos, rectilíneos e despidos de ramos até grande altura.

É de assinalar dois com 4,40 e 4,43 m de P.A.P. e cerca de 45 m de altura. Estas árvores têm cerca de 80 anos (Fot. 84).



Fot. 83 — *Eucalyptus obliqua* na Quinta de Fiães em Avintes, o maior existente no País.



Fot. 84 — *Eucalyptus obliqua* na Quinta de S. Francisco no Eixo em Aveiro, de porte monumental.

- *Eucalipto da Quinta da Aveleda*, próximo de Penafiel, com um tronco muito direito, e despido de ramos até 14 m de altura, e com 1,40 m de diâmetro (P.A.P.).
- *Eucaliptos de Bom Jesus de Braga* — marginando a estrada do Santuário há dois eucaliptos de grandes dimensões, tendo um deles de perímetro de tronco 5,65 m de P.A.P. e o outro 5,42 m, ambos com troncos direitos e despídos de ramos até 11 m de altura.
- *Eucalipto da Mata do Buçaco*, marginando a estrada que dá acesso ao Hotel, com 1,25 m de D.A.P. e 44 m de altura. Esta árvore foi plantada em 1877.
- *Eucalipto do Jardim Botânico de Coimbra*, com 5,53 m de perímetro do tronco e 43 m de altura.
- *Eucaliptos da Mata Nacional de Vale de Canas*, várias árvores com 1 a 1,5 m de diâmetro do tronco (D.A.P.) e 55 a 60 m de altura. Estas árvores foram plantadas em 1873.
- *Eucalipto do Parque da Pena*, próximo das estufas, que foi plantado pelo Rei D. Fernando II em 1 de Junho de 1868, no dia do seu casamento com a Condessa d'Edda.
É a maior árvore do Parque da Pena, com 41 m de altura e 7,20 m de perímetro do tronco.
- *Eucalipto da Quinta de Monserrate, em Sintra*, com 4 m de P.A.P. e 40 m de altura.

E. ovata

Foi-lhe dado este nome botânico em virtude das folhas juvenis serem ovadas. No seu País de origem, a Austrália, é conhecida por "Swamp Gum", que vegeta normalmente em terrenos pantanosos.

No nosso País vegeta bem em muitas regiões — caso da Mata Nacional de Valverde em Alcácer do Sal, Mata Nacional do Escaroupim em Salvaterra de Magos, Mata Nacional das Virtudes na Azambuja, Mata Nacional do Urso, na Figueira da Foz e Quinta de S. Francisco, no Eixo em Aveiro.

No entanto os maiores exemplares de porte excepcional, que merecem ser referenciados, situam-se na Quinta de S. Francisco, no Eixo, próximo de Aveiro, em que o maior exemplar tem 3,43 m de P.A.P. e 45 m de altura.

E. regnans

Este nome foi-lhe dado por ser o eucalipto de maior porte e altura da Austrália.

É oriundo da Austrália (Estado de Victória) e da Tasmânia.

É uma espécie pouco plantada em Portugal, no entanto existe na Mata do Buçaco um exemplar de porte excepcional, sendo um dos mais belos e grandiosos eucaliptos do País.

As dimensões desta árvore são as seguintes: 60 m de altura, tronco muito direito, despido de rama até 30 m de altura, com 7,34 m de P.A.P.

Esta árvore foi plantada em 1882 (Fot. 85).

É de assinalar a evolução do engrossamento desta árvore:

Em 1923	1 m de D.A.P.
Em 1953	2,14 m de D.A.P.
Em 1978	2,34 m de D.A.P.
Em 1982	2,34 m de D.A.P.

Verifica-se que deixou de crescer a partir de 1978, por se encontrar já algo enfraquecida por ataque de *Armilaria mellea*.



Fot. 85 — *Eucalyptus regnans* na Mata do Buçaco, com 7,34 m de P.A.P. e 60 m de altura.

E. saligna

É oriunda da zona litoral do estado da Nova Gales do Sul, na Austrália.

É uma espécie muito fomentada em países de clima tropical (Brasil, Argentina, África do Sul, Angola, etc.).

Em Portugal existem em alguns arboretos, e as árvores de maior porte situam-se na Mata do Choupal em Coimbra.

Trata-se de um núcleo de árvores de grande beleza e porte excepcional, com 55 a 60 m de altura e troncos com 3,3 a 4 m de P.A.P., muito cilíndricos e direitos, despidos de rama até grande altura.

Estas árvores foram plantadas em 1868 (Fot. 86).

E. scabra

Esta espécie foi inicialmente classificada por *E. eugenioides* Sieb.

É uma espécie oriunda da Austrália, dos Estados de Victória, de Nova Gales do Sul e Queenslândia. No seu País de origem é conhecido por "White Stringybark", por ter uma casca muito fibrosa e entrelaçada e madeira branca.

Em Portugal encontra-se em vários arboretos com bom desenvolvimento, no entanto os exemplares de maior porte situam-se na Quinta de S. Francisco, no Eixo em Aveiro, tendo o maior 45 m de altura e o tronco 3,05 m de P.A.P. (Fot. 87).



Fot. 86 — *Eucalyptus saligna*, na Mata do Choupal em Coimbra, que se destacam pelo seu tronco direito e cilíndrico.



Fot. 87 — *Eucalyptus scabra*, na Quinta de S. Francisco, no Eixo em Aveiro, que deve ser o maior do País.

E. signata

É uma espécie originária da Austrália, dos Estados de Queenslândia e Nova Gales do Sul, sendo algo parecida ao *E. linearis*, distinguindo-se desta principalmente pelas folhas serem mais largas. É conhecida no seu País de origem por "Peppermint-leaved White gum", ou seja eucalipto de tronco liso e branco e folhas com forte cheiro a hortelã pimenta.

Em Portugal atinge grande porte, tendo sido indevidamente introduzido com o nome de *E. amygdalina*. Está bastante dessiminado em vários arboretos, existindo também alguns exemplares ao longo de algumas estradas (troço de Portas de Rodão a Niza e de Castelo Branco ao Ladoeiro).

São notáveis vários exemplares existentes na Quinta da Formiga em Vila Nova de Gaia, na Quinta de Fiães em Avintes e na Quinta de S. Francisco no Eixo em Aveiro, onde há exemplares de 3 a 3,40 m de P.A.P. e 40 a 55 m de altura.

E. sideroxylon

É oriundo do Estado de Victória e Nova Gales do Sul, da Austrália, sendo conhecido por "Red Ironbark", em virtude da sua casca ser muito sulcada, rija e muito avermelhada (casca que lembra o ferro muito enferrujado).

Está bastante dessiminada no País, em arboretos, núcleos e ao longo das estradas.

São eucaliptos muito ornamentais, devido ao tipo da casca e também por ter flores róseas, carmins e brancas.

Os maiores exemplares e que interessa mencionar são os seguintes:

- 3 eucaliptos próximo de Tábua, junto a várias estradas que irradiam desta vila, com 0,90 a 1 m de D.A.P. e 30 a 35 m de altura.
- *Eucalipto do Campo Grande em Lisboa*, com 35 m de altura e tronco com 3 m de P.A.P.
- *Eucalipto na Quinta da Escurinha*, próximo de Évora, com 1 m de D.A.P.; segundo informações esta árvore foi plantada há 115 anos.

E. Smithii

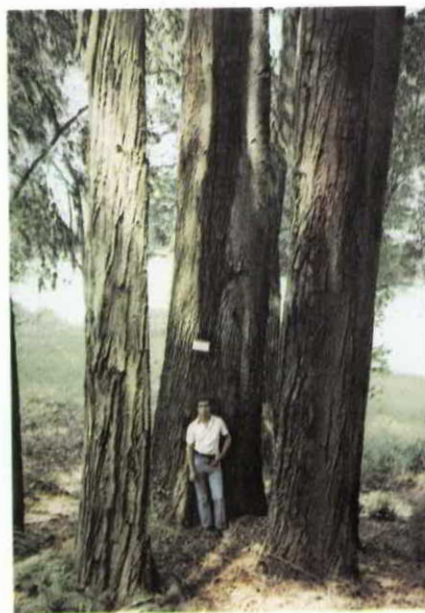
É uma espécie oriunda dos Estados de Nova Gales do Sul e Victória, na Austrália.

É conhecido por "Blackbutt peppermint", por ter uma casca grossa enegrecida e folhas com cheiro a hortelã pimenta.

É uma espécie de muito rápido crescimento, tendo sido ultimamente fomentada pela Portucel (Sociedade Industrial de Pasta de Papel de Portugal), em zonas montanhosas do norte, com resultados muito satisfatórios.

Os maiores exemplares existentes no País, situam-se na Quinta de S. Francisco, no Eixo, próximo de Aveiro, destacando-se entre eles um núcleo próximo das edificações com vários exemplares com cerca de 4 m de P.A.P. e 50 m de altura (Fot. 88).

Fot. 88 — *Eucalyptus Smithii*, na Quinta de S. Francisco, no Eixo, em Aveiro — conjunto de árvores de porte espectacular.



E. Trabuti

Trata-se dum híbrido do *E. botryoides* e *E. camaldulensis*, classificado por Trabut, em plantações na zona mediterrânea.

É uma espécie de muito rápido crescimento e de grande rusticidade, bastante difundida no País.

Os maiores exemplares do País, situam-se no Choupal em Coimbra, existindo vários com 3,5 a 5 m de P.A.P. e 50 a 55 m de altura.

E. viminalis

É natural do Estado de Victória, Austrália do Sul, Nova Gales do Sul, Queensland e Tasmânia na Austrália.

O seu nome resulta das folhas, algo estreitas e pendentes, lembrarem a do vimieiro.

Está algo difundido no País, e os maiores exemplares situam-se em:

- *Quinta da Formiga*, há 3 exemplares de grande porte com 4 a 6,5 m de P.A.P. e cerca de 40 m de altura. É de notar que 2 deles são os mais grossos do País. (Fot. 89).
- *Quinta de S. Francisco*, no Eixo (próximo de Aveiro), o maior exemplar tem 3,5 m de D.A.P. e 45 m de altura.
- *Choupal de Coimbra*, há um núcleo de *E. viminalis*, que tem 60 a 65 m de altura sendo os mais altos do País, e com troncos direitos rectilíneo, com 4,7 m de P.A.P.
- *Jardim Botânico de Coimbra*, há um exemplar que tem 4,8 m de perímetro (P.A.P.).
- *Vale de Canas em Coimbra*, também existem vários exemplares de grande porte com cerca de 60 m de altura e 4 a 4,5 m de P.A.P.

Fot. 89 — *Eucalyptus viminalis* na Quinta da Formiga em Vila Nova de Gaia, com 6,5 m de P.A.P., sendo o mais grosso do País.



EUGENIA SMITHII

Pertence à Família das Myrtaceas.

É uma árvore de climas tropicais, oriunda da Austrália, muito ornamental pelas suas folhas brilhantes e coreaceas e pelos frutos abundantes, que lembram as cerejas (de cor rosada).

Existe em Portugal um exemplar de grande porte com 4,25 m de P.A.P. e 22 m de altura, no Parque do Colégio de Nossa Senhora de Lurdes, na Rua do Campo Alegre, no Porto (Fot. 90).



Fot. 90 — *Eugenia Smithii* no Parque do Colégio de Nossa Senhora de Lurdes, na Rua do Campo Alegre, Porto, que é de porte monumental.

FAIA (*Fagus silvatica*)

Pertencente à Família das Fagaceas.

É uma espécie originária da Europa, com uma grande área de dispersão desde o norte de Espanha até ao Cáucaso.

Em Portugal é uma espécie exótica, algo difundida em vários parques (Parque da Pena, Mata do Buçaco, etc.), assim como em arborizações dos Serviços Florestais, principalmente na Serra da Estrela e Gerês.

O maior exemplar que conhecemos situa-se na cidade do Porto, (Fot. 91) em terrenos da Universidade, na Rua do Campo Alegre 1015, que tem as seguintes dimensões:

Perímetro do tronco a 1,30 m (P.A.P.)	4,35 m
Altura do tronco até às 1. ^{as} pernas	6,00 m
Altura total	27,50 m
Diâmetro da copa	25,00 m

Também é de assinalar um exemplar existente na Quinta do Vale do Abraão, pertencente à Família Serpa Pimentel na freguesia de Samudães, no concelho da Régua, com 3,4 m de P.A.P., 30 m de altura e 25 m de diâmetro de copa.

Por fim não queremos deixar de mencionar uma faia monumental que existia no Jardim Público de Valença, considerada de interesse público, e que foi derrubada por um temporal há cerca de 3 anos.



Fot. 91 — Faia (*Fagus silvatica*), em terrenos da Universidade do Porto, na Rua do Campo Alegre, com 4,35 m de P.A.P. e 27,5 m de altura.

FREIXOS (*Fraxinus*)

Pertencem à Família das Oleaceas.

No País existem 3 espécies indígenas, no entanto apenas uma, a *Fraxinus angustifolia*, se encontra difundida por todo o País, principalmente ao longo dos cursos de água. Também esta espécie tem sido muito fomentada na arborização das estradas, onde se poderão encontrar árvores de porte excepcional.

O freixo mais conhecido e célebre do País, foi concertiza o de Trancoso, que infelizmente foi derrubado pelo ciclone de 1941. Este freixo em 1894 segundo Sousa Pimentel (33) "era o maior da Europa" e media 6,60 m de circunferência de tronco e 30 m de altura (a). Conta a história que esta árvore já era monumental em 1282, e julga-se que à sua sombra o Rei D. Diniz montou "arraial" para receber sua mulher, a Rainha Santa Isabel, que vinha de Aragão (Fot. 12).

É de notar que no Rocio de Trancoso, onde se encontrava este freixo, ainda existem muitos, também multiseculares, alguns mesmo já bastante decrepitos, com dimensões invulgares, de 4 a 4,5 m de P.A.P.

Marginando muitas estradas também poderemos encontrar inúmeros freixos multiseculares, com perímetros de tronco (P.A.P.) da ordem de 4 m e 30 m de altura — caso de muitos exemplares das estradas do distrito de Castelo Branco, Viseu, Guarda, Vila Real e Bragança.

No lugar do Carril, junto à Capela de S. Sebastião, na freguesia de Dornes, do concelho de Ferreira do Zézere, há um freixo multiseccular, talvez com cerca de 450 anos (altura em que foi construída a capela), que tem 3,60 m de P.A.P. e 25 m de altura. Esta árvore está considerada de interesse público por decreto publicado no "Diário do Governo" (Fot. 92).

Na aldeia de Bruscos, na freguesia de Vila Seca, no concelho de Condeixa-a-Nova, junto à Capelinha do Menino Jesus, há um freixo multiseccular com 4,70 m de P.A.P., 20 m de altura e 17 m de diâmetro de copa.

Também é de mencionar um freixo multiseccular, talvez com mais de 500 anos existente no lugar de Avelãs de Caminhos, no concelho de Anadia, que se encontra protegido por um muro de pedra, e que anteriormente marginou a estrada de Coimbra-Porto, tendo sido salvaguardado.

Esta árvore tem 4,10 m de P.A.P. e uma copa ampla, se bem que muitas pernas reais tivessem já caído por velhice ou por vendavais.

Ao longo de muitas ribeiras poderemos encontrar inúmeros freixos multisecculares, e entre muitos, destacaremos alguns existentes na ribeira do Sol-Posto, na Herdade de Vale de Gaios, na freguesia de S. Luís do concelho de Odemira, com 3,5 a 4 m de P.A.P., e o da Herdade do Canal (Propriedade da Casa de Bragança) no concelho de Estremoz, que tem 6 m de P.A.P.

No que respeita a espécies exóticas, há que assinalar dois exemplares de *Fraxinus pensilvanica* (originário da América do Norte), na Mata do Buçaco, próximo de Fonte Fria, respectivamente com 4,35 e 4,56 m de P.A.P. (Fot. 93).

(a) Nota — É de assinalar que este freixo em 1937, segundo Taborda de Moraes, tinha 7,35 m de perímetro a 1 m de altura do solo e 33 m de altura total (23).



Fot. 92 — Freixo junto à Capela de S. Sebastião na freguesia de Dornes do concelho de Ferreira do Zêzere, que se julga ter 450 anos.



Fot. 93 — Freixo da Pensilvânia, junto à Fonte Fria na Mata do Buçaco com 4,5 m de P.A.P.

GLEDITSIA TRIACANTHOS

Pertence à Família das Leguminosas, Sub-Família das Cesapinoideas.

É originária da América do Norte, tendo sido introduzida em vários países, em parques, jardins e arruamentos.

É uma espécie com ramos espinhosos, folhas compostas e caducas, e frutos (grandes vagens), que podem ser aproveitados para alimentação do gado.

É bastante utilizada em parques, jardins e arruamentos, assim como em vedação de propriedades.

Os maiores exemplares que se conhecem no País situam-se na estrada de Salvaterra a Alpiarça, sendo de destacar um deles, que fica a 100 m do cruzamento com a estrada de Santarém-Almeirim, que tem 3,40 m de P.A.P., 28 m de altura e 23 m de diâmetro de copa.

GREVILLEA (*Grevillea robusta*)

Pertence à Família das Proteaceas.

É uma espécie originária da Austrália, introduzida no País no século passado.

Apenas é plantada em parques e jardins, como espécie ornamental, principalmente pelas suas flores abundantes e amareladas.

O mais velho e grosso exemplar que se conhece, situa-se no Jardim Botânico de Coimbra, com 4,2 m de P.A.P. No entanto a copa está danificada, por possível vendaval, tendo apenas 29 m de altura.

Um outro exemplar que merece menção situa-se no Parque do Palácio Souto Maior, em Condeixa-a-Nova, tendo 2,8 m de P.A.P. e 30 m de altura.

LODÃO BASTARDO (*Celtis australis*)

Pertence à Família das Ulmaceas.

É uma espécie indígena, de folha caduca, muito utilizada na arborização de ruas e jardins, dando um fruto (uma drupa) comestível, que os "miúdos" lhes chamam "ginginha da rua".

O maior exemplar que se conhece fica na Quinta do General, em Borba, tendo 6,15 m de P.A.P. e 32 m de altura. É uma árvore imponente, no entanto parte da copa está a secar, talvez devido a estes últimos anos de seca prolongada.

Também é de assinalar um exemplar em Alpedrinha, junto à estrada de Castelo Branco-Covilhã, que tem 5,3 m de P.A.P. (Fot. 94).



Fot. 94 — Lodão Bastardo (*Celtis australis*), em Alpedrinha, junto à estrada nacional, que tem 5,3 m de P.A.P.

MAGNOLIAS

Pertencem à Família das Magnoliaceas.

São vulgares no País duas espécies de magnólias, uma de folha caduca (*Magnolia soulangiana*) cujas flores de cor branco-rosadas revestem por completo toda a árvore, no fim do inverno (Fevereiro-Março), e outra de folhas permanentes (*Magnolia grandiflora*), que por vezes atinge um porte excepcional, também de flores grandes e brancas, que aparecem em Junho/Julho.

A *Magnolia soulangiana* que é um híbrido de Magnólias chinesas, normalmente não atinge grande porte, no entanto é de destacar um exemplar existente na Quinta de Cepeda, na Vila de Paredes.

No que se refere à *Magnolia grandiflora*, originária da América do Norte, é de destacar vários exemplares de porte excepcional.

O maior e talvez o mais antigo, é o que fica junto ao Convento de Nossa Senhora do Desterro, sobranceiro à vila de Monchique (Fot. 95), que deve ser multiseccular, tendo as seguintes dimensões:

Perímetro do tronco a 1,30 m do solo (P.A.P.)	5,3 m
Altura do tronco até às 1. ^{as} pernadas	6 m
Altura total	26 m
Diâmetro da copa	24,5 m

Esta árvore está considerada de interesse público, em publicação em "Diário do Governo".

Também são notáveis pelo seu porte as Magnólias existentes na Quinta do Convento de Cabanas em Afide, no concelho de Viana do Castelo, e a da Quinta do Requeijo, na freguesia de Giel no concelho de Arcos de Valdevez, igualmente consideradas de interesse público (Fot. 96).

Ainda são de mencionar alguns exemplares de porte excepcional na Quinta de Monserrate e um outro na antiga Quinta dos Vanzelleres na cidade do Porto, num quintal dum prédio na Rua da Bandeirinha.



Fot. 95 — *Magnolia grandiflora* junto ao Convento de Nossa Senhora do Desterro em Monchique, que deve ser a maior do País.



Fot. 96 — *Magnolia grandiflora* na Quinta das Cabanas em Afide, de porte monumental.

METROSIDEROS

Pertencem à Família das Myrtaceas.

Foram introduzidas no País várias espécies de *Metrosideros*, no entanto aquela que mais se generalizou e que atinge maiores dimensões é sem dúvida a *Metrosideros excelsa*.

É oriunda da Nova Zelândia estando muito difundida em parques e jardins.

Nos Açores é utilizada em cortinas de abrigo contra os ventos para defesa dos pomares e culturas agrícolas, por ser uma espécie de folha permanente e altamente resistente aos ventos mareiros, carregados de salsugem.

É de assinalar no nosso País, vários exemplares de porte excepcional, que a seguir se indicam:

Os dois maiores exemplares que se conhecem, com 10 m e 8,5 m de P.A.P. e cerca de 30 m de diâmetro de copa, ficam no Parque de Monserrate, em Sintra, um deles próximo do Palácio (Fot. 97).

Estas árvores devem ter sido plantadas nos meados do século passado, pelo inglês Sr. Francis Cook, proprietário desta Quinta.

No Parque do Monteiro Mor (Jardim do Museu do Traje) no Lumiar, existe um exemplar secular, que tem 3,10 m de P.A.P. e 20,5 m de altura.

No Jardim de Campo de Ourique, assim como na Praça da Alegria em Lisboa, há alguns exemplares, que são considerados de interesse público, por decreto publicado em "Diário do Governo".



Fot. 97 — *Metrosideros*, na Quinta de Monserrate em Sintra, com 10 m de P.A.P., que é o maior do País.

NOGUEIRAS

Pertencem à Família das Juglandaceas.

Existem no País duas espécies de nogueiras, uma (*Juglans regia*) desde há muito cultivada no País, para produção de nozes e de madeira de excepcional qualidade, e oriunda da Europa (Região Balcânica) e a outra (*Juglans nigra*) menos difundida, originária da América do Norte, de introdução relativamente recente (no século passado).

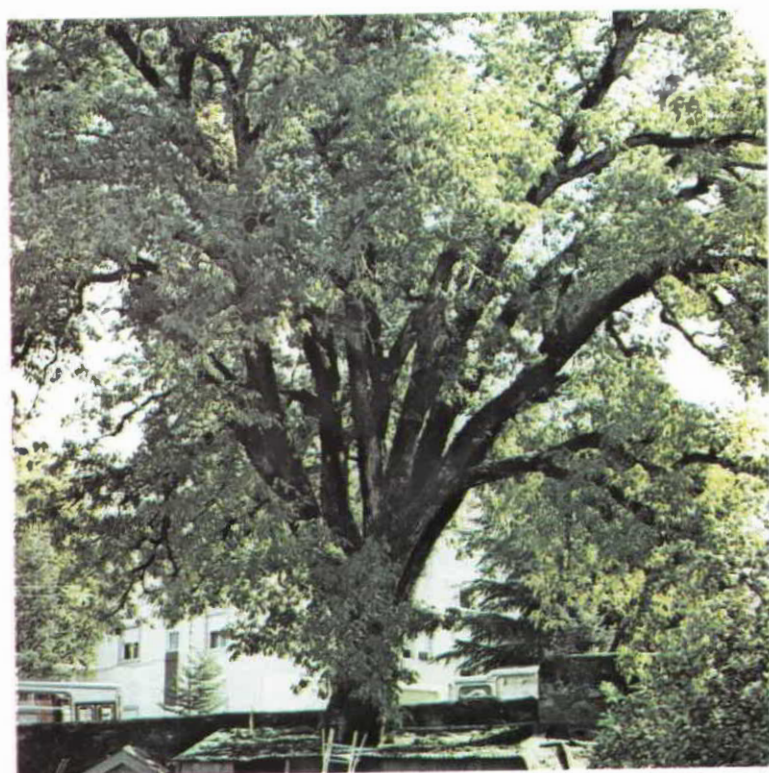
Apenas há a destacar alguns exemplares de *Juglans regia*, de porte excepcional, em que destacaremos os seguintes:

Nogueira de Viseu, que se situa num quintal da Rua Capitão Silva Pereira, em Viseu. Tem cerca de 3 m de P.A.P., 20 m de altura e 25 m de diâmetro de copa (Fot. 98). Esta árvore está considerada de interesse público.

Nogueira na Quinta do Peso, na freguesia de Famalicão, do concelho da Guarda e que tem 4,10 m de P.A.P., 21,5 m de altura e 28 m de diâmetro de copa.

Nogueira na Vila do Sabugal, em frente ao Posto da Polícia, com 3,20 m de P.A.P., 18 m de altura e 20 m de diâmetro de copa.

Nogueira da Herdade do Ameixial de Cima, no concelho de Odemira, próximo da estrada de Odemira-Beja, a 10 Km daquela vila, com 3,30 m de P.A.P. e 25 m de diâmetro de copa.



Fot. 98 — Nogueira monumental na cidade de Viseu, com 20 m de altura e 25 m de diâmetro de copa.

OLIVEIRA

Pertence à Família das Oleaceas.

Em Portugal, como em todos os Países da Bacia do Mediterrâneo, existem inúmeras oliveiras multiseculares (mesmo milenárias), principalmente próximo de algumas vilas e cidades do Sul e Centro do País, assim como ao longo da faixa litoral do Algarve, desde Manta Rota a Lagoa.

Estas oliveiras deverão ser tão velhas como as de Jerusalém, do Monte das Oliveiras, cuja a idade foi determinada há poucos anos, pelo processo de carbono 14, tendo cerca de 2100 anos. O mesmo processo deveria ser adoptado no nosso País, para determinar a idade de muitas destas árvores "monumentais", que deverão ser também milenárias.

Será difícil ou mesmo impossível descrever todas essas oliveiras imponentes e milenárias, pois seriam inúmeras aquelas que deveriam merecer essa atenção. No entanto não queremos deixar de indicar algumas, que concerteza são das mais velhas e de maior porte existentes no País.

Assim teremos:

— 3 Oliveiras em Azeitão, junto à estrada nacional n.º 10, na Quinta Velha, que têm 5 m a 7 m de P.A.P. Estas árvores estão consideradas de interesse público por decreto publicado no "Diário do Governo".

Estas árvores, que fazem parte dum olival com árvores de igual porte e idade, devem ser milenárias (Fot. 99).

— *Oliveira da Herdade do Zambujal*, que deu o nome a esta propriedade, e que fica no Concelho de Palmela, tem 12 m de P.A.P. (Fot. 99 a).

— *Oliveira dos Namorados*, no Jardim do Castelo do Alvíto, que tem 6 m de P.A.P.

Esta árvore foi transplantada dum olival próximo há cerca de 30 anos para este local, devido à sua longevidade e porte excepcional.



Fot. 99 — Oliveiras milenárias, na Quinta Velha, próximo de Azeitão, junto à estrada nacional para Setúbal, consideradas de interesse público.



Fot. 99 a — Oliveira milenária da Herdade do Zambujal e que deu o nome ao local.

- *Oliveiras de Viana do Alentejo* — junto à estrada de Viana do Alentejo a Aguiar, há um olival multiseccular, com oliveiras de porte invulgar, com mais de 5 m de P.A.P.
- *Oliveiras de Beja* — junto à estrada de Beja para Baleizão, próximo das Neves, há um conjunto de oliveiras, também multisecculares, que têm mais de 6 m de P.A.P..
- *Oliveiras de Serpa* — em frente ao jardim público de Serpa e junto à estátua do Abade Correia da Serra, célebre botânico que viveu nos fins do século XVIII e princípios do século XIX, e natural desta vila, foram transplantadas 3 oliveiras multisecculares (possivelmente milenárias) de grande porte.

Estas oliveiras foram transplantadas em 1958 pelo distinto Eng.º Silvicultor Pulido Garcia, também natural desta vila, que vingaram devido a uma técnica apurada. A maior delas tem 6,9 m de P.A.P. e as outras cerca de 5,5 m. (Fot. 100).

Também junto à muralha do Castelo foram transplantadas várias oliveiras multisecculares.

- *Oliveira da propriedade da Margalega*, na freguesia de Brinches do concelho de Serpa, que fica à direita da estrada de Pias para Serpa, a 4 Km daquela aldeia e 1,5 Km da estrada.

Esta oliveira é da variedade Cordovil, e destaca-se dentro dum grande olival, pelo seu porte excepcional, pois tem uma copa com 22 m de altura e 23 m de diâmetro, o que é invulgar, talvez única no País.

Do tronco muito curto e que tem 5,30 m de D.A.P., partem várias pernas muito compridas (Fot. 101).



Fot. 100 — Oliveira milenária, transplantada para junto ao monumento de Abade Correia da Serra, em Serpa.



Fot. 101 — Oliveira Cordovil, na Herdade da Margalega na freguesia de Brinches do concelho de Serpa, que deve ser a maior do País.

Oliveira da Herdade da Labruja, junto à Vila da Colegã.

Próximo do "Monte" desta Herdade existe um olival multiseccular, que infelizmente está a ser arrancado para reconversão cultural (para plantação de vinha).

Deste olival apenas ficará uma fila de árvores, de grande porte, com 5 a 6,5 m de P.A.P.

É de salientar que algumas destas oliveiras são citadas na Enciclopédia Luso Brasileira, pelo seu porte e antiguidade (1).

Pena é que olivais deste tipo, multisecculares ou talvez milenários, com árvores de porte excepcional, sejam derrubados por critérios muito discutíveis, e que o País perca assim um património que deveria ser protegido.

No Algarve, e na faixa litoral entre Olhão e Manta Rota, há a considerar vários olivais multisecculares, de porte excepcional, tendo algumas árvores cerca de 7 m de P.A.P., conforme exemplar que se apresenta na fotografia n.º 102 próximo da estrada Olhão-Tavira, a 13 Km daquela vila, assim como um outro no Aldeamento Turístico de Pedras d'El Rei, com 7,75 m de P.A.P.

Também há a referir vários olivais em pleno barrocal algarvio, com árvores de porte excepcional, em que se destaca um exemplar próximo da povoação do Purgatório junto à estrada de Ferreira a Messines, com 6,96 m.

Na antiga Estação Agronómica Nacional em Sacavém (hoje Bairro Social da Petrogal), há uma oliveira multiseccular, que tem 4,70 m de P.A.P., que está considerada de interesse público.

Em Monte da Senhora, no concelho de Proença-a-Nova, em frente à Igreja, há uma oliveira multiseccular, com 5,70 m de P.A.P., que está protegida com um muro à sua volta, sendo considerada a mais velha e célebre oliveira da região.

Igualmente é de assinalar na Mata do Buçaco, junto ao Hotel, uma oliveira que ficou célebre, e que se chama hoje "Oliveira de Wellington", por este ter amarrado o seu cavalo a esta árvore, momentos antes de se iniciar a Batalha do Buçaco, contra os franceses (em 27 de Novembro de 1810).

Também é de mencionar as oliveiras dos bons terrenos de Basto e Mirandela, da casta verdeal, que chegam a atingir desmesurado porte, produzindo 50 a 60 Kg de azeitona por árvore; caso do olival da Torre, do Conde de Arge, onde as oliveiras rendem em média 10 sacos de azeitona, cada uma (1).

Finalmente não queremos deixar de assinalar um olival milenário, possivelmente um dos mais velhos do País, com árvores de porte invulgar, com 7,5 a 8,10 m de P.A.P., que se situa junto à estrada de Alter do Chão-Crato, ao Km 25, ou seja a 6 Km de Alter.



Fot. 102 — Oliveira junto à estrada Olhão-Tavira com 7 m de P.A.P.

PALMEIRAS

Pertencem à Famílias das Palmaceas.

Em muitos parques e jardins poderemos assinalar inúmeras espécies de palmeiras, todas elas exóticas, pois a única espécie indígena é a *Chaemarops humilis*, que se circunscreve apenas ao barrocal algarvio, sendo de porte sub-arbustivo.

As espécies mais vulgares, e que atingem portes notáveis são sem dúvida as seguintes:

A *Phoenix canariensis*, originária das Ilhas Canárias, é a mais difundida no País em parques e jardins de cidades e vilas, e mesmo em muitas quintas, junto às habitações.

Atinge com frequência alturas de 20-30 m, e troncos com 2,5-3,5 m de P.A.P.

É o caso por exemplo de vários exemplares no Jardim Botânico de Coimbra e Lisboa, e de muitos parques e jardins de vilas e cidades do País (Fot. 103).

A *Phoenix dactilifera*, a conhecida tamareira, muito semelhante à anterior, também atinge por vezes um porte excepcional, como se poderá verificar em alguns parques e jardins do País.

Esta espécie distingue-se, por ter um espique (tronco) mais delgado, menor densidade de folhagem e, algo de cor azulada.

A *Washingtonia filipera*, originária da América do Norte (Califórnia e SW do Arizona), também muito difundida no País em parques e jardins, atinge igualmente grande porte, conforme se poderá verificar nos Jardins Botânicos de Lisboa e Coimbra, na Quinta do Colégio da Companhia de Jesus em Bomjardim de Coimbra, etc. (Fot. 104).

A *Washingtonia robusta*, originária do México, tem um tronco muito delgado, atingindo grande altura (de 25 a 35 m), conforme se poderá verificar no Jardim Botânico de Lisboa, Campo Grande em Lisboa e Parque de Monserrate em Sintra, etc. (Fot. 105-106).

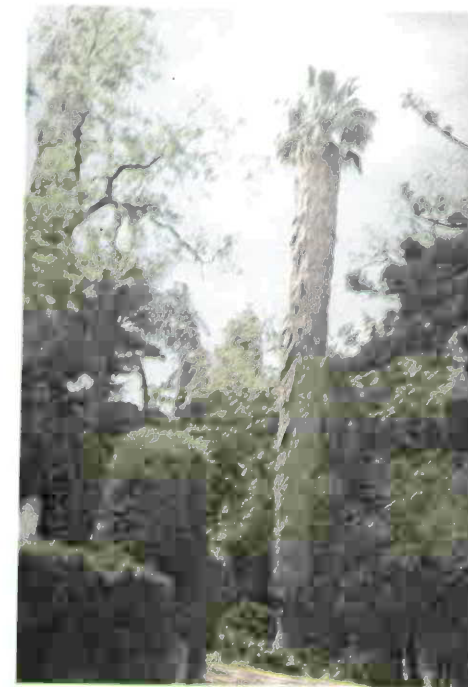
A *Jubaea chilensis*, originária do Chile, também atinge grande porte com 3-3,5 m de P.A.P. e 20-25 m de altura, como se poderá verificar nos Jardins Botânicos de Lisboa e Parque do Colégio da Companhia de Jesus em Cernache de Coimbra, etc. (Fot. 107).



Fot. 103 — *Phoenix canariensis*, no Jardim Botânico de Lisboa.



Fot. 104 — Avenida de Palmeiras, com *Washingtonia filipera*, *Washingtonia robusta* e *Phoenix canariensis*, no Jardim Botânico de Lisboa.



Fot. 105 — *Washingtonia robusta*, no Jardim Botânico de Lisboa.



Fot. 106 — Conjunto de *Washingtonia robusta*, no Jardim Botânico de Lisboa.



Fot. 107 — *Jubaea chilensis*, no Parque do Colégio da Companhia de Jesus em Cernache de Coimbra.

PINHEIROS (*Generus Pinus*)

Pertencem à Família das Pináceas.

A única espécie que se poderá considerar indígena no País é sem dúvida a *Pinus pinea* (pinheiro manso), que se encontra dessiminada por todo o País existindo desde o Minho ao Algarve exemplares de grande porte.

Se bem que o pinheiro bravo seja a espécie florestal mais representativa do País, cobrindo cerca de 43.8% da área florestal, no entanto é uma espécie introduzida, possivelmente no século XIII, sendo também de assinalar bastantes exemplares de porte excepcional.

Sobre a *Pinus silvestris* (Pinheiro de Riga, de casquinha ou Flandres) há muitas dúvidas se é indígena ou não (principalmente em zonas restrictas da Serra do Gerez), no entanto todos os povoamentos actualmente existentes, cobrindo uma área de 30 000 ha, são provenientes de sementes importadas. Desta espécie não conhecemos exemplares que mereçam referência especial.

Também a *Pinus halepensis* (Pinheiro de Alepo), que é originária da Bacia do Mediterrâneo, desde a Ásia Menor até à Península Ibérica, é considerada uma espécie exótica. Encontra-se algo difundida no País, principalmente em terrenos calcários, desde Lisboa a Cascais e Serras de Montejunto e Candeeiros, existindo vários exemplares antigos e de porte majestoso, em vários parques e jardins públicos e particulares de Lisboa, sem contudo atingirem dimensões que mereçam menção especial.

No que se refere às restantes espécies exóticas existentes no País, há a considerar alguns exemplares de porte excepcional de: *Pinus radiata*, *Pinus patula*, *Pinus canariensis*, *Pinus lariceo*, *Pinus Aycahuite* e *Pinus Montezumae*.

A seguir descrevem-se os vários exemplares considerados monumentais, por espécies e por ordem alfabética.

Pinus Aycahuite

É um pinheiro mexicano, que tem a particularidade de ter umas pinhas muito grandes, existindo na Quinta de Monserrate, em Sintra, alguns exemplares de grande porte, com 3.6 m de P.A.P. e 30 m de altura.

É uma espécie pouco difundida na Europa, pois Pardé (28) assinala apenas belos exemplares em Pallenza em Itália e Quinta de Monserrate em Portugal.

Pinheiro bravo (*Pinus pinaster*)

É sem dúvida a espécie mais importante da nossa riqueza florestal, ocupando uma área de 1 300 000 ha.

Se bem que seja considerada uma espécie introduzida das Landes (França) pelo Rei D. Dinis para repovoar o Pinhal de Leiria, no entanto rapidamente se adaptou às nossas condições ecológicas, constituindo hoje uma sub-espécie (ou variedades) bem própria do nosso País.

Foram notáveis vários exemplares, infelizmente desaparecidos, do Pinhal de Leiria, destacando-se entre eles o Pinheiro do Facho, da Alvinha, da Cruz dos Quatro Caminhos, da Castinha (33), do Montinho, dos Lavradores e do Borges (6).

Estas árvores tinham 35 a 40 m de altura e 1 a 1,5 de D.A.P. em que os troncos eram cilíndricos lisos e completamente limpos de ramos até 20 a 30 m de altura.

O mais volumoso (bifurcado), era o pinheiro do Facho, que segundo Arala Pinto (5) fôra considerado o maior pinheiro bravo conhecido, o qual produziu 21 m³ de madeira quando derrubado por intempérie.

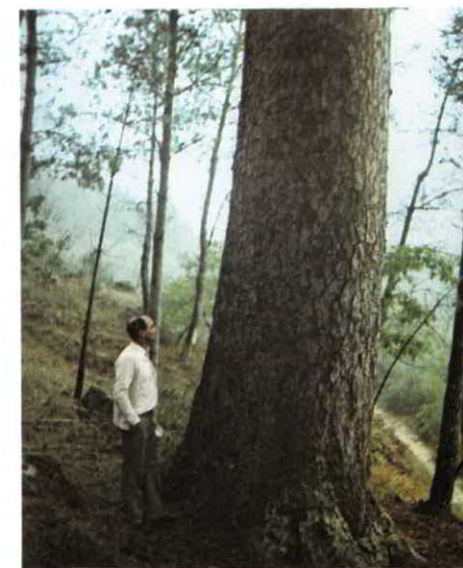
Um dos mais belos e imponentes foi sem dúvida o pinheiro de Alvinha que segundo Sousa Pimentel (33) tinha 40 m de altura e 3 m de circunferência do tronco, o qual se apresentava liso e limpo de ramos e de nós até à altura de 27 m.

Presentemente ainda existem no Pinhal de Leiria vários exemplares de grande porte, sem contudo atingirem as dimensões daqueles que existiram outrora. Actualmente o mais grosso que conhecemos tem 3,40 m de P.A.P., e fica próximo da serração.

Também é de mencionar outros pinheiros bravos monumentais, que eram considerados de interesse público e que já desapareceram tais como: pinheiro bravo de Madões, na freguesia de Freamundes, concelho de Paços de Ferreira, com 4,65 m de P.A.P., 17,50 m de altura de fuste e 37 m de altura total, que secou em 1969, devido a uma faísca, e que deveria ser o maior e o mais imponente do País; o pinheiro da aldeia de Avô, no concelho de Oliveira do Hospital, que fora derrubado por um vendaval em 1969, e que tinha 4,5 m de P.A.P., 15 m de altura de fuste e 25 m de altura total.

No entanto o pinheiro bravo mais grosso que se conhece (julgamos não haver qualquer referência de outro que tivesse existido no País com maior D.A.P.) situa-se próximo da aldeia de Bobadela, a 100 m da estrada que liga esta povoação a Tábua, e que é conhecido pelo "Pinheiro dos Abraços" (Fot. 108) tendo as seguintes dimensões:

Perímetro do tronco a 1,30 m do solo (P.A.P.)	4,80 m
(o que equivale a 1,52 m de D.A.P.)	
Altura do tronco até à copa	15,00 m
Altura total	25,00 m



Fot. 108 — Pinheiro bravo de Bobadela concelho de Oliveira do Hospital, que tem 4,8 m de P.A.P., devendo ser o mais velho do País.

Também é de assinalar que este pinheiro em 1939 (25), tinha 4,54 m de P.A.P., tendo apenas engrossado em diâmetro 8,60 cm, nos últimos 44 anos.

A copa encontra-se bastante reduzida e irregular.

Julgamos tratar-se do pinheiro mais velho do País talvez com cerca de 200 anos.

Este pinheiro está considerado de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

Também é de assinalar um exemplar que existe junto à estrada de Almeirim-Alpiarça (Km 78-3), a 1,8 Km desta vila, que tem 4,7 m de P.A.P., no entanto o tronco a 1,60 m, bifurca-se em 2 fustes, tendo um deles na base 0,90 m de perímetro e o outro 0,80 m (Fot. 109).

É de assinalar que o tronco deste pinheiro desde a bifurcação até ao chão, apresenta uma fenda.

No entanto é na região de Entre-Douro e o Minho, principalmente junto às estradas, que poderemos encontrar os mais belos e volumosos pinheiros bravos do País.

O maior exemplar que assinalamos nesta Região (Fot. 110), fica na estrada de Marco de Canavezes a Régua, a cerca de 1,5 Km daquela vila (ao Km 74,8) e tem as seguintes dimensões:

Perímetro do tronco a 1,30 m do solo (P.A.P.)	4,15 m
Altura do tronco até à copa	10,60 m
Altura total	26,00 m

O volume do tronco deve ser da ordem dos 12 m³.

Também na estrada de Recarei a Entre Rios, há inúmeros exemplares de porte excepcional, destacando-se entre eles, os que ficam junto à Estação de Caminho de Ferro Recarei, e um outro a 3 Km, com 3,35 m de P.A.P. e 35 m de altura.



Fot. 109 — Pinheiro bravo, na estrada de Almeirim-Alpiarça, com 4,7 m de P.A.P., mas que se bifurca a 1,6 m do solo.



Fot. 110 — Pinheiro bravo na estrada de Marco de Canavezes-Régua, com 4,15 m de P.A.P.

No concelho de Aguiar da Beira, na estrada n.º 229, próximo da Ponte de Abade, há um exemplar com 3,60 m de P.A.P. e 22 m de altura (Fot. 111); também nesta estrada há muitos exemplares de porte excepcional (de 2,5 a 3,2 m de P.A.P.).

Igualmente é de assinalar vários exemplares de 3,10 m de P.A.P. e 27 a 29 m de altura em Vidago, na Ponte Seca.

Próximo da Aldeia dos Dez, junto à estrada que serve esta povoação, há um pinheiro bravo com um tronco muito direito com 3,30 m de P.A.P. e 15 m de altura até às primeiras pernas. Essa árvore está ainda em pleno vigor vegetativo, e é considerada de interesse público, por decreto publicado em "Diário do Governo".

Junto à povoação do Cruzeiro, no concelho de Oliveira de Azemeis, a 400 m da estrada nacional n.º 1, há um pinheiro bravo, denominado por Pinheiro da Bemposta, que merece também referência, pelo seu porte excepcional, sendo uma árvore muito conhecida na região.

Na Quinta do Convento de Tibães, próximo de Braga, há o mais espectacular e belo pinheiro bravo do País, e talvez o mais volumoso, em que o tronco tem 3,95 m de P.A.P., e está limpo de ramos até 22 m de altura. Esta árvore tem no total a altura de 32 m e uma copa bastante ampla.

Por fim não queremos deixar de assinalar os conhecidos e seculares pinheiros bravos na faixa litoral do Pinhal de Leiria, que mais parecem serpentes muito grossas, com os feitios mais estranhos que se possam imaginar, devido à acção directa dos ventos mareiros, conforme se poderá verificar na fotografia n.º 112.



Fot. 111 — Pinheiro bravo, no concelho de Aguiar da Beira, na estrada 229, próximo da Ponte do Abade com 3,6 m de P.A.P.



Fot. 112 — Pinheiro bravo, na Mata de Leiria, rastejante e contorcido devido à acção directa dos ventos marítimos.

Pinheiro das Canárias (*Pinus canariensis*)

É originário das montanhas das Canárias, e por conseguinte de clima com forte influência mediterrânea.

É uma espécie de três agulhas, muito compridas e pendentes, e por isso muito ornamental.

Estranha-se que esta espécie não tenha tido maior difusão no País, por encontrar condições ecológicas favoráveis à sua cultura.

O maior exemplar que se conhece situa-se no Parque do Conde de Vilalva a Palhavã em Lisboa, e tem 3,20 de P.A.P. e 35 m de altura. É uma árvore secular com cerca de 120 anos.

Também no Jardim Botânico de Lisboa há um exemplar que merece referência e que tem também mais de 100 anos.

Por fim não queremos deixar de nos referir a um povoamento existente no Parque Municipal da Cidade de Elvas, ainda relativamente novo, com árvores com um desenvolvimento excepcional (50 a 70 m de D.A.P. e 30 m de altura), o que indica as boas condições ecológicas para a cultura desta espécie.

Pinheiro insigne (*Pinus radiata*)

É conhecido também por pinheiro de Monte Rei.

Trata-se dum pinheiro de grande interesse económico, originário duma pequena faixa do litoral da Califórnia, nos Estados Unidos da América do Norte, tendo a sua cultura sido largamente difundida em muitos Países do Mundo — Chile, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Espanha, etc... ocupando esta espécie, em qualquer destes países, centenas de milhares de hectares.

Em Portugal só recentemente é que a cultura desta espécie tem tido algum incremento, principalmente no norte do País.

No entanto foi uma espécie introduzida no País nos meados do século passado, existindo bastante exemplares de porte excepcional.

Os mais grossos e possivelmente os mais velhos exemplares existentes no País, situam-se na Quinta de Monserrate, em Sintra. Existem belos exemplares com cerca de 4 m de P.A.P., tendo o mais grosso 4,4 m, o qual fica próximo do portão de entrada, do lado esquerdo do caminho principal. Estas árvores devem ter sido plantadas em meados do século passado, pelo inglês Sr. Francis Cook, proprietário desta Quinta (Fot. 113).

Também no Parque da Pena poderemos encontrar alguns exemplares, de grande porte, com cerca de 3,5 m de P.A.P., próximos da entrada para a Tapada do Mouco, tendo sido plantados em 1870.

Na Mata do Buçaco há dois grandes exemplares, um deles foi plantado em 1877 e tem 3,6 m de P.A.P. e 40 m de altura.

Segundo Brito Peres (11), esta árvore em 1964 tinha 3,25 m de P.A.P., tendo assim engrossado em 19 anos cerca de 11 cm.

O outro que é mais grosso, tem 3,8 m de P.A.P., sendo no entanto mais baixo, ficando próximo da Administração Florestal.

No Parque de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego, há vários exemplares de grande porte, tendo o maior, que fica próximo da escadaria de acesso ao Santuário (do lado esquerdo, quem desce) 3,3 m de P.A.P., tendo sido plantado em 1910.



Fot. 113 — Pinheiro insigne na Quinta de Monserrate em Sintra, com 4,4 m de P.A.P.

Pinheiro Lariceo (*Pinus lariceo*)

É uma espécie originária da Corsega, Calabria e Espanha, sendo uma sub-espécie de *Pinus nigra* ou uma espécie muito afim.

Em Portugal tem excepcionais condições para a sua cultura, e por esse facto tem sido ultimamente bastante fomentada nas serras interiores do Norte do País.

Os maiores exemplares situam-se no Parque de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego, num pequeno povoamento muito uniforme, com a idade de 73 anos, e de porte excepcional.

Pinheiro manso (*Pinus pinea*)

É uma espécie natural de toda a Bacia do Mediterrâneo, sendo o único pinheiro indígena no País.

Se bem que seja na região de Alcácer do Sal e Grândola que se concentra grande parte da área desta espécie (cerca de 41% da área total), no entanto em todo o País existem pinheiros mansos de porte excepcional, o que indica a sua grande dispersão.

Sobre os pinheiros de Alcácer do Sal, não queremos deixar de citar Sousa Pimentel (34), que escreve que "os pinheiros mansos de Alcácer formaram noutros tempos uma vasta e densa floresta, que cercava por todos os lados a povoação, a qual no século XII, segundo testemunhos de escritores árabes, era ainda muito importante e mantinha um grande arsenal onde se construíram muitos navios de combate".

É de assinalar que as naus que dobraram o Cabo da Boa Esperança, foram construídas com pinheiros mansos de Alcácer do Sal, tendo o próprio Bartolomeu Dias escolhido as próprias madeiras na região.

Também é de referir alguns povoamentos de pinhal manso, que são célebres pela idade e beleza das suas árvores — é o caso da Mata de Valverde, em Alcácer do Sal, com 900 ha, que pertenceu ao Convento Ara-Coeli, e que depois passou à posse do Estado, com a extinção das ordens religiosas; do pinhal do rei (ou dos Medos) próximo da Fonte da Telha, no concelho de Almada, que fora mandado plantar pelo Rei D. João V e o da Mata do Cabeção no concelho de Mora.

Se bem que na região de Alcácer do Sal e Grândola possamos admirar grande número de pinheiros mansos de grande porte, mesmo junto às estradas que atravessam estes dois concelhos, no entanto os dois maiores são: o *pinheiro manso do Marco*, na Herdade da Freixera e o *pinheiro manso dos Brejos das Bicas*, na Herdade da Comporta, ambos no concelho de Grândola.

O *Pinheiro do Marco*, situa-se na extrema nascente da Herdade da Freixera, próximo da estrada de Alcácer do Sal a Grândola, a 6 Km desta vila.

É uma árvore muito velha, com mais de 300 anos, e que serve de extrema entre três herdades, e por essa razão se denomina o pinheiro do Marco.

O tronco tem 4 m de perímetro a 1,30 m do solo (P.A.P.), o qual está limpo de rama até à altura de 6 m, onde se inserem 4 grandes pernadas, que formam uma copa com 33 m de diâmetro (Fot. 114).

O *Pinheiro des Brejos das Bicas*, fica na extrema sudeste da Herdade da Comporta, no concelho de Grândola.

O tronco tem 4 m de perímetro a 1,30 m do solo, inserindo-se a 3 m de altura várias pernadas, que formam uma copa muito densa com 30 m de diâmetro.



Fot. 114 — Pinheiro manso do Marco no concelho de Grândola, que deve ser o maior do Baixo Alentejo.

A sul do Tejo, tanto na Península de Setúbal, como no Ribatejo, poderemos encontrar bastantes pinheiros mansos "monumentais", que a seguir se indicam:

Pinheiro manso junto à estrada de Azeitão-Sesimbra, ao Km 17,30 que tem 4 m de P.A.P., um tronco limpo de pernadas até 8 m de altura e uma copa ampla, constituída por pernadas muito grossas. Esta árvore fica dentro duma cova, junto à estrada nacional, e por conseguinte algo encoberta. Está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

Pinheiro da Quinta de Camarate, no Brejo do Santo, na freguesia de S. Simeão de Azeitão, do concelho de Setúbal que tem 5,25 m de P.A.P., 22m de altura e 30 m de diâmetro de copa, estando considerado de interesse público, por decreto publicado em "Diário do Governo".

Pinheiros mansos da Herdade de Pancas, na freguesia de Samora Correia, no concelho de Benavente.

Nesta Herdade há dois grandes pinheiros, um deles próximo da estrada de Porto Alto a Alcochete, ao Km 24,8, que tem 5,70 m de P.A.P., 30 m de diâmetro de copa e 24,30 m de altura. Esta árvore está considerada de interesse público, por decreto publicado em "Diário do Governo", deixando de ter o aspecto majestoso de outrora, por ter perdido duas grandes pernadas reais, derrubadas por intempéries, o que tornava este pinheiro, um dos mais imponentes do País.

No entanto é de salientar que o tronco desta árvore engrossou 22 cm em 40 anos.

O outro pinheiro fica a cerca de 500 m deste, para o interior da Herdade, tendo 5,50 m de P.A.P. e 3 pernadas reais, e uma partida não há muitos anos pelas intempéries, que ainda se encontra no chão, indicando bem as suas enormes dimensões.

A copa desta árvore é muito equilibrada e revestida de densa ramagem, tendo 32 m de diâmetro (Fot. 115).



Fot. 115 — Pinheiro manso da Herdade de Pancas, imponente pela grandiosidade da sua copa.

O *Pinheiro da Várzea do Escaroupim* (confinante com a Mata Nacional), no concelho de Salvaterra de Magos, tem 5,30 m de P.A.P. e 28 m de diâmetro de copa. É uma árvore isolada, de grande vigor vegetativo, que se encontra implantada em terreno de aluvião regado (Fot. 116).

A norte do Tejo há a assinalar igualmente muitos pinheiros mansos de porte excepcional, que iremos assinalar:

Pinheiro manso da Quinta da Abrigada, no concelho de Alenquer, com as seguintes dimensões:

Perímetro do tronco a 1,30 do solo (P.A.P.)	4,30 m
Altura do tronco	8,00 m
Diâmetro da copa	26,00 m
Altura total	20,00 m

Pinheiro manso do Sardoal, fica próximo desta vila, na estrada de Abrantes para Castelo Branco, ao Km 17/200.

Tem as seguintes dimensões:

Perímetro do tronco a 1,30 m do solo (P.A.P.)	4,20 m
Altura do tronco — 4 m, que se bifurca em duas pernadas reais.	
Diâmetro da copa	29,00 m
Altura total	25,00 m

Pinheiro de Paio Mendes, na Quinta da Eira, próximo da estrada que serve esta povoação do concelho de Ferreira do Zêzere.

Tem as seguintes dimensões:

Perímetro do tronco a 1,30 m do solo (P.A.P.)	5,10 m
Altura do tronco	12,50 m
Diâmetro da copa	25,00 m
Altura total	27,00 m



Fot. 116 — Pinheiro manso da Várzea do Escaroupim, no concelho de Salvaterra de Magos, com 5,3 m de P.A.P. e 28 m de diâmetro de copa.

É o pinheiro manso mais imponente que conhecemos, pois o tronco além de ser muito alto é praticamente cilíndrico. É uma árvore secular, mas que ainda tem grande vigor vegetativo. Está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo" (Fot. 117).

É de assinalar que o tronco desta árvore em 37 anos (de 1946 a 1983) engrossou 35 cm, o que se considera excepcional, tomando em conta a idade desta árvore. No entanto a copa, encontra-se reduzida, pois tinha anteriormente 30 m de diâmetro, em virtude de algumas pernadas reais terem sido derrubadas por intempéries.



Fot. 117 — Pinheiro manso de Paio Mendes, no concelho de Ferreira do Zêzere, de tronco cilíndrico, com 5,10 m de P.A.P. e despido de rama até 12,5 m de altura.

Na mesma região é de assinalar também dois pinheiros mansos de grande porte, tendo um deles 4,10 m de P.A.P. e 26 m de diâmetro de copa.

Pinheiro manso de S. Vicente da Beira, no concelho de Castelo Branco, fica numa Quinta, que pertencera ao Conde da Borralha, mesmo na povoação de S. Vicente da Beira, tendo as seguintes dimensões:

Perímetro do tronco a 1,30 m do solo (P.A.P.)	4,00 m
Altura do tronco até às primeiras pernadas	10,50 m
Altura total	27,00 m
Diâmetro da copa	23,00 m

É um pinheiro monumental e muito conhecido na região, e que já fora citado por Sousa Pimentel em 1910, no seu livro "Os Nossos Pinhais", que apresenta a fotografia desta árvore e as respectivas dimensões (3,95 m de P.A.P. e 29 m de altura), que pouco diferem daquelas agora indicadas.

Esta árvore além de ter um tronco muito cilíndrico, despido de ramos até 10,5 m de altura, ainda apresenta grande vigor vegetativo (Fot. 118).

Fot. 118 — Pinheiro manso de S. Vicente da Beira, no concelho de Castelo Branco, de porte monumental.



Pinheiro manso de St.º António, em Alpedris de Alcobaça.

Fica junto à estrada que liga Cruz da Légua a Pataias, a 4,5 Km desta povoação, e chama-se pinheiro de St.º António, em virtude da lenda dizer que à sombra dele descansou St.º António, numa sua viagem de Coimbra a Lisboa e, por esse facto, foi construída a capelinha que lhe fica junto.

É efectivamente um pinheiro muito velho, multiseular, que tem as seguintes dimensões: 5,10 m de P.A.P., 17,50 m de diâmetro de copa e 22 m de altura (Fot. 119).

É de referir que a copa era muito mais ampla, tendo sido cortado duas pernas reais, muito grossas, por cobrirem a Capelinha.

Também o tronco na base deveria ser mais grosso, pois presentemente está algo descarnado.



Fot. 119 — Pinheiro manso de St.º António, na estrada de Alpedris para Pataias, multiseular.

Pinheiro manso da Curia, fica na freguesia de Tamengos, do concelho da Anadia, tem 4,05 m de P.A.P., 16 m de altura e 25 m de diâmetro de copa. É um imponente pinheiro, conforme se poderá verificar na fotografia n.º 120. Está considerado de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

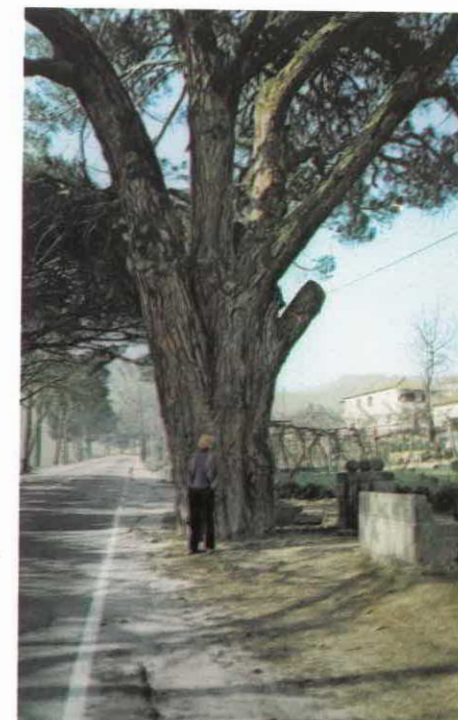
Pinheiro manso da estrada Viseu-Nelas, ao Km 11,5-96 Km de Nelas, existe um pinheiro manso monumental, com 3,37 m de P.A.P., bifurcando-se o tronco a cerca de 4 m em duas pernas muito grossas e despidas de ramos a grande altura, formando depois uma copa ampla, com 22 m de diâmetro. Esta árvore que tem 36 m de altura foi protegida pela Junta Autónoma de Estradas, que no alargamento desta estrada construiu duas faixas de rodagem, ficando este pinheiro numa faixa central de protecção, acção esta muito louvável que deveria ser generalizada a outras árvores de porte excepcional.

Pinheiro manso de Amarante, situa-se no lugar do pinheiro manso, junto à estrada nacional, que liga Amarante a Penafiel, a 3 Km daquela vila.

É uma árvore de porte excepcional, dos maiores pinheiros mansos do País, que tem 6,30 m de perímetro de tronco (P.A.P.), o qual bifurca a 1,70 m de altura, em duas grandes pernas que constituem a base duma copa ampla e arredondada, com 30 m de diâmetro (Fot. 121). Está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".



Fot. 120 — Pinheiro manso da Curia (concelho de Anadia) de copa imponente.



Fot. 121 — Pinheiro manso na estrada de Amarante a Lixa, que deve ser um dos maiores do País.

Pinheiros mansos de Valongo, situam-se na estrada que liga esta vila a Paredes, próximo do cruzamento para Recarei, tendo o maior 6,10 m de P.A.P., que se ramifica a 1,80 m do solo em três pernas, atingindo a altura de 25 m.

Pinheiro manso do lugar do Souto, freguesia de Tuias do concelho de Marco de Canavezes, que tem as seguintes dimensões: tronco com 5 m de perímetro (P.A.P.), que se ramifica em três grossas pernas a 3,5 m do solo, formando uma copa muito larga com 36 m de diâmetro (Fot. 122).

Este pinheiro, que é dos maiores do País, sofreu há pouco tempo os efeitos dum incêndio, sem afectar felizmente a sua vitalidade.

Pinheiro manso do cruzamento da estrada de Ponte de Lima — Barcelos com a de Ponte de Lima a Darque. Esta árvore tem 4,01 m de P.A.P., 20 m de altura e 31,5 m de diâmetro de copa. Está considerado de interesse público, por decreto publicado em "Diário do Governo" (Fot. 123).



Fot. 122 — Pinheiro manso de Tuias, no concelho de Marco de Canavezes, de grande porte.



Fot. 123 — Pinheiro manso na estrada da Ponte de Lisboa-Barcelos, próximo de Ponte de Lima.

Também não queremos deixar de assinalar alguns pinheiros mansos, que ficaram célebres, pelas suas dimensões invulgares e idade avançada, e tendo alguns deles desaparecido não há muitos anos, grande parte derrubados pelo ciclone de Fevereiro de 1941.

É o caso do pinheiro da Covilhã, na Quinta do Curto, que era considerado o maior do País, e talvez da Europa, que tinha 31,25 m de altura e um tronco com 5,75 m de perímetro, quase cilíndrico e despido de ramos até 14,50 m de altura e com um volume de madeira de 32 m³ (34), e cerca de 300 anos (25) — fot. n.º 1, extraída do livro "Os Nossos Pinheiros" de Sousa Pimentel (34); do Pinheiro da cidade do Porto que deu o nome de Pinheiro manso, ao local junto à Av. da Boavista; do pinheiro da Quinta da Murteira em Samora Correia, de dimensões invulgares, cuja fotografia é apresentada em "Árvores Giganteas de Portugal" de Sousa Pimentel, publicado em 1894 (33), em que cita que a copa tinha 29 m de diâmetro, mas que ainda era maior, pois a perna principal e mais comprida, fôra cortada pelos soldados franceses durante as invasões; do pinheiro manso das "7 braças" (ou pernas) próximo da Fonte das 4 bicas, no Parque da Pena, que tinha 4,5 m de P.A.P. e cada uma das braças mais de 0,50 m de diâmetro; do pinheiro de Nossa Senhora da Atalaia, próximo do Montijo; do pinheiro manso de Ourique, o maior de todos do Alentejo; do pinheiro manso da Quinta da Cachoneira, em Casais do Lagarto, Cartaxo, que tinha 6,70 m de P.A.P. e uma copa com a área de 700 m², que foi derrubado por um temporal em 1979; do pinheiro manso dos 5 galhos ao Km 96,800 da estrada nacional n.º 8 de 1.ª na freguesia e concelho de Viseu, com 5 m de P.A.P., 24 m de altura e 25 m de diâmetro de copa, que foi abatido para passar uma linha eléctrica; do pinheiro manso de Cativelos, no concelho de Gouveia, com 6 m de P.A.P., 24 m de altura e 26,30 m de diâmetro de copa que foi derrubado por um vendaval em 1968, etc...

Também recentemente secou um pinheiro manso, de dimensões invulgares, que ainda se mantém de pé, na Herdade do Amarelo, próximo da Barragem do Monte da Barca, no concelho de Coruche. Este pinheiro era muito conhecido e célebre, pois além de ser o maior da região, avistava-se (e ainda se avista) a grande distância por se destacar dentro duma grande mancha de montado de sobro. Tinha 4,50 m de P.A.P., 9 m de altura de tronco até aos 1.ºs ramos, 24 m de altura e 30 m de diâmetro de copa.

Por fim não queremos deixar de citar, o mais grosso pinheiro manso existente no último século, em que 7 homens não o abraçavam e que fôra derrubado em 1898 por um vendaval. Sousa Tavares refere-se a este pinheiro na sua publicação "Árvores Gigantes das Beiras" (39), apresentando a fotografia desta árvore já derrubada, tendo o tronco próximo da base 8,40 m de perímetro.

Pinus Montezumae

É uma espécie mexicana, pouco difundida na Europa, pois Pardé (28) encontrou apenas belos exemplares na Antibes em França, nos grandes lagos italianos e na Quinta de Monserrate, em Portugal.

É uma espécie muito ornamental por ter agulhas compridas e pendentes, existindo em Monserrate alguns exemplares com 3,20 m de P.A.P. e 30 m de altura.

Pinus patula

É uma espécie originária do México e de climas tropicais. É muito ornamental, por ter umas agulhas muito compridas e pendentes, existindo no País apenas em alguns parques e jardins.

O maior exemplar que se conhece situa-se na Mata do Bussaco, tendo 2,70 m de P.A.P. e 39 m de altura, e foi plantado em 1860 (11).

É de assinalar que a cultura desta espécie teve grande difusão em muitas regiões tropicais do Mundo (África, América do Sul e Austrália) com crescimentos excepcionais.

PLÁTANO

Pertence à Família das Platanaceas.

A única espécie difundida no País é a *Platanus hybrida* Brot, sendo de origem desconhecida e considerada uma espécie resultante do cruzamento de *Platanus orientalis* com *Platanus occidentalis*.

Se bem que seja uma espécie de muito rápido crescimento e produza uma madeira de boa qualidade, no entanto tem sido plantada apenas ao longo das estradas, avenidas, cursos de água, parques e jardins.

— O mais célebre e conhecido plátano do País é o de Portalegre, que se situa num jardim desta cidade, cuja a sombra é muito apetecível, principalmente no verão.

Esta árvore que foi plantada em 1838 junto a uma linha de água, tem hoje o tronco em grande parte soterrado, em virtude dos aterros sucessivos para nivelamento do actual arruamento (Avenida da Liberdade). Está considerado de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

Do tronco, que presentemente é muito curto, com 5,26 m de P.A.P., saem inúmeras pernas, que formam uma copa larga e densa, com 27 m de diâmetro (Fot. 124).

É de notar, que este plátano, segundo Sousa Pimentel, em 1894 (33), tinha 3 m de P.A.P., e a copa 24 m de diâmetro.



Fot. 124 — Plátano de Portalegre um dos mais conhecidos do País.

— Também é muito conhecido o plátano de Alijó, que fica junto à Pousada do Barão de Forrester. Esta árvore foi plantada em 1856, e tem 6 m de P.A.P., 30 m de altura e 26 m de diâmetro de copa. Está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo" (Fot. 125).

— No entanto o maior é sem dúvida o da Quinta da Foja, no concelho da Figueira da Foz, com 8,05 m de P.A.P., 25 m de altura e 30 m de diâmetro de copa (Fot. 126). É assinalável o desenvolvimento deste plátano nos últimos 44 anos, pois em 1939 segundo Taborda de Moraes (25) tinha 5,85 m de P.A.P. e 23 m de diâmetro de copa.

Além destes três plátanos tão conhecidos, é de mencionar os seguintes:

— Próximo de Monchique, no Barranco de Pisões, a 2 Km daquela vila, e próximo da estrada de Monchique — Estação de Saboia, há um exemplar que tem 4,70 m de P.A.P. 35 m de altura e 25 m de diâmetro de copa, sendo considerado de interesse público, por decreto publicado em "Diário do Governo".



Fot. 125 — Plátano de Alijó, muito conhecido no País.



Fot. 126 — Plátano da Quinta da Foja, no Vale do Mondego, que deve ser o mais grosso do País, com 8 m de P.A.P.

Em Lisboa há que assinalar 5 exemplares de grande porte — 3 existentes no Parque de Monteiro Mor no Lumiar, 1 na cerca do Hospital de D. Amélia e 1 na Quinta da Fonte, em Calhariz de Benfica.

Os 3 exemplares do Parque de Monteiro Mor têm respectivamente 5,43 m, 4,95 e 5,10 m de P.A.P. e cerca de 37 m de altura. Os dois primeiros encontram-se próximos, cobrindo as suas copas uma área de 2000 m² (Fot. 127).

- Os da cerca do Hospital de D. Amélia, é sem dúvida o mais majestoso, tendo 5,4 m de P.A.P. (bifurcando-se o tronco a 2,5 m de altura), 29 m de diâmetro de copa e 27,5 m de altura. Esta árvore está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo" (Fot. 128).

É de salientar que o tronco desta árvore em 42 anos (de 1941 a 1983) engrossou cerca de 20 cm.

- O da Quinta da Fonte, que fica junto à "Casa Residencial" (hoje colégio infantil e primário, denominado Beiral), tem 4,65 m de P.A.P., 24 m de diâmetro de copa e 26 m de altura.

Esta árvore está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

É de salientar que o tronco desta árvore, em 40 anos (de 1943 a 1983) engrossou 17,5 cm.



Fot. 127 — 2 monumentais plátanos, no Parque de Monteiro Mor, no Lumiar em Lisboa.



Fot. 128 — Plátano do Jardim do Hospital do Lumiar, em Lisboa, de porte excepcional.

- No concelho de Cascais, marginando o rio Vimeiro, junto à povoação de Caparide na freguesia de S. Domingos de Rana, há 5 plátanos, um isolado e 4 constituindo um conjunto, que estão considerados de interesse público, por decreto publicado em "Diário do Governo".

Não têm um porte grandioso, que os torne notáveis, pois o maior, que se encontra englobado no conjunto mencionado, tem 4,15 m de P.A.P. e 25 m de diâmetro de copa.

No entanto, por se situarem ao longo duma ribeira, sem vegetação, ainda por cima marginada por muros de quintas, torna-os majestosos, por se destacarem dentro deste tipo de paisagem.

- Na Quinta de Monserrate, em Sintra, próximo do Palácio há vários plátanos de grande porte, tendo o maior 5,2 m de P.A.P., bifurcando-se o tronco a 4 m de altura em duas grandes pernas, que formam uma copa muito ampla.
- No Parque Municipal de Sintra, junto ao ringue de patinagem, na parte superior, há um plátano, que tem 7,44 m de P.A.P.; é o segundo mais grosso que se conhece, ramificando-se o tronco a 2 m de altura em 3 grandes pernas, constituindo uma copa ampla com 25 m de diâmetro. Esta árvore está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo" (Fot. 129).
- Na Quinta da Abrigada, no concelho de Alenquer, junto à Casa Residencial, há um plátano com 5,10 m de P.A.P. e 27 m de diâmetro de copa, que está considerado de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".
- Em Elvas, na Quinta do Bispo, há um plátano com 5 m de P.A.P., 36,5 m de altura e 30 m de diâmetro de copa. É uma árvore muito frondosa, que deve ter sido plantada nos meados do século passado, sendo considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".



Fot. 129 — Plátano do Parque Municipal de Sintra, que é um dos mais grossos do País, com 7,44 m de P.A.P.

— Em Tomar há a registar dois plátanos monumentais — um no Jardim do Convento de Cristo e outro na Fábrica de Fiação de Tomar.

O exemplar do Convento de Cristo tem as seguintes dimensões:

Perímetro de tronco a 1,30 m do solo (P.A.P.) ..	4,10 m
Altura do tronco	7,00 m
Diâmetro da copa	32,00 m
Altura total	32,00 m

As dimensões do exemplar da Fábrica de Fiação de Tomar são:

Perímetro de tronco a 1,30 m do solo (P.A.P.) ..	4,50 m
Diâmetro da copa	32,00 m
Altura total	28,00 m

Julga-se que este plátano, assim como outros existentes no parque desta Fábrica, tenham presentemente 190 anos, e que foram plantados na altura da fundação desta unidade fabril.

É de salientar que Sousa Pimentel (33), em 1894, indicava um plátano nesta fábrica com 5,08 m de P.A.P., maior do que este, e que fôra plantado na mesma altura. Por informações colhidas, ninguém se lembra desse plátano, o qual desapareceu há mais de 40 anos.

— Em Condeixa-a-Nova, no cruzamento da estrada n.º 10-1.ª com a n.º 55-2.ª e Ramal 43-2.ª, há um exemplar considerado de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

— Em terrenos da Universidade do Porto, na Rua do Campo Alegre 1015, há dois grandes plátanos, um deles com 5,94 m de P.A.P., 25 m de altura e 27 m de diâmetro de copa; o outro com 4,57 m de P.A.P., 9,5 m de altura de tronco até às 1.ªs pernas, 25 m de altura e 30 m de diâmetro de copa.

— Em Paços de Sousa, há um plátano monumental protegido com um muro à volta, que tem 5,55 m de P.A.P., 35 m de altura e 25 de diâmetro de copa.

Por fim não queremos deixar de mencionar a espectacular Avenida dos Plátanos, em Ponte de Lima, junto ao rio Lima, constituída por duas filas de árvores, (no total 87 árvores), com 4 a 5 m de P.A.P., que pela sua beleza, grandiosidade e uniformidade, deveriam ser considerados de interesse público.

PODOCARPOS

Pertence à Família das Podocarpaceas.

Foram introduzidas no País algumas espécies de *Podocarpus* em alguns parques e jardins.

O único exemplar que conhecemos e que merece referência, situa-se na Quinta das Lágrimas em Coimbra, e pertence à espécie *Podocarpus gracilior*, oriunda do Uganda e Kênia.

PSEUDOTSUGA MENZIESII

Pertence à Família das Pinaceas.

É uma espécie exótica introduzida em Portugal nos meados do século passado.

É originária da América do Norte, cuja área geográfica se estende por uma vasta zona paralela ao Oceano Pacífico, desde a Columbia Britânica até à Califórnia, numa faixa de 300 km em relação ao litoral.

Foi descoberta pelo britânico escocês Archibald Menzies, na expedição do Capitão Vancouver em 1792 (razão do actual nome científico, dado pelo botânico português Prof. João Franco) e introduzida na Europa em 1827 por David Douglas (razão do seu anterior nome).

Tem em Portugal condições ecológicas muito favoráveis à sua cultura, e por esse facto o fomento desta espécie tem grande interesse económico, pelo seu muito rápido crescimento e qualidade da sua madeira.

Existem vários povoamentos no País, com desenvolvimento excepcional, principalmente na Serra da Estrela em Manteigas, Serras da Lousã e Serra da Padrela.

O maior exemplar existente no País, situa-se na Mata do Buçaco (próximo da casa do guarda da Porta da Lapa), tendo 4,45 m de P.A.P. e 45 m de altura.

Segundo Brito Peres (11), foi plantado em 1882, e tinha em 1964 3,80 m de P.A.P., verificando-se assim em 18 anos, um engrossamento em diâmetro de 20 cm (fot. 130).



Fot. 130 — Pseudotsuga do Buçaco que deve ser a maior do País.

Na Serra da Estrela, próximo da Pousada de S. Lourenço a um altitude de 1400 m, foi plantado em 1905 um pequeno povoamento desta espécie, em que as árvores têm presentemente 0,80 a 1,05 m de D.A.P. e cerca de 50 m de altura. Trata-se do povoamento mais espectacular do País, que tem sido admirado mesmo por técnicos americanos, que afirmam não existir no seu País, exemplares maiores com aquela idade.

Também na Serra da Padrela, no perímetro florestal de Vila Pouca de Aguiar, existe um espectacular povoamento de *Pseudotsugas*, com cerca de 50 anos, situando-se os maiores exemplares junto a uma linha de água, próximo do antigo viveiro.

No Parque de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego também existem alguns exemplares de grande porte, com cerca de 73 anos.

Na cidade da Guarda, num pequeno jardim infantil (Jardim da Infância de S. Luzia) há um exemplar com 3,35 m de P.A.P.

No Parque de Vidago existe um exemplar com 3 m de P.A.P. e 48 m de altura.

Por fim no Parque da Pena existem dois exemplares respectivamente com 3,5 a 3,9 m de P.A.P., situando-se o 1.º junto à Fonte dos Passarinhos e o 2.º junto ao caminho que segue da Tapada do Mouco para o Chalé da Condessa.

Por medições feitas pelo Prof. Azevedo Gomes (7) e agora por nós, verificou-se que esta última árvore engrossou em 25 anos cerca de 24 cm.

ROBINEA (*Robinea Pseudoacacia*)

Pertence à Família das Leguminosas, Sub-Família das Mimosoideas.

É uma espécie oriunda dos Estados Unidos da América do Norte bastante plantada no nosso País, em parques, jardins, praças públicas, ruas e estradas.

É uma espécie da Família das Leguminosas, de folha caduca, mas de copa densa, dando normalmente uma sombra apetecível.

Há bastantes exemplares de grande porte, destacando entre eles um existente no Jardim das Águas Livres em Lisboa, que tem 2,90 m de P.A.P. em que o tronco a 2,5 m se ramifica em 8 grossas pernas, formando uma copa com 24 m de diâmetro.

Também no Jardim do Campo Santana (Braamcamp Freire) em Lisboa há um conjunto de robineas, que são consideradas de interesse público.

Não queremos deixar de salientar que esta espécie é muito fomentada na Europa de Leste, com uma área plantada da ordem dos 500 000 ha, com destaque para a Hungria com 271 000 ha, o que representa 19% da área florestal desse País.

SCHOTIA SPECIOSA

Pertence à Família das Leguminosas.

É uma espécie originária da África do Sul, rara no nosso País. O único exemplar que merece ser assinalado situa-se no Jardim Botânico da Ajuda, que deve ter cerca de 200 anos, tendo sido plantado por Domingos Vandelli, 1.º Director deste Jardim.

É uma árvore que forma um grande caramanchão, assente em armação de ferro, cuja copa ocupa 200m² (Fot. 131).



Fot. 131 — *Schotia speciosa*, no Jardim Botânico da Ajuda, formando um grande caramanchão.

SEQUOIAS

Pertencem à Família das Taxodiaceas.

Em Portugal há duas espécies de sequoias — *Sequoiadendron giganteum* e *Sequoia sempervirens* — a 1.ª oriunda das encostas ocidentais da Serra da Nevada, na Califórnia, em altitudes entre 1200 e 1800 metros, e a 2.ª da faixa costeira do Pacífico, do vale de Oregon até à região de Monterey, também na Califórnia.

São as árvores mais espectaculares do Mundo, tanto pelo seu porte, altura e idade, conforme se indica na introdução deste trabalho. No entanto em Portugal não atingem (ou não atingiram ainda) as dimensões assinaladas no seu País de origem, por serem talvez ainda muito novas, com cerca de 100 anos ou pouco mais.

Sequoia sempervirens

Esta espécie é a mais difundida no nosso País, existindo belos povoamentos na Mata do Buçaco e Parque da Pena, assim como noutros locais, com porte excepcional — de 1 a 1,65 m de D.A.P. e 45 m de altura.

O maior exemplar existente no País situa-se na Mata do Buçaco com 5,22 m de P.A.P. e 45 m de altura, que foi plantado em 1879, e fica próximo de St.ª Teresa.

Esta árvore que foi medida em 1964 por Brito Peres (11), tinha 4,45 m de P.A.P., tendo presentemente 5,22 m, o que indica estar em pleno desenvolvimento, tendo engrossado em 19 anos 24 cm de diâmetro.

Próximo desta árvore existem mais outras da mesma espécie, também de porte excepcional, com perímetros de tronco da ordem de 4,5 a 5,15 m.

Igualmente é de referir um núcleo de *Sequoias sempervirens*, na curva da estrada que segue para o Hotel em que a maior tem 4,20 m de P.A.P.

No Parque da Pena existem vários exemplares de porte excepcional com 4 a 4,5 m de P.A.P. e 45 m de altura, situando-se o maior na encosta sobranceira ao lago, em frente à Fonte dos Passarinhos (Fot. 132).

Um dos exemplares mais grossos que se conhece, com um perímetro de 5,5 m na base do tronco, o qual bifurca a 1 m em 5 rebentos grossos, situa-se no Parque do Vidago.

É de assinalar igualmente um exemplar na Quinta de S. Francisco, no Eixo próximo de Aveiro, com 4 m de P.A.P. e 34 m de altura, plantação efectuada em 1902, assim como outro na Quinta das Lágrimas em Coimbra com 4 m de P.A.P.



Fot. 132 — *Sequoia sempervirens*, no Parque da Pena em Sintra.

***Sequoiadendron giganteum* (= *Sequoia gigantea*)**

Esta espécie tem em Portugal uma difusão restrita, sendo de assinalar o belo povoamento existente no parque público da Cidade da Guarda, com exemplares de 4,3 a 5,0 m de P.A.P. e 35 a 40 m de altura, assim como dois exemplares no Parque de Trancoso plantados em 1896, sendo um deles o mais grosso do País com 5,70 m de perímetro de tronco (Fot. 133).

Também é de citar um exemplar com 4,40 m de P.A.P. e 30 m de altura, na Ex-Escola Agrícola de Coimbra, dois no Parque de Bom Jesus de Braga, com 4,10 m de P.A.P., mas com as flechas algo danificadas pelos temporais e um outro no Sabugal (distrito da Guarda) com 5,65 m de P.A.P. e 30 m de altura (Fot. 134).

Por fim não queremos deixar de lamentar o abate do mais belo e maior exemplar existente no País, e que ficava na Quinta do Hospital em Tabuaço, e que fora classificado de interesse público.



Fot. 133 — Povoamento de *Sequoiadendron giganteum* (*Sequoia gigantea*), no Parque do Hospital Municipal da Guarda.



Fot. 134 — *Sequoiadendron giganteum* (*Sequoia gigantea*), no Sabugal com 5,65 m de P.A.P.

SOBREIRO (*Quercus suber*)

Pertence à Família das Fagaceas.

A área do País ocupada por montados de sobreiro é da ordem de 650 000 ha, que produzem anualmente, em média, 150 000 toneladas de cortiça, o que representa cerca de 50% da produção Mundial.

Devido às condições ecológicas excepcionais para o desenvolvimento desta espécie, existem no País vários sobreiros notáveis que, pelo seu porte e produção de cortiça, deveriam ser devidamente protegidos.

Antes de nos referirmos aos exemplares ainda vivos, não queremos deixar de mencionar alguns que ficaram célebres pelo seu porte excepcional e que desapareceram não há muitos anos, grande parte derrubados pelo ciclone de 1941. Outros por velhice e também pela prática do descortiçamento, que se generalizou a todo o País a partir do último quartel do século passado, que lhes veio encurtar a vida precocemente.

Nestas condições todos os sobreiros, que eram já de grande porte nos fins do século passado, devido aos sucessivos descortiçamentos a que ficaram sujeitos (normalmente um sobreiro não permite em média mais de 12 tiradas de cortiça), encontram-se neste momento no limite das "suas forças" e, por isso, estão a secar ou os proprietários, por verificarem que essas árvores já nada valem como produtoras de cortiça, estão a cortá-las para transformar os seus despojos em carvão.

É o caso da "Sobreira de El' Rei" na Herdade de Palma, que ainda há 10 anos era uma majestosa árvore, e que presentemente está moribunda, tendo já caído uma parte da copa (Fot. 147-148); de todos os sobreiros de grande porte na Herdade de Pai-Anes em Niza que rodeia a célebre sobreira citada por Sousa Pimentel em 1894 no seu livro "Árvores Giganteas de Portugal" e que ainda vive com bastante vigor por estar toda revestida de cortiça virgem (Fot. 136); de todos os grandiosos sobreiros da Herdade do Reguengo Grande, na freguesia de Relíquias do concelho de Odemira que também rodeavam a célebre sobreira "da Caganita", que ruiu totalmente há cerca de 5 anos, como se fosse um prédio dinamitado, produzindo um estrondo que assustou todos os povoados em redor. Este sobreiro (de que ainda resta a base do tronco) tinha cerca de 7 m de P.A.P., uma copa larga, debaixo da qual se semeava uma deca de trigo, e produzia mais de 200 arrobas de cortiça — era considerada a maior sobreira de todas as redondezas.

Também o ciclone de 1941 derrubou muitos sobreiros de porte excepcional destacando-se entre eles, o da *Herdade do Vale da Casca*, na freguesia de S. Luís do concelho de Odemira, que ficava junto ao "Monte" e que era de porte invulgar, avistando-se a grande distância e o da *Herdade da Afinserna* na freguesia de Colos do concelho de Odemira, que produziu cerca de 200 arrobas de cortiça.

Por fim não queremos deixar de assinalar outros sobreiros célebres, que infelizmente já desapareceram — é o caso de dois sobreiros na Quinta da Torre em Azeitão, um deles com um tronco com 12 m de P.A.P., que foi abatido em 1876, e o outro com 9 m de P.A.P., 18 m de altura e 28 m de diâmetro de copa, que deveria ter cerca de 300 anos de idade; do sobreiro multiseccular, junto à "Pedra da Audiência" no lugar de Quintãs em Avintes, derrubado por um temporal em 1962, e onde à sua sombra durante séculos, os juizes, nomeados pelo povo, administravam justiça e resolviam as contendas locais; do sobreiro de

Santo Amaro, junto à Capelinha do mesmo nome, em Tonda, próximo de Tondela, que segundo Gonçalves da Cunha (18), fôra há anos salvo pelo povo, das "fúrias devastadoras duma Junta de Freguesia, que o protegeu com um pequeno muro envolvendo a base do tronco corcomido e trifendido e lhe conferiu as honras de Santo". Ora este sobreiro, tão célebre e santificado pelo povo, foi agora, com grande espanto de todos, cortado para se fazer nesse local uma mísera edificação; do sobreiro da Valinha em Monção, que tinha 6,25 m de P.A.P. e que caiu devido a um temporal no dia em que morreu o Presidente Marechal Carmona, etc..

Presentemente ainda há muitos sobreiros monumentais que são célebres pelo seu porte (com troncos de 6 a 7,5 m de perímetro e copas de 25 a 30 m de diâmetro) e idade (muitos deles multisecculares), dos quais alguns completamente revestidos de cortiça virgem. Outros são também célebres, pelo seu tronco muito alto, onde as 1.^{as} pernadas se inserem a 8-14 m de altura, o que torna dificultosa a tiragem da cortiça (na generalidade numa só tirada), sendo essa tarefa efectuada apenas por alguns "tiradores", mais ousados, constituindo a extracção da cortiça desses sobreiros quase um feito heróico, sendo essa operação normalmente bastante festejada.

São bem conhecidos esses sobreiros, destacando-se entre eles o de Assumar, na Herdade da Coudelaria de Alter, com um tronco com 9 m de altura, até às 1.^{as} pernadas; o da Herdade de Vale de Gaios, na freguesia de S. Luís no concelho de Odemira com um tronco com 9,7 m de altura e o da Herdade de Cubeiros também no concelho de Odemira, com um tronco com 13 m de altura (Fot. 135).



Fot. 135 — Sobreiro da Herdade de Assumar (da Coudelaria de Alter), com um tronco com 9 m de altura.

Os sobreiros de porte invulgar ainda revestidos totalmente de cortiça virgem são raros, pois duma maneira geral são multiseculares, com 400 ou mais anos, e que já eram velhos quando no século passado se iniciou a exploração da cortiça e, por esse facto, talvez fossem salvos de morte prematura, por dificuldades do seu descortiçamento, devido à grande espessura de cortiça virgem.

Desses sobreiros monumentais, ainda completamente revestidos de cortiça virgem ou que deixaram de ser descortiçados há muitos anos, destacaremos os seguintes:

— *Sobreira da Herdade de Pai Anes*, que fica no Concelho de Niza, entre Niza e Póvoa de Meadas, a 4,4 Km desta povoação.

Deve ser sem dúvida o sobreiro mais espectacular do País, pois há cerca de 100 anos já fôra fotografado por Sousa Pimentel, tendo nessa altura as actuais dimensões (Fot. 136).

Se bem que anteriormente fôra parcialmente descortiçado (as pernas principais) conforme descrição de Sousa Pimentel no seu livro "Árvores Giganteas de Portugal" publicado em 1894, no entanto desde há muitos anos deixou de o ser, pois presentemente dá a impressão que está todo revestido de cortiça virgem.

O tronco mantém a mesma grossura (7,20 m) e a copa idêntica dimensão (presentemente de 30 m de diâmetro), se bem que algumas grandes pernas já tivessem caído, com o ciclone de 1941 (Fot. 137).



Fot. 136 —
Sobreira de Pai Anes, no concelho de Niza, já citado por Sousa Pimentel em "Árvores Giganteas de Portugal".

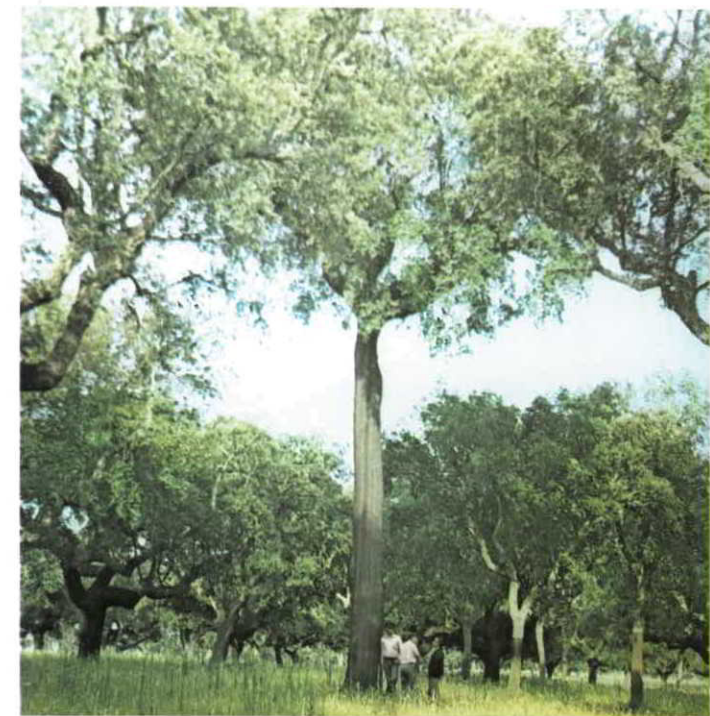


Fot. 137 —
A mesma sobreira da fotografia anterior.

Santo Amaro, junto à Capelinha do mesmo nome, em Tonda, próximo de Tondela, que segundo Gonçalves da Cunha (18), fôra há anos salvo pelo povo, das "fúrias devastadoras duma Junta de Freguesia, que o protegeu com um pequeno muro envolvendo a base do tronco corcomido e trifendido e lhe conferiu as honras de Santo". Ora este sobreiro, tão célebre e santificado pelo povo, foi agora, com grande espanto de todos, cortado para se fazer nesse local uma mísera edificação; do sobreiro da Valinha em Monção, que tinha 6,25 m de P.A.P. e que caiu devido a um temporal no dia em que morreu o Presidente Marechal Carmona, etc..

Presentemente ainda há muitos sobreiros monumentais que são célebres pelo seu porte (com troncos de 6 a 7,5 m de perímetro e copas de 25 a 30 m de diâmetro) e idade (muitos deles multiseculares), dos quais alguns completamente revestidos de cortiça virgem. Outros são também célebres, pelo seu tronco muito alto, onde as 1.^{as} pernas se inserem a 8-14 m de altura, o que torna dificultosa a tiragem da cortiça (na generalidade numa só tirada), sendo essa tarefa efectuada apenas por alguns "tiradores", mais ousados, constituindo a extracção da cortiça desses sobreiros quase um feito heróico, sendo essa operação normalmente bastante festejada.

São bem conhecidos esses sobreiros, destacando-se entre eles o de Assumar, na Herdade da Coudelaria de Alter, com um tronco com 9 m de altura, até às 1.^{as} pernas; o da Herdade de Vale de Gaios, na freguesia de S. Luís no concelho de Odemira com um tronco com 9,7 m de altura e o da Herdade de Cubeiros também no concelho de Odemira, com um tronco com 13 m de altura (Fot. 135).



Fot. 135 — Sobreiro da Herdade de Assumar (da Coudelaria de Alter), com um tronco com 9 m de altura.

Os sobreiros de porte invulgar ainda revestidos totalmente de cortiça virgem são raros, pois duma maneira geral são multiseculares, com 400 ou mais anos, e que já eram velhos quando no século passado se iniciou a exploração da cortiça e, por esse facto, talvez fossem salvos de morte prematura, por dificuldades do seu descortiçamento, devido à grande espessura de cortiça virgem.

Desses sobreiros monumentais, ainda completamente revestidos de cortiça virgem ou que deixaram de ser descortiçados há muitos anos, destacaremos os seguintes:

— *Sobreira da Herdade de Pai Anes*, que fica no Concelho de Niza, entre Niza e Póvoa de Meadas, a 4,4 Km desta povoação.

Deve ser sem dúvida o sobreiro mais espectacular do País, pois há cerca de 100 anos já fôra fotografado por Sousa Pimentel, tendo nessa altura as actuais dimensões (Fot. 136).

Se bem que anteriormente fôra parcialmente descortiçado (as pernas principais) conforme descrição de Sousa Pimentel no seu livro "Árvores Giganteas de Portugal" publicado em 1894, no entanto desde há muitos anos deixou de o ser, pois presentemente dá a impressão que está todo revestido de cortiça virgem.

O tronco mantém a mesma grossura (7,20 m) e a copa idêntica dimensão (presentemente de 30 m de diâmetro), se bem que algumas grandes pernas já tivessem caído, com o ciclone de 1941 (Fot. 137)



Fot. 136 —
Sobreira de Pai Anes, no concelho de Niza, já citado por Sousa Pimentel em "Árvores Giganteas de Portugal".

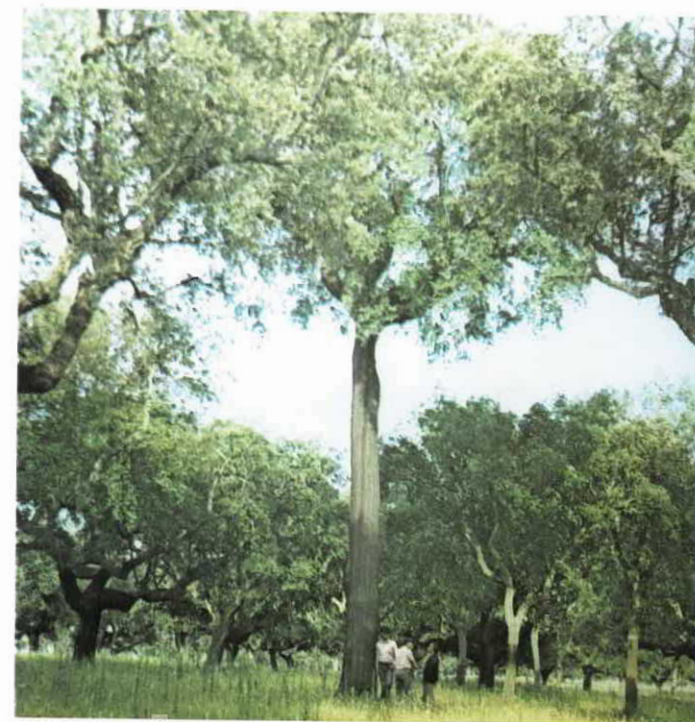


Fot. 137 —
A mesma sobreira da fotografia anterior.

Santo Amaro, junto à Capelinha do mesmo nome, em Tonda, próximo de Tondela, que segundo Gonçalves da Cunha (18), fôra há anos salvo pelo povo, das "fúrias devastadoras duma Junta de Freguesia, que o protegeu com um pequeno muro envolvendo a base do tronco corcomido e trifendido e lhe conferiu as honras de Santo". Ora este sobreiro, tão célebre e santificado pelo povo, foi agora, com grande espanto de todos, cortado para se fazer nesse local uma mísera edificação; do sobreiro da Valinha em Monção, que tinha 6,25 m de P.A.P. e que caiu devido a um temporal no dia em que morreu o Presidente Marechal Carmona, etc..

Presentemente ainda há muitos sobreiros monumentais que são célebres pelo seu porte (com troncos de 6 a 7,5 m de perímetro e copas de 25 a 30 m de diâmetro) e idade (muitos deles multiseculares), dos quais alguns completamente revestidos de cortiça virgem. Outros são também célebres, pelo seu tronco muito alto, onde as 1.^{as} pernas se inserem a 8-14 m de altura, o que torna difícil a tiragem da cortiça (na generalidade numa só tirada), sendo essa tarefa efectuada apenas por alguns "tiradores", mais ousados, constituindo a extracção da cortiça desses sobreiros quase um feito heróico, sendo essa operação normalmente bastante festejada.

São bem conhecidos esses sobreiros, destacando-se entre eles o de Assumar, na Herdade da Coudelaria de Alter, com um tronco com 9 m de altura, até às 1.^{as} pernas; o da Herdade de Vale de Gaios, na freguesia de S. Luís no concelho de Odemira com um tronco com 9,7 m de altura e o da Herdade de Cubeiros também no concelho de Odemira, com um tronco com 13 m de altura (Fot. 135).



Fot. 135 — Sobreiro da Herdade de Assumar (da Coudelaria de Alter), com um tronco com 9 m de altura.

Os sobreiros de porte invulgar ainda revestidos totalmente de cortiça virgem são raros, pois duma maneira geral são multiseculares, com 400 ou mais anos, e que já eram velhos quando no século passado se iniciou a exploração da cortiça e, por esse facto, talvez fossem salvos de morte prematura, por dificuldades do seu descortiçamento, devido à grande espessura de cortiça virgem.

Desses sobreiros monumentais, ainda completamente revestidos de cortiça virgem ou que deixaram de ser descortiçados há muitos anos, destacaremos os seguintes:

— *Sobreira da Herdade de Pai Anes*, que fica no Concelho de Niza, entre Niza e Póvoa de Meadas, a 4.4 Km desta povoação.

Deve ser sem dúvida o sobreiro mais espectacular do País, pois há cerca de 100 anos já fôra fotografado por Sousa Pimentel, tendo nessa altura as actuais dimensões (Fot. 136).

Se bem que anteriormente fôra parcialmente descortiçado (as pernas principais) conforme descrição de Sousa Pimentel no seu livro "Árvores Giganteas de Portugal" publicado em 1894, no entanto desde há muitos anos deixou de o ser, pois presentemente dá a impressão que está todo revestido de cortiça virgem.

O tronco mantém a mesma grossura (7.20 m) e a copa idêntica dimensão (presentemente de 30 m de diâmetro), se bem que algumas grandes pernas já tivessem caído, com o ciclone de 1941 (Fot. 137).



Fot. 136 —
Sobreira de Pai Anes, no concelho de Niza, já citado por Sousa Pimentel em "Árvores Giganteas de Portugal".



Fot. 137 —
A mesma sobreira da fotografia anterior.

É de referir que na parte anteriormente descortiçada (pernadas), produzia cerca de 100 arrobas de cortiça.

Também não queremos deixar de salientar, que próximo deste sobreiro existem vários exemplares de grande porte, com 4 a 5.5 m de P.A.P., que se encontram em franca decadência, já não dando cortiça e, por isso, condenados a serem abatidos para carvão. Também não queremos deixar de referir que no mesmo local existe um outro sobreiro de grandes dimensões ainda totalmente coberto de cortiça virgem (Fot. 138), implantado sobre um bloco de granito, no qual fora escavada uma sepultura, mesmo junto a essa árvore.



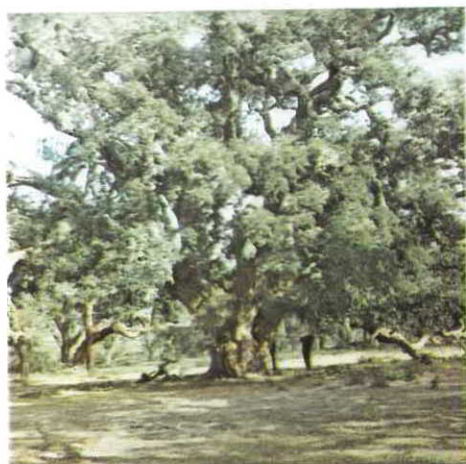
Fot. 138 — Outro sobreiro na Herdade de Pai Anes, também todo revestido de cortiça virgem.

— *Sobreira das Antas*, fica no concelho de Grândola a cerca de 8 Km a poente da sede do concelho, próximo do povoado denominado Sobreiras Altas, que é servido por uma estrada camarária que liga a estrada Grândola-Comporta à estrada Comporta-Melides, próximo das Fontainhas do Mar.

É o mais belo e monumental sobreiro do País, com um tronco com 6.35 m de perímetro (P.A.P.) de onde partem 3 pernas muito grossas, que constituem a base duma copa densa e bem equilibrada, que tem 30 m de diâmetro e 20 de altura. É também notável a espessura de cortiça virgem, que nos permitiu calcular a idade desta árvore em cerca de 400 anos (Fot. 139 e 140).

— *Sobreiro da Assomadeira na Herdade de Montalvo*, no concelho de Ponte de Sor. Este sobreiro também é muito conhecido tendo o antigo proprietário desta Herdade (Sr. João Fernandes, já falecido), divulgado esta árvore através de um postal ilustrado, que reproduz uma tapeçaria da autoria de M. Vieira Natividade (mulher do grande cientista florestal Vieira Natividade, infelizmente já falecido).

Também Vieira Natividade reproduz a fotografia deste sobreiro, na sua publicação *Devotion Subericale* (43).



Fot. 139 — Sobreira multisecular da Herdade das Antas no concelho de Grândola, todo revestido de cortiça virgem.



Fot. 140 — Tronco da sobreira da fotografia anterior.

Esta árvore, que presentemente está protegida com uma vedação em torno da sua copa, tem as seguintes dimensões:

Perímetro do tronco (P.A.P.)	6.80 m
Altura	10.00 m
Perímetro da copa	25.00 m

Também não queremos deixar de salientar que o terreno junto ao pé desta árvore se encontra bastante erodido, estando assim descarnadas muitas raízes principais, no entanto devido aos cuidados que têm vindo a ser prestados, ainda mantém um bom aspecto vegetativo. (Fot. 141).



Fot. 141 — Sobreira multisecular da Herdade de Montalvo, no concelho de Ponte de Sôr, todo revestido de cortiça virgem.

— *Dois sobreiros na Herdade da Tramaqueira*, na freguesia de Pavia do concelho de Mora. Um deles fica à direita do caminho que vai da Tramaqueira para a Lagoa da Bicha. É uma árvore secular, que tem 4,30 m de P.A.P., 20 m de diâmetro de copa e 14 m de altura. O outro fica próximo do Monte da Herdade, junto à barragem e tem 3,6 m de P.A.P., 17,3 m de diâmetro de copa e 13,5 m de altura. É um sobreiro ainda novo, muito vigoroso e em pleno desenvolvimento, que foi plantado pelo avô da actual proprietária no dia do seu casamento (há cerca de 95 anos), tendo aquele determinado que este sobreiro nunca seria descortiçado.

Sobreiro de Belazaima do Chão, no concelho de Águeda — é uma árvore imponente com um tronco com 4,30 m de P.A.P. e 5 m de altura, e copa ampla, com 10 pernadas reais, com 22 m de diâmetro.

Por fim é de assinalar os inúmeros sobreiros seculares revestidos de cortiça virgem na Serra de Sintra, principalmente na Quinta de Monserrate, assim como no Parque Municipal do Bombarral.

Dos sobreiros que outrora foram descortiçados mas que deixaram de o ser já há bastantes anos, destacaremos os seguintes:

— *Sobreiro da Herdade da Afeiteira*, que fica na freguesia da Aldeia do Mato, no concelho de Coruche, próximo do Monte da Herdade.

Se bem que tivesse sido descortiçado por várias vezes, no entanto deixou de o ser já há bastantes anos, estando hoje revestido de cortiça muito espessa, lembrando cortiça segundeira nas pernadas e cortiça virgem no tronco.

Este sobreiro é muito célebre, tendo sido descrito em 1894 por Sousa Pimentel no seu livro "Árvores Giganteas de Portugal", do qual reproduzimos o seguinte:

"...é dos mais admiráveis pela quantidade de cortiça que produz".

O tronco tem 5 m de circunferência e na altura de pouco mais de 2 m nasce a primeira arranca; a segunda a 3 m e daí para cima a copa continua a bracejar muito, apresentando 45 pernadas e ramos grossos, que todos dão cortiça amadia. A altura é de 17 m e a copa mede 25 m de largura.

Este sobreiro mostra-se muito vigoroso e está perfeitamente são. Em 1879 deu 1465 Kg de cortiça (97,67 arrobas) e na colheita seguinte, que teve lugar em 1889, esta produção foi ainda excedida, porque atingiu a 1775 Kg (117 arrobas) devendo notar-se que a cortiça era de primeira qualidade e foi pesada 30 dias após depois de tirada. A superfície da produção suberosa explorada não é inferior a 200 m².

Presentemente este sobreiro tem 6,30 m de P.A.P. (tendo em 100 anos engrossado cerca de 40 cm), 23 m de diâmetro de copa e 16 m de altura. É de notar também que algumas pernadas mestras já caíram, no entanto esta árvore ainda mantém bom vigor vegetativo (Fot. 142).

— *Sobreira da Alcôva da Várzea*, que fica junto à estrada nacional, que atravessa esta aldeia, do concelho de Oliveira do Hospital.

Trata-se duma árvore monumental em que o tronco tem 6,9 m de P.A.P. e 6 m de altura, donde partem 3 grandes pernadas que formam uma copa ampla com 25 m de diâmetro e 23 m altura. É multisecular, tendo sido descortiçada 7 vezes a pau batido, deixando de o ser há já bastantes anos. É considerada de interesse público, por decreto publicado em "Diário do Governo" (Fot. 143).



Fot. 142 — Sobreiro da Herdade da Afeiteira na freguesia de Aldeia do Mato, no concelho de Coruche, de porte invulgar.



Fot. 143 — Sobreiro da Alcova da Várzea, no concelho de Oliveira do Hospital, de porte invulgar.

— *Sobreiro da Quinta dos Buxos*, na freguesia do Redondelo, concelho de Chaves, que tem 10,4 m de P.A.P., sendo o mais grosso sobreiro encontrado no País. É uma árvore muito velha, já em plena decadência, em que o tronco muito velho se ramifica em duas grossas pernas, tendo uma delas na base o perímetro de 6,5 m (Fot. 144).

Esta considerada de interesse público, por decreto publicado em "Diário do Governo".

— *Sobreiro do Paço de S. Cipriano*, na freguesia de Tabuadelo, no concelho de Guimarães. É uma árvore multiseccular, já bastante decrépita, tendo caído recentemente uma grande perna, abrindo um grande buraco, conforme se poderá verificar na fot. n.º 145. O tronco tem 6,25 m de P.A.P. e 4 m de altura. Está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

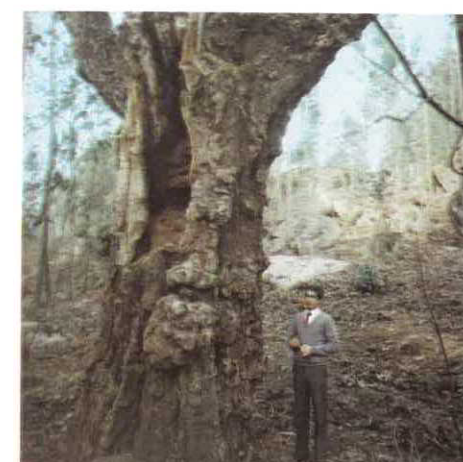
Também há a assinalar alguns sobreiros de grande porte que só parcialmente foram descortiçados.

Existem muitos sobreiros, que só em parte foram descortiçados, que já eram velhos no último quartel do século passado, quando se generalizou o descortiçamento a todos os montados de sobreiro. Há ainda muitos sobreiros em que o tronco não foi descortiçado, sendo apenas as pernas, e outros, a maioria, que não foi descortiçada a zona da junção do tronco com as pernas reais, que se denominou "colete de cortiça virgem".

No 1.º caso assinala-se um sobreiro da *Tramagueira*, na freguesia de Pavia, concelho de Mora, que tem 4,4 m de P.A.P., 14 m de altura e 20 m de diâmetro de copa.



Fot. 144 — Sobreiro da Quinta dos Buxos, na freguesia de Redondelo, no concelho de Chaves, que deve ser dos mais velhos do País, e que tem 10,4 m de P.A.P.



Fot. 145 — Sobreiro do Paço de S. Cipriano, no concelho de Guimarães: trata-se duma árvore multiseccular muito conhecida na região.

No 2.º caso assinala-se um sobreiro na *Herdade do Pinheirão*, próximo de *Azervadinha*, no concelho de Coruche, que tem 6,2 m de P.A.P., 12 m de altura e 18 m de diâmetro de copa (Fot. 146).

No que respeita a sobreiros totalmente descortiçados que ainda produzem cortiça destacaremos os seguintes:

— *Sobreira de El' Rei*, na *Herdade de Palma*, na freguesia de Palma do concelho de Alcácer do Sal, que fica próximo da estrada que liga o Monte de Palma à Herdade de Monte Novo.

Esta sobreira é conhecida pela sobreira de El' Rei, pois a tradição diz que à sombra dela descansou o rei D. João II, quando no fim da sua vida se deslocou ao Algarve, para se curar dos seus males nas Termas de Monchique, tendo vindo a morrer na povoação de Alvor.

Este sobreiro, quando em produção, ainda não há muitos anos, produzia mais de 100 arrobas de cortiça.

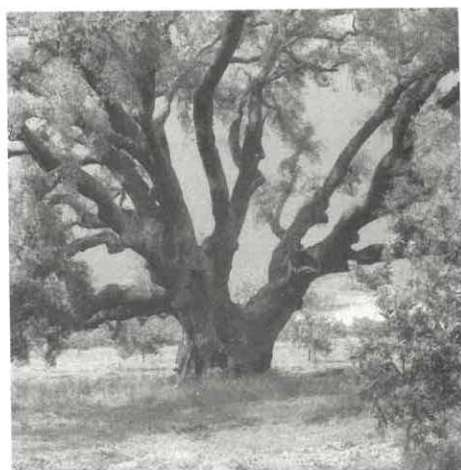
Infelizmente entrou em decrepitude por volta de 1950, quando foi plantado no local um laranjal regado, e, por esse facto, começou a ser afectado por excesso de humidade no solo.

Conforme fotografia tirada em 1970, este sobreiro, se bem que já algo afectado pelo regadio da várzea, ainda mantinha uma grande vitalidade, com um tronco algo curto mas com 6,90 m de D.A.P., e uma copa imponente e redonda com 28 m de diâmetro (Fot. 147).

Infelizmente conforme se poderá observar na fot. n.º 148 uma das pernas principais foi derrubada pelo ciclone de 31 de Dezembro de 1981, verificando-se que o tronco se encontrava em grande parte corcomido pelos anos e pela cárie, não sendo já a majestosa e bela árvore dos antigos tempos, mas sim uma velha carcassa moribunda. Ora árvores destas, de tão grande porte e idade (um dos sobreiros mais majestosos do País) e que têm a sua história, deveriam ter merecido uma outra atenção, pois não há dúvida que foi a incúria dos homens que apressou a sua rápida decadência.



Fot. 146 — Sobreiro da Herdade do Pinheiro próximo de Arzevadinha no concelho de Coruche, de grande porte e parcialmente descortçado.



Fot. 147 — Sobreira d'El Rei, há cerca de 10 anos, ainda com bom aspecto vegetativo.



Fot. 148 — Actual aspecto do sobreiro da fotografia anterior já sem uma das pernas reais.

É de salientar que na mesma herdade e bem próximo desta árvore existem também vários sobreiros de grande porte que deveriam ser protegidos.

— *Sobreiro da Herdade de Vale de Rei*, fica também no concelho de Alcácer do Sal, a 10 Km a norte desta vila, próximo da estrada que segue para Casebres, a 4 Km do cruzamento da estrada Alcácer do Sal-Setúbal.

É um sobreiro ainda em plena produção, de tronco curto, com 4,90 m de P.A.P., 17 m de altura e 26 m de diâmetro de copa.

— *Sobreiro da Herdade de Monte Couvo*, fica no concelho de Odemira a 4,5 Km a sul de S. Martinho das Amoreiras, a 2 Km à direita da estrada que liga aquela aldeia à Estação de Caminho de Ferro de Luzianes. É um dos maiores sobreiros do concelho de Odemira, tendo 25 m de altura, 4,5 m de P.A.P. e 30 m de diâmetro de copa, que é formada por 10 pernas reais muito grossas.

— *Sobreira da Herdade da Afinserna*, que fica também no concelho de Odemira, tendo 20 m de altura, 4,30 m de P.A.P. e 26 m de diâmetro de copa.

É de salientar que a copa desta árvore é muito bem constituída, formada por várias pernas reais, conforme se poderá verificar na fotografia (149).

— *Sobreira do Monte Velho*, que fica também na freguesia de Colos do concelho de Odemira, e que tem 4,44 m de P.A.P. e 25 m de diâmetro de copa, com várias pernas reais muito grossas, uma delas com 3,40 m de circunferência e outra com 3 m.

— *Sobreira da Herdade de Vale de Cebolas*, próximo da estrada de Canha a Vendas Novas, a 7 Km daquela aldeia.

Trata-se dum sobreiro majestoso, ainda em plena produção, que tem 5,75 m de P.A.P. e 27 m de diâmetro de copa (Fot. 150), a qual é constituída por 6 pernas mestras. É de notar que este sobreiro fôra medido por Baeta Neves em 1944, tendo nessa altura 5,4 m de P.A.P. (9), engrossando em 40 anos, apenas 11 cm.

— *Sobreira do Monte dos Frades do Meio*, no concelho de Vendas Novas, que tem 5,75 m de P.A.P., 14 m de altura e 25 m de diâmetro de copa. É um dos sobreiros mais imponentes do País e é pena que uma das pernas mestras tivesse sido derrubada pelo ciclone de 1941, pois a copa teria cerca de 30 m de diâmetro.

Esta árvore está protegida por uma vedação, que contorna a projecção do perímetro da copa.

— *Sobreira da Herdade do Coito*, fica na freguesia de Couço do concelho de Coruche, junto ao lado direito da estrada Couço-Coruche, próximo do Couço. Tem 5,10 m de P.A.P., 11 m de altura e 23 m de diâmetro de copa.



Fot. 149 — Sobreiro da Herdade de Afinserna, na freguesia de Colos do concelho de Odemira, um dos mais belos sobreiros do País.



Fot. 150 — Sobreiro da Herdade do Vale de Cebolas, na freguesia de Canha concelho de Vendas Novas, com 5,75 m de P.A.P. e 27 m de diâmetro de copa.

— *Sobreira da Ponte Negrinha*, fica na freguesia de St.º Estevão do concelho de Estremoz, próximo da povoação de St.º Estevão, junto à linha férrea de Estremoz-Portalegre.

Esta árvore tem 6,30 m de P.A.P., 11m de altura e 24,6 m de diâmetro de copa.

— *Sobreira de D. Maria*, fica na Tapada da Fonte Velha, próximo dum fontanário e lavadouro público, na periferia da Vila do Sardoal.

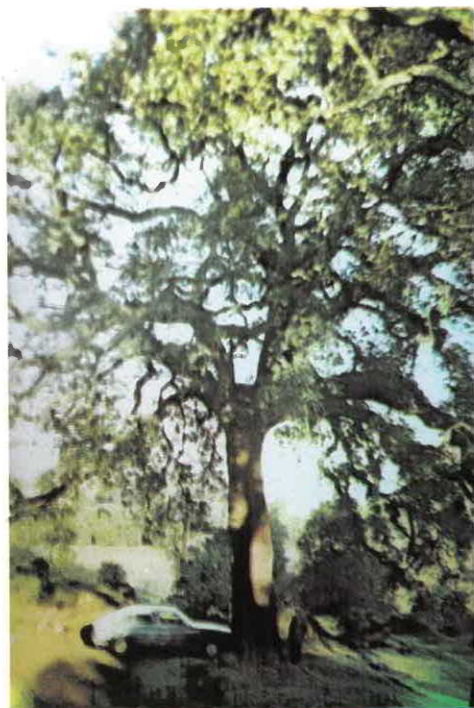
Tem um tronco esguio, com 4 m de P.A.P. e 7 m de altura, onde se inserem várias pernadas grossas, ao mesmo nível, constituindo uma copa algo original, ampla e equilibrada, com 24 m de diâmetro (Fot. 151).

Está considerada de interesse público por decreto em "Diário do Governo".

— *Sobreiro da Herdade do Galisteu*, na freguesia de Malpica do Tejo, tendo 6,50 m de P.A.P., 23 m de altura e 24 m de diâmetro de copa.

— *Sobreiro do Campo do Olival*, no Juncal do Campo, concelho de Castelo Branco, com dimensões também invulgares.

— *Sobreira da Quinteira*, fica próximo de Telhado, no concelho do Fundão, cerca do assento de lavoura da propriedade da Quinteira. É um sobreiro de tamanho invulgar para a região, com um tronco com 6,75 m de P.A.P. e 5 m de altura, que se ramifica em duas grossas pernadas, formando uma copa ampla com 26 m de diâmetro (Fot. 152).



Fot. 151 — Sobreira de D. Maria, no Sardoal, com um tronco com 7 m de altura e copa muito ampla.



Fot. 152 — Sobreira da Quinteira, próximo do Fundão, com 6,75 m de P.A.P. e 26 m de diâmetro de copa.

É uma árvore secular, algo enfraquecida resultante de 11 tiradas de cortiça, e por esse facto deveria ser protegida, de modo a não se efectuem mais extracções de cortiça. Está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

— *Dois sobreiros no concelho de Coimbra*, um no lugar de Adões, junto à estrada que atravessa esta povoação, na freguesia de Trouxemil e o outro na Quinta do Rol, na freguesia de Ançã.

O 1.º tem as seguintes dimensões — 4,7 m de P.A.P., 20 m de altura e 24 m de diâmetro de copa. É de assinalar que o tronco desta árvore tem cerca de 7,5 m de altura, de onde se ramificam praticamente no mesmo plano, várias pernadas reais.

O 2.º tem 4,3 m de P.A.P., 22 m de altura e 28 m de diâmetro de copa. É uma árvore monumental, de tronco curto, donde partem inúmeras pernadas reais, constituindo uma copa densa e ampla, conforme se poderá verificar na Fot. 153. Estes dois sobreiros são considerados de interesse público, por decreto publicado no Diário do Governo.

— *Dois sobreiros na Senhora das Amoras*, na freguesia de Raiva, concelho de Castelo de Paiva, próximo um do outro, com as seguintes dimensões:

a — 5,60 m de P.A.P., 16 m de altura e 20 m de diâmetro de copa

b — 4,50 m de P.A.P., 12 m de altura e 18 m de diâmetro de copa

— *Sobreiro do Bom Jesus de Braga*, fica junto à estrada que segue para a Falperra, tendo 4,70 m de P.A.P., 20 m de altura e 22 m de diâmetro de copa. Trata-se dum sobreiro de grandes dimensões, invulgar para a região.

Sobreiro no Peso em Melgaço, que é considerado de interesse público, e tem as seguintes dimensões: (Fot. 154).

Altura total — 29 m

Tronco com 4,72 m de P.A.P., direito e limpo de ramos até 7 m de altura, onde se inserem 5 pernadas reais.

Copa ampla, com 25 m de largura.



Fot. 153 — Sobreiro da Quinta do Rol, no lugar de Adões, na freguesia de Trouxemil, no concelho de Coimbra, notável pelas dimensões da sua copa.



Fot. 154 — Sobreiro na povoação do Peso, no concelho de Melgaço, de porte invulgar

SUMAÚMA (*Chorisia speciosa*)

Pertence à Família das Bombaceas.

É uma espécie originária da América do Sul (Argentina, Paraguai e Sul do Brasil).

É conhecida por sumaúma em virtude do seu fruto (grande) produzir uma espécie de algodão, que envolve as sementes.

Esta espécie é muito ornamental, cobrindo-se de lindas flores grandes, côr de rosa, de 5 pétalas, no mês de Outubro/Novembro.

É de referir igualmente que o seu tronco por vezes tem a forma de garrafa, e é revestido por espinhos, tipos aculios.

O maior exemplar existente no País fica no Jardim Botânico de Lisboa, que tem 5 m de P.A.P., em que o tronco se encontra despido de ramos até 8 m de altura, onde se inserem grandes pernadas, tendo a copa 21 m de diâmetro (Fot. 155).

Também é de mencionar 2 exemplares na Praça da Alegria em Lisboa, estando um deles classificado de interesse público (Fot. 156).



Fot. 155 — Sumaúma (*Chorisia speciosa*), no Jardim Botânico de Lisboa, sendo o maior exemplar do País.



Fot. 156 — Sumaúma (*Chorisia speciosa*), no Jardim da Alegria em Lisboa, em plena floração

TAXODIOS

Pertence à Família das Taxodiaceas.

É uma resinosa de folha caduca, originária do México e Sul dos Estados Unidos da América, vegetando normalmente em terrenos pantanosos.

Em Portugal foi introduzida a *Taxodium distichum* originária da Flórida e Louisiana e também a *Taxodium mucronatum* (rara).

No nosso País existem 5 exemplares desta espécie que merecem referência especial, três em Lisboa — no Jardim de Campo de Ourique, no Parque de Monteiro Mor (Parque do Museu do Traje) no Lumiar e no Jardim Botânico. O do Jardim de Campo de Ourique tem as seguintes dimensões:

5,60 m de P.A.P.

27 m de altura.

24 m de diâmetro de copa.

É de referir que a 1 m do solo, sai do tronco um ramo muito grosso (Fot. 157).

Esta árvore está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

— O do Parque de Monteiro Mor, no Lumiar tem 4,08 m de P.A.P. e 20 m de diâmetro de copa (único exemplar de *Taxodium mucronatum*).

— O do Jardim Botânico, é sem dúvida o maior e mais imponente, com um tronco com 4,32 m de P.A.P. (cilíndrico, direito e despido de ramos até à altura de 15 m), uma copa ampla e uma altura de 35,5 m.

Esta árvore deverá ter mais de 100 anos (Fot. 158).

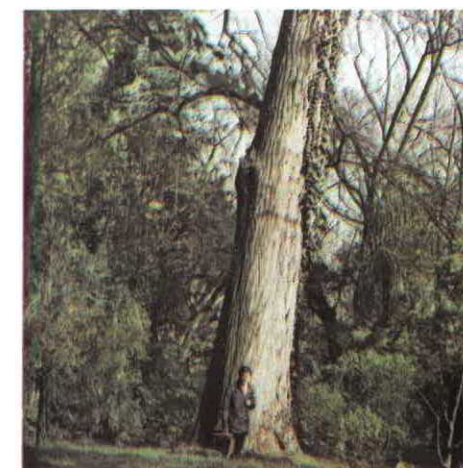
— O da Quinta de Monserrate em Sintra, com 4 m de P.A.P. e cerca de 30 m de altura.

— O da Quinta do Paço, em Moledos, próximo de Tondela, com 3,96 m de P.A.P., 30 m de altura, e 15 m de diâmetro de copa.

Por fim não queremos deixar de assinalar o monumental exemplar de *Taxodium mucronatum* existente no Cemitério de St.^a Cruz de Tule em Oaxaca, no México, com 34 m de P.A.P. e cerca de 3000 anos, sendo das árvores mais célebres do Mundo.



Fot. 157 — Taxodio no Jardim de Campo de Ourique em Lisboa.



Fot. 158 — Taxodio, no Jardim Botânico de Lisboa, sendo o maior do País.

TEIXO (*Taxus baccata*)

Pertence à Família das Taxaceas.

É uma resinosa indígena em Portugal, sendo espontânea nas montanhas do Norte.

É muito cultivada em parques e jardins, devido ao seu porte e beleza das suas folhas.

No País é de assinalar dois grandes exemplares, um junto às edificações do Albergue distrital de Mendicidade de Bragança e o outro na Quinta de Santa Rita em Seia (Fot. 159).

São árvores multiseculares, tendo a 1.^a 4,6 m de P.A.P., 10 m de altura e 16 m de diâmetro de copa, e a 2.^a uma dimensão algo inferior.

Estes dois exemplares estão considerados de interesse público por decreto publicado no "Diário do Governo".

TIL (*Ocotea foetens*)

Pertence à Família das Laureaceas.

É natural da Ilha da Madeira, onde existem ainda exemplares multiseculares de porte gigantesco, fazendo parte da vegetação climace daquela Ilha.

No Continente o único exemplar que conhecemos e de porte notável, situa-se no Jardim Botânico da Ajuda, devendo ter cerca de 200 anos.

É formado por inúmeros rebentos de toija, que constituem uma copa ampla com 20 m de diâmetro (Fot. 160).



Fot. 159 — Teixo multiseular, junto às edificações do Albergue de Mendicidade de Bragança.



Fot. 160 — Til, no Jardim Botânico da Ajuda.

TÍLIAS

Pertencem à Família das Tiliaceas.

No País foram introduzidas várias espécies de tílias, com dominância da *Tilia tomentosa* (= *Tilia argentea*), *Tilia cordata*, *Tilia platyphyllos*, originárias da Europa e *Tilia americana*, originária do Canadá e Estados Unidos da América do Norte.

Tratam-se de árvores muito ornamentais, utilizadas na arborização de parques, jardins, avenidas e arruamentos, existindo vários exemplares de porte excepcional.

A maior tília que se conhece, que é multiseular, sendo das 1.^{as} introduzidas no País, situa-se na Quinta de Cepeda, junto à Vila de Paredes, tendo 4,5 m de P.A.P., 22 m de altura e 24 m de diâmetro de copa (Fot. 161).

É de assinalar, que o proprietário desta Quinta todos os anos vende a um ervanário toda a flor na própria árvore, que ocupa durante 3 dias 20 homens na sua colheita.

Como é do conhecimento geral, da flor da tília obtêm-se um chá sedativo, que se vende em farmácias e ervanários.

Na Avenida das *Tílias cordata* na rua de D. Manuel II (em frente à entrada do Jardim do Palácio de Cristal) no Porto, há a destacar vários exemplares, tendo o maior 4,75 m de P.A.P. (Fot. 162).

— No Jardim Botânico de Coimbra, a Avenida das Tílias, plantada nos meados do século passado, é bem conhecida pela grandeza e homogeneidade das suas árvores, e também pela sombra apetecível no verão, tão aproveitada pelos estudantes em épocas de exame.

— No Jardim Dr. Matos Cordeiro, em Alijó, há duas tílias consideradas de interesse público.

— No parque da Vila de Oliveira do Hospital há uma *Tilia tomentosa*, de porte excepcional que tem 3,80 m de P.A.P., 25,5 m de altura e 24 m de diâmetro de copa (Fot. 163).



Fot. 161 — *Tilia tomentosa*, na Quinta de Cepeda na vila de Paredes, que deve ser a maior do País.



Fot. 162 — *Tilia cordata* na Rua de D. Manuel II no Porto, com 4,75 m de P.A.P.



Fot. 163 — *Tilia tomentosa*, em Oliveira do Hospital.

TIPUANA TIPU

Pertence à Família das Leguminosas, Sub-Família das Papilionoideas.

É uma espécie com folhas compostas, parecidas com as da Robínea, mas distinguindo-se desta fundamentalmente por ter flores amarelo-douradas, que torna esta árvore muito ornamental na altura da floração.

É originária da América do Sul (do norte da Argentina, Uruguai e Sul do Brasil), sendo conhecida nos seus Países de origem por Tipa.

O maior exemplar existente no País, fica no Jardim Botânico de Lisboa, tendo 3,70 m de P.A.P. e 28 m de diâmetro de copa. É uma árvore secular, devendo ter cerca de 110 anos.

É de considerar também um conjunto destas árvores no Jardim de Santos em Lisboa, pelo seu porte e por cobrirem uma grande área.

TUIAS

Pertencem à Família das Cupressaceas.

Existem vários exemplares de Tuias no País, no entanto a mais vulgar é a *Thuja gigantea* (*T. pliccata*), que é originária da América do Norte.

Os maiores exemplares desta espécie, que merecem menção, situam-se no Parque da Pena, em Sintra, com destaque especial para o exemplar próximo da Fonte dos Passarinhos, que tem 5,22 m de P.A.P.. É de realçar a existência de 4 ramos muito grossos, na parte inferior do tronco, o maior com 3,15 m de perímetro na base, e que a cerca de 3 m do tronco curvam para cima, na vertical, constituindo praticamente novos troncos complementares, dando à árvore a configuração dum candelabro.

TULIPERO (*Liriodendron tulipifera*)

Pertence à Família das Magnoliaceas.

É uma espécie originária da América do Norte, de folha caduca e flores que lembram as tulipas, razão do seu nome.

Em Portugal há vários exemplares de porte excepcional, destacando-se entre eles o existente na *Cidade do Porto na antiga Quinta dos Ribas*, próximo do cruzamento da Rua João de Deus com a Rua Pedro Hispano, que tem 7,17 m de P.A.P. e 35 m de altura (fot. 164).

É uma árvore secular, algo envelhecida, e que está considerada de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

Além deste exemplar são de assinalar os seguintes:

- Em terrenos da Universidade do Porto, na Rua do Campo Alegre n.º 1015, com 3,92 m de P.A.P. e 35 m de altura.
- Na Quinta do Vale de Abraão, da Família Serpa Pimentel, na freguesia de Samudães no concelho da Régua, com 6,25 m de P.A.P., 25 m de altura e 25 m de diâmetro de copa.
- No Parque do Palácio da Família Souto Mayor em Condeixa-a-Nova, com 4 m de P.A.P. e 25 m de altura, que está considerado de interesse público por decreto publicado no "Diário do Governo" (Fot. 165).
- Na Quinta do Paço em Moledos, no concelho de Tondela, com 4,45 m de P.A.P., 38 m de altura e 20 m de copa.
- No Parque da Pena em Sintra, junto à Fonte dos Passarinhos, com 3,5 m de P.A.P. e 30 m de altura.



Fot. 164 — Tulipero na cidade do Porto, com 7,17 m de P.A.P., que deve ser o maior do País.



Fot. 165 — Tulipero do Parque da Família Souto Mayor, em Condeixa-a-Nova.

ULMEIRO

Pertence à Família das Ulmaceas.

Em Portugal apenas uma única espécie indígena (*Ulmus minor*) se encontra muito disseminada, principalmente nas províncias das Beiras e Trás-os-Montes, sendo denominada por "negrilho" ou "mosqueiro".

É bastante afectada por um fungo (*Graphium ulmi*) e por dois insectos (*Scolytus spp*) e *Pirralta luteola*, que tem provocado grandes devastações. Por esse facto muitos ulmeiros têm secado, principalmente em Lisboa.

É o caso de vários exemplares de porte excepcional, alguns mesmo considerados de interesse público, como seja um exemplar no jardim em frente do Liceu Camões (Jardim Henriques Lopes de Mendonça) e outro no Campo Santana (Jardim Braamcamp Freire).

Também é de assinalar a morte dum grande exemplar no Jardim da Estrela, que se mantém de pé (tronco e base das pernadas), para indicar que ali viveu um ulmeiro "monumental" (Fot. 166).

No entanto no País ainda existem muitos exemplares de grande porte e avançada idade, destacando entre eles os seguintes:

- *Ulmeiro na Quinta do General, em Borba*, com 4,9 m de P.A.P. e 37 m de altura.
- *Ulmeiro no terreiro da Vila de Penamacor*, que tem 4,70 m de P.A.P., 17 m de diâmetro de copa e 34 m de altura.
- *Dois ulmeiros junto à estrada de Régua para o Porto a 500 m daquela vila*, tendo o maior 5,65 m de P.A.P. e 41 m de altura.
- *Um Ulmeiro na Ponte Seca em Vidago*, com 4 m de P.A.P. e 23 m de altura.
- *Ulmeiro de S. Martinho das Antas*, no concelho de Sabrosa, com 5,10 m de P.A.P. e 36 m de altura. Esta árvore está considerada de interesse público em publicação no "Diário do Governo" (Fot. 167).
- *Ulmeiro do Jardim da Cordoaria, no Porto*, com 6,80 m de P.A.P., sendo o mais grosso que conhecemos.

Esta árvore é muito conhecida no Porto pela "árvore da força", onde eram enforcados os condenados à pena capital, antes desta ter sido abolida em 1840.

Ainda hoje é bem visível o cadafalso, ou seja o patamar resultante do corte do tronco a 5 m de altura, conforme se poderá verificar na fot. n.º 168, donde eram empurrados os condenados à morte.

"Esta árvore foi plantada em 1611 em cumprimento de uma ordem de Filipe II, ao Senado da Câmara, em carta datada do Escourial, para que se plantasse uma alameda no Campo do Olival — que tal era e fôra longos séculos o nome do local, mudado pelo vulgo depois em Cordoaria, por causa duma fábrica de cordas e cabazes que lá se construiu e funcionou" (36).

Esta árvore está considerada de interesse público em publicação do "Diário do Governo".

Também ao longo de muitas estradas do País, principalmente nos Distritos de Viseu, Guarda, Vila Real e Bragança se assinalam muitos exemplares monumentais com mais de 4 m de P.A.P.



Fot. 166 — Antigo Ulmeiro do jardim da Estrela em Lisboa, que secou, tendo ficado o tronco e base das pernadas, como homenagem à sua antiga monumentalidade.

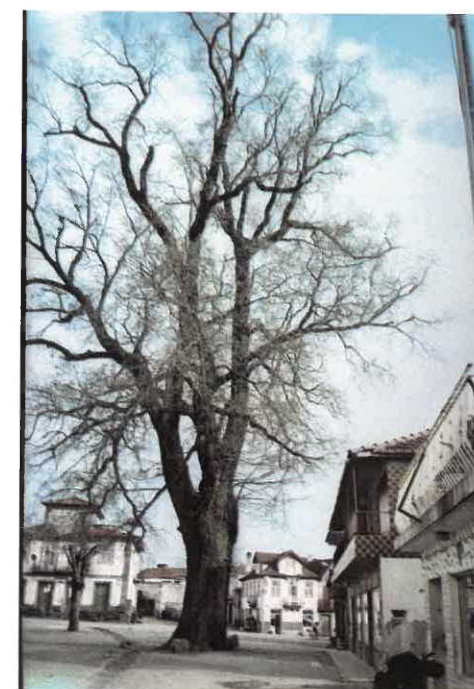


Fig. 167 — Ulmeiro de S. Martinho das Antas, com 5,10 m de P.A.P.

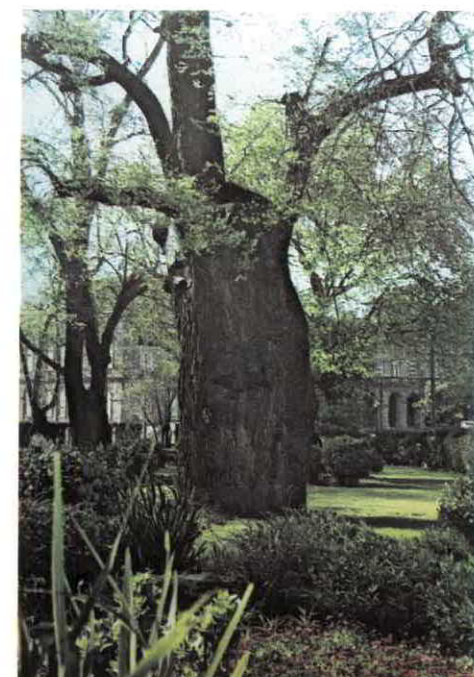


Fig. 168 — Ulmeiro do Jardim da Cordoaria, no Porto, denominado "árvore da força".

VINHÁTICO (*Phoebe indica*)

É uma espécie pertencente à Família das Lauraceas, como o loureiro.

É natural das Ilhas dos Açores e Madeira, produzindo uma madeira de excepcional qualidade para marcenaria.

Também é de assinalar a cor avermelhada das suas folhas no Outono, antes da sua queda, assim como o formato e cor dos seus frutos (bagas), que lembram as azeitonas.

É notável um exemplar no Jardim Municipal de Idanha-a-Nova, com 3,6 m de P.A.P. e 20 m de diâmetro de copa, que está considerado de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo".

Não queremos deixar de estranhar a existência nesta região de tão majestoso vinhático, em clima tão diferente daquele em que vegeta na sua área natural (Fot. 169).



Fot. 169 — Vinhático no Jardim Municipal de Idanha-a-Nova.

ZIMBROS (*Genero Juniperus*)

Pertencem à Família das Cupressaceas.

Em Portugal existem várias espécies de zimbros (genero *Juniperus*), no entanto a que atinge, por vezes, um porte arbóreo, é a *Juniperus communis*, que é espontânea no Minho e Trás-os-Montes.

É de assinalar dois exemplares de dimensões invulgares (Fot. 170), que se situam próximo da estrada de Mirandela-Alfândega da Fé, a 8 Km desta vila e que têm:

- a) 4,40 m de P.A.P., 10 m de altura e 10 m de diâmetro de copa.
- b) 3,10 m de P.A.P., 7 m de altura e 9 m de diâmetro de copa.



Fig. 170 — Zimbro (*Juniperus communis*), junto à estrada de Mirandela-Alfândega da Fé, de porte invulgar.

BIBLIOGRAFIA

- 1 —
Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.
Editorial Enciclopédia, Lda.
Lisboa — Rio de Janeiro
- 2 — 1944
A protecção da natureza e sua importância em silvicultura
— Agros XXVII
- 3 — 1982
À descoberta de Portugal
Seleções do Reader's Digest — Lisboa
- 4 — 1978
Parque do Monteiro-Mor
Secretaria de Estado da Cultura
Direcção-Geral do Património Cultural — Lisboa
- 5 — 1952
Arala Pinto, António
As árvores — Marinha Grande
- 6 — 1938-39
Arala Pinto, António
O Pinhal do Rei — Alcobaca
- 7 — 1960
Azevedo Gomes, Mário
Monografia do Parque da Pena
Direcção-Geral dos Serviços Florestais — Lisboa

- 8 — 1943
Baeta Neves, C.M.
Sobreiros "Monumentais da Natureza"
Boletim da Junta Nacional da Cortiça (43) — Lisboa
- 9 — 1944
Baeta Neves, C.M.
Sobreiros "Monumentais da Natureza"
O Sobreiro de Canha. Bol. da Junta Nacional da Cortiça (69)
- 10 — 1976
Bretaudeau, J.
Les conifères cultivés en Europe
Collect. des Technique Horticoles
Spécialisées. Ed. Bailliére — Paris
- 11 — 1964
Brito Peres, Álvaro de
Espécimes mais representativas da Mata do Buçaco — 1.^a parte resinosas.
Estudos e informações n.º 205 — Direcção-Geral dos Serviços Florestais
Lisboa
- 12 — 1976
Elpidio, J. Marques
O Oca Gigante de Monte Café
Boletim da Sociedade de Geografia (Julho-Dezembro)
- 13 — 1966
Farb, Peter
El Bosque
Edt. Life, em Espanhol
- 14 — 1945
Franco, João Amaral
A Cupressus Lusitanica Miller
(Notas acerca da sua história e sistemática)
Agros. Ano XXVIII/N.º 1 e 2.
- 15 — 1966
Galhardo y Gomes, Manuela
Sierra de Cazorda y de Segura
Madrid
- 16 — 1960
Goes, Ernesto
Os eucaliptos em Portugal, 1.º volume
Direcção-Geral dos Serviços Florestais

- 17 — 1979
Goes, Ernesto
Os eucaliptos gigantes de Portugal
Centro de Produção Florestal da Portucel — Lisboa
- 18 — 1937
Gonçalves da Cunha, A.
Árvores seculares, árvores gigantes
Naturália, Ano I, Vol. I, n.º 3
- 19 — 1938
Gonçalves da Cunha, A.
Árvores seculares, árvores gigantes
Naturália, Ano II, Vol. II
- 20 — 1873
Junior, Oliveira
Notícias sobre Araucarias cultivadas em Portugal
Porto
- 21 — 1979
Kereztezi, B.
Mimi — monogh on Robinea pseudoacacia
Tec. consultion on fast-growing
for mediterranean and temperate Zone
FAO — Lisboa
- 22 — 1936
Morais, A. Taborda
Árvores notáveis de Portugal
Anuário Socied. Broteriana II
- 23 — 1937
Morais, A. Taborda
Árvores notáveis de Portugal
Anuário Socied. Broteriana III
- 24 — 1938
Morais, A. Taborda
Árvores notáveis de Portugal
Anuário Socied. Broteriana IV
- 25 — 1939
Morais, A. Taborda
Árvores notáveis de Portugal
Anuário Socied. Broteriana V

- 26 — Palhinha, R. Teles
Jardins e jardineiros de Ponta Delgada
Bol. da Socied. de Geografia de Lisboa, n.º 3 e 4
- 27 — 1947
Palhinha, R. Teles
Jardin Botanique de Lisbonne
Ed. Int. Bot. Faculdade de Ciências de Lisboa
- 28 — 1955
Pardé, Leon
Les conifères
La Maison rustique, Librairie Agr. Horticale, Forestiere et Menager
- 29 — 1923
Pavari, Aldo
Eucalipti e Acacie nella Peninsula Iberica
Pub. R. Inst. Sup. Forest. Nazional
Florença-Itália
- 30 — 1961
Penfold, A.R. e Willis, J.H.
The eucalypts
Wald Crops Brooks — Londres
- 31 — 1954
Philippis, A. de
Gli eucalitti viziti in Austrália
Ente Nazionale
- 32 — 1876
Pimentel, C. A. Sousa
O Eucalipto Globulus — Lisboa
- 33 — 1884
Pimentel, C. A. Sousa
Árvores Giganteas de Portugal — Lisboa
- 34 — 1910
Pimentel, C. A. Sousa
Os nossos pinheiros (1.ª parte)
Escola Tip. Salesiana das Oficinas de S. José — Lisboa
- 35 — 1875
Raveret-Wattel
L'eucayptus
Librairie Centrale d'Agricult. et Jardinage — Paris

- 36 — 1943
Saldanha, S. da C. da Câmara
Protecção das Árvores e povoamentos notáveis
— Publicação da Direcção-Geral dos Serviços Florestais
- 37 — 1855
Sand, George
Un invern a Mayorque
Palma de Maiorca
- 38 — 1918
Sousa, J. Martins de
A Araucaria excelsea em Portugal
Bol. da Secretaria de Estado da Agricultura
- 39 — 1903
Árvores Gigantescas das Beiras
I — O Pinheiro de Castelo Novo
Broteria II (2)
- 40 — 1904
Tavares, J. Sousa
Árvores Gigantescas das Beiras
II — O Castanheiro do Fundão
Broteria III (4)
- 41 —
Tavares, J. Sousa
Árvores Gigantescas das Beiras
III — O Pinheiro da Covilhã
Broteria VI (1)
- 42 — 1927
Tude de Sousa
O Gerez
Coimbra Imprensa da Universidade
- 43 — 1960
Vieira Natividade, J.
Devotion Subericale — Les Herdades de Leitões et Montalvo,
de M. João Lopes
Fernandes — Alcobaça

ÍNDICE	Pág.
Prefácio	1
Introdução	3
Árvores célebres no Mundo	7
Árvores monumentais de Portugal	16
Acácias	22
Agates	22
Alfarrobeira	24
Araucarias	25
A. heterophylla	25
A. Bidwillii	28
A. Cunninghamii	29
A. columnaris	29
A. angustifolia	29
Árvores da Borracha (género Ficus)	30
Ficus macrophylla	30
Ficus rubiginosa	32
Azinheira	33
Bela Sombra (Phytolacca dioica)	37
Canforeira	38
Carvalhos	38
Carvalho cerquinho	39
Carvalho alvarinho	41
Castanheiro	47
Casuarina	51
Cedros	51
Cedrus deodora	52
Cedrus Atlantica	54
Cedrus Libani	54
Choupos (género Populus)	55

Ciprestes	56
Cupressus lusitanica	56
Cupressus macrocarpa	59
Cupressus sempervirens	61
Dacrydium cupressinum	61
Dragoeiro	61
Eucaliptos	63
E. amygdalina	64
E. bicostata	64
E. botryoides	64
E. camaldulensis	66
E. cornuta	66
E. diversicolor	67
E. globulus	68
E. linearis	76
E. obliqua	76
E. ovata	78
E. regnans	79
E. saligna	80
E. scabra	80
E. signata	81
E. sideroxylon	81
E. Smithii	81
E. Trabuti	82
E. viminalis	82
Eugenia Smithii	83
Faia	84
Freixos	85
Fraxinus angustifolia	85
Fraxinus pensilvanica	85
Gleditsia triacanthos	86
Grevillea	87
Lodão bastardo	87
Magnolias	88
Metrosideros	89
Nogueira	90
Oliveira	91
Palmeiras	94
Phoenix canariensis	94
Phoenix dactilifera	94
Washington filipera	94
Washington robusta	94
Jubaea chilensis	94
Pinheiros	96
Pinheiro Aycahuite	96
Pinheiro bravo	96

Pinheiro das C��n��rias	100
Pinheiro insigne	100
Pinheiro lariceo	101
Pinheiro manso	101
Pinheiro Montezumae	109
Pinheiro patula	110
Platanos	110
Podocarpos	114
Pseudotsuga	115
Robinea	116
Schotia speciosa	116
Sequoias	117
Sequoia sempervirens	117
Sequoiadendron giganteum	119
Sobreiro	120
Sumauma (Chorisia speciosa)	132
Taxodio	133
Teixo	134
Til	134
Tilias	135
Tilia tomentosa	135
Tilia cordata	135
Tipuana Tipu	136
Tuia	136
Tulipeiro	137
Ulmeiro	138
Vinh��tico	140
Zimbros	141
Bibliografia	142

ERRATA

Página	Linha	Fotografia	Onde se lê	Leia-se
8	27		Ricardo	Ricaredo
9		3	Tete	Catete
18	40		em 1644	antes de 1644
18	51		século XVII	século XVIII
26	8		século XVII	século XVIII
96	31		caso de olival	no caso de olival
96	32		onde as oliveiras	as oliveiras

COMPOSTO E IMPRESSO
NA
TIP. LISBONENSE
—
RUA DO PASSADIÇO. 48 - 56
1100 LISBOA